

J. M. BARRIE

Traduzido por Gabriel Naldi  
Ilustrado por André Ducci

































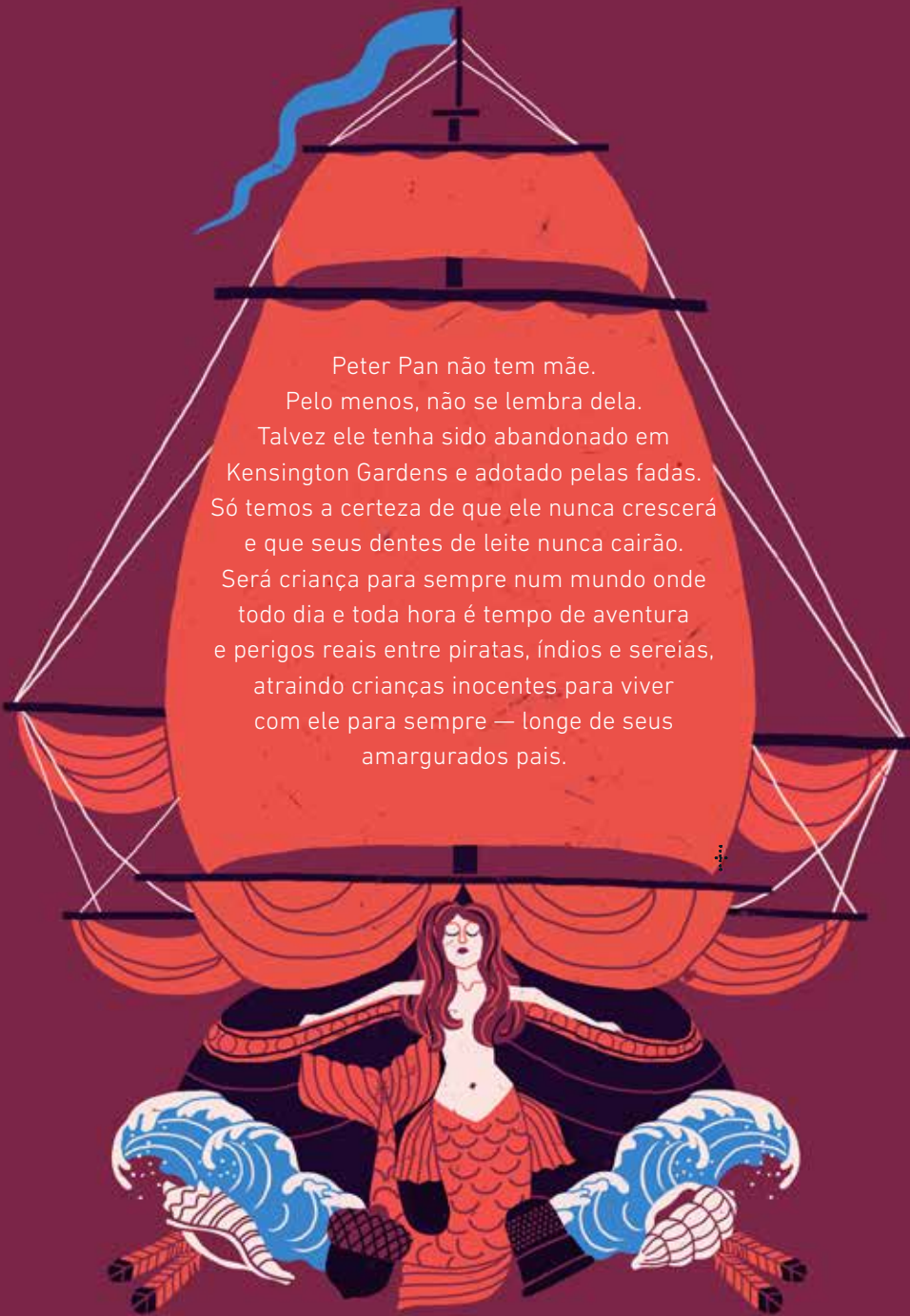










A stylized illustration of a red sailboat with a blue flag, set against a dark red background. The sail is a large, rounded shape. Below the sail, a mermaid with long brown hair and a red, scale-like dress is depicted. She is holding two blue, wave-like objects in her hands. The overall style is graphic and modern.

Peter Pan não tem mãe.  
Pelo menos, não se lembra dela.  
Talvez ele tenha sido abandonado em  
Kensington Gardens e adotado pelas fadas.  
Só temos a certeza de que ele nunca crescerá  
e que seus dentes de leite nunca cairão.  
Será criança para sempre num mundo onde  
todo dia e toda hora é tempo de aventura  
e perigos reais entre piratas, índios e sereias,  
atraindo crianças inocentes para viver  
com ele para sempre — longe de seus  
amargurados pais.

[www.dominioapublico.org.br](http://www.dominioapublico.org.br)

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES  
EXTRAORDINÁRIOS

CLE

MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS





# Peter Pan & Wendy

J.M. BARRIE

1ª edição

Traduzido por Gabriel Naldi

Ilustrado por André Ducci





# PETER ATRAVESSA

**T**odas as crianças, menos uma, crescem. Elas entendem isso rápido. Wendy descobriu esse fato com apenas dois anos. Nesse dia, a pequena brincava em um jardim, colheu outra flor do chão e decidiu levá-la correndo para sua mãe. Provavelmente, estava tão encantadora que a senhora Darling, ao vê-la, pôs as mãos no peito e suspirou:

— Ah, por que você não fica assim para sempre?

Bastou isso para, desde aquele dia, Wendy entender que deveria, obrigatoriamente, crescer. Todos nós sabemos disso. Percebemos logo após alcançarmos os dois anos de idade. Dois anos é o começo do fim.

A família morava na casa nº 14. Antes de Wendy chegar, sua mãe mandava em tudo. Era uma pessoa adorável, com a cabeça cheia de ideias românticas e palavras doces e provocadoras. Seus pensamentos eram como os jogos de caixinhas lá do Oriente misterioso, aquelas que cabem uma dentro da outra. Não importa quantas você abra, sempre encontrará

mais uma dentro. Na boca graciosamente provocadora da senhora Darling havia um beijo que Wendy nunca conseguiu ganhar, embora estivesse ali, eternamente visível, no cantinho direito dos lábios.

O senhor Darling a conquistou da seguinte maneira: muitos rapazes que foram meninos na mesma época em que ela ainda era uma menina descobriram, simultaneamente, que a amavam. Todos correram até sua casa para pedi-la em casamento, exceto o senhor Darling, que foi de táxi e chegou primeiro. Foi assim que ele conquistou quase tudo nela, menos aquela caixinha mais escondida e o beijo do cantinho direito dos lábios. Aliás, ele nunca sequer soube da existência de tal caixinha. Depois, com o passar do tempo, também desistiu do beijo. Wendy achava que Napoleão teria conseguido, mas posso imaginá-lo tentando e desistindo irritado, batendo a porta.

O senhor Darling costumava se gabar para Wendy. Ele costumava dizer que sua mãe não somente o amava, mas também o respeitava. Era um daqueles sujeitos sérios que conhecem o mercado financeiro. Claro que ninguém entende de verdade esse tal mercado, mas ele parecia mesmo entender. Às vezes, dizia que as ações tinham subido e que o valor dos títulos havia caído. Falava com tanta propriedade que qualquer mulher o respeitaria.

A senhora Darling se casou de branco. No começo, ela mantinha as contas da casa perfeitamente organizadas, quase com alegria, como se quisesse ganhar uma competição. Não deixava de anotar sequer o preço de um maço de couve. No entanto, pouco a pouco, couves-flores inteiras foram deixando de ser contabilizadas. Agora, o que havia nos livros-caixa eram desenhos de bebês sem rosto. Ela os desenhava em vez de fazer contas. Era como se os estivesse atraído.

Assim, primeiro veio Wendy, depois John e, por fim, Michael.

Uma semana ou duas após Wendy chegar ainda pairavam dúvidas se eles seriam capazes de criá-la. Afinal, tratava-se de mais uma boca para

alimentar. Por mais orgulhoso que o senhor Darling estivesse com o nascimento da filha, ele era um homem zeloso com as contas da casa. Sentado à beira da cama, ele segurava a mão da esposa enquanto calculava as despesas futuras. Ela, por sua vez, suplicava com os olhos. Queria arriscar, fosse como fosse. No entanto, não era assim que ele fazia as coisas. Tudo deveria estar na ponta do lápis. Preto no branco. Se acaso os palpites da senhora Darling atrapalhassem suas contas, ele as recomeçava.

— Não me interrompa agora — ele implorava.

— Cheguei a uma libra e dezessete xelins<sup>1</sup> de despesas da casa, mais duas libras e seis xelins no escritório. Posso cortar o café que tomo lá, digamos que dê dez xelins; isso nos deixa com duas libras, nove xelins e seis centavos; somando com seus dezoito e três, temos três libras e sete; com as cinco zero zero do salário, dá oito libras, nove e sete... Quem está se mexendo? Oito, nove, sete, vão sete... Não diga nada, minha querida... E tem aquela libra que você emprestou para o homem que veio pedir à porta... Quietinha, minha criança. Soma mais uma criança... Pronto, já me perdi! Eu disse nove libras, nove xelins e sete centavos? Sim, eu disse. Nove, nove e sete. A pergunta é: conseguiremos passar um ano com nove, nove e sete?

— Claro que conseguiremos, George! — a senhora Darling exclamou, tomando partido sempre a favor de Wendy. Contudo, ele era o mais firme dos dois.

— Lembre-se da caxumba! — anunciou ele quase em tom de ameaça e começando tudo de novo. — Para a caxumba, vamos reservar uma libra, mas imagino que está mais para trinta xelins... não fale agora... Sarampo, uma libra e cinco; rubéola, meio guinéu, isso dá duas libras, quinze xelins e seis... Nada de batucar esse dedinho... para tosse comprida, uns quinze xelins...

---

<sup>1</sup> Tradução de “*shilling*”, moeda que valia a vigésima parte da libra esterlina britânica. Foi utilizada até fevereiro de 1971.



E seguia somando, porém, as despesas sempre apresentavam resultados diferentes. Por fim, os gastos com Wendy couberam nas contas, mas foi por pouco. O custo da caxumba, por exemplo, foi reduzido a doze xelins e seis centavos, enquanto sarampo e rubéola terminaram contabilizados como uma única doença.

A chegada de John causou o mesmo alvoroço. Michael passou ainda mais apertado, mas eles ficaram com os dois. Em pouco tempo era possível ver os três caminhando em fila para o jardim de infância da senhorita Fulsom, acompanhados de sua babá.

A senhora Darling gostava das coisas muito corretas. O senhor Darling era obcecado em ser exatamente como seus vizinhos; portanto, é óbvio que tinham uma babá. Como não tinham dinheiro, por conta da quantidade de leite que precisavam comprar para as crianças, essa tal babá era uma cadela toda orgulhosa, da raça terra-nova, chamada Nana, que não tinha casa até ser contratada pelos Darlings. No entanto, Nana já tinha experiência em zelar pelos pequenos mesmo antes disso. Ela conheceu os Darlings em Kensington Gardens, onde passava seu tempo livre xeretando carrinhos de bebê e fazendo inimizade com as babás desleixadas, já que as seguia até suas casas e as denunciava às patroas. Nana provou ser uma babá bastante valiosa. Era rigorosa na hora dos banhos e, à noite, ficava alerta ao menor ruído que seus protegidos fizessem. Obviamente sua casinha ficava no próprio quarto das crianças. Tinha um talento nato para saber quando uma tosse era algo sem importância ou quando exigia um cachecol no pescoço. Acreditava piamente na eficácia dos remédios antigos, como folha de ruibarbo. Bufava em desprezo quando ouvia modernices sobre germes e coisas do tipo. Vê-la acompanhando as crianças à escola era uma aula de etiqueta: caminhava placidamente ao lado delas quando andavam bem-comportadas e lhes dava cabeçadas até voltarem para a fila caso tentassem se desviar do caminho. Nos dias em que John tinha futebol, ela nunca esquecia de fazê-lo levar um agasalho. Nana geralmente carregava

um guarda-chuva na boca, caso chovesse. Na escola da senhorita Fulsom havia um porão que servia como sala de espera para as babás. Lá, todas aguardavam sentadas em cadeiras escolares enquanto Nana ficava deitada no chão. Essa era a única diferença entre elas. As babás agiam como se Nana não estivesse lá, como se fossem de uma classe muito superior, e a cachorra, por sua vez, tinha horror às fofocas. Nana também não gostava nem um pouco das visitas que as amigas da senhora Darling faziam ao quarto das crianças. Ainda assim, quando isso acontecia, ela trocava o babador de Michael por um azul com bordados, ajeitava as roupas de Wendy e dava uma lambida rápida no cabelo de John.

Nenhum outro quarto de criança era cuidado de maneira mais correta. O senhor Darling sabia disso, embora às vezes se preocupasse com o que os vizinhos pudessem comentar.

Afinal, ele tinha uma reputação a zelar na sociedade.

Havia outra questão sobre Nana que também o inquietava. Ele às vezes tinha a impressão de que ela não o respeitava.

— Tenho certeza de que ela tem uma enorme admiração por você, George — a senhora Darling tentava acalmá-lo e então sinalizava às crianças para que fossem especialmente amorosas com o pai.

Logo começavam a dançar alegremente, ocasiões em que a única outra criada, Liza, às vezes era convidada a participar. Ela parecia uma anã com sua saia longa e a touca de empregada, grandes demais para ela, embora tivesse jurado quando foi contratada que seus tempos de criança tinham ficado para trás. Como eram alegres aquelas brincadeiras! Mais alegre ainda era a senhora Darling, rodopiando tão animadamente que a única coisa visível nela era o beijo. Nesses momentos, se alguém corresse até ela talvez conseguisse roubá-lo. Não havia no mundo família mais feliz. Isso durou até a chegada de Peter Pan.

A primeira vez que a senhora Darling ouviu falar sobre Peter Pan foi quando estava organizando os pensamentos de seus filhos. É costume de

toda boa mãe, depois que as crianças vão dormir à noite, vistoriar as mentes delas e garantir que tudo esteja em ordem para a manhã seguinte, recolocando nos devidos lugares os muitos pensamentos que vagaram por lá durante o dia. Se você conseguisse ficar acordado durante a noite (coisa da qual obviamente não é capaz), poderia ver sua mãe fazendo o mesmo. Aposto que acharia muito interessante assisti-la. É como organizar gavetas. Você veria sua mãe ajoelhada, imagino, perdida em pensamentos divertidos sobre algo que ela encontrou lá dentro da sua cabeça, perguntando-se onde é que você foi descobrir aquelas coisas, fazendo deduções agradáveis e outras nem tanto. Algumas dessas coisas ela teria vontade de apertar contra a bochecha, como se fossem gatinhos fofos; já outras ela esconderia, para que sumissem logo da frente dela. Quando você acorda de manhã, todos os desejos de fazer travessuras e maldades estão dobrados bem pequenininhos no fundo da sua cabeça. Na parte de cima, limpos e perfumados, ficam todos os pensamentos mais bonitos, prontos para serem usados.

Não sei se você já viu o mapa da mente de uma pessoa. Os médicos às vezes conseguem desenhar partes do corpo — e ver o desenho do seu próprio corpo é muito interessante —, mas tente fazer um médico desenhar o mapa da mente de uma criança e você vai ver como ele fica confuso, fazendo muitas voltas. Você vai ver muitas linhas em ziguezague. Provavelmente essas linhas são as estradas da ilha, pois a Terra do Nunca é mais ou menos uma ilha, com lugares que parecem explodir de cores por todo lado, recifes de corais e barcos prontos para zarpar, com nativos e esconderijos secretos, gnomos que na maioria das vezes são alfaiates, rios que correm por dentro de cavernas, príncipes com seis irmãos mais velhos, uma cabana praticamente caindo aos pedaços e uma velhinha baixinha de nariz pontudo. Se fosse só isso, seria fácil desenhar um mapa da ilha, mas ainda falta o primeiro dia de aula, o catecismo, os pais, o chafariz, a aula de costura, os assassinatos, os enforcamentos, os verbos transitivos



indiretos, o dia do pudim de chocolate, o modo de usar suspensórios, os noventa e nove xelins e três centavos para arrancar seu próprio dente que está mole e por aí vai. Tudo isso é parte da ilha ou está em outro mapa sobreposto. É muito confuso, ainda mais porque nada na ilha fica parado no mesmo lugar.

Obviamente que as Terras do Nunca variam muito entre si. Na de John, por exemplo, ele atirava em flamingos que voavam sobre uma lagoa. Já na de Michael, que ainda era bem pequeno, havia um único flamingo, com lagoas voando por cima dele. John morava em um barco virado de cabeça para baixo na areia. A casa de Michael era uma oca pontuda enquanto Wendy possuía uma linda residência de folhas impecavelmente costuradas. John não tinha amigos. Já os de Michael só vinham à noite. Wendy, por sua vez, tinha um lobo que havia sido abandonado pelos pais. Em geral, todas as Terras do Nunca se parecem com os lugares onde vivemos. Se as colocarmos lado a lado, será possível ver a semelhança. Naquelas praias mágicas, as crianças brincam eternamente com seus barquinhos de vime. Nós também já estivemos lá, ainda podemos ouvir o som das ondas, mas nunca mais pisaremos naquelas praias.

De todas as ilhas encantadoras que existem, a Terra do Nunca é a mais aconchegante e compacta; ela não é larga e extensa, com distâncias chatas entre uma aventura e outra. Lá, tudo é bem pertinho. Não dá nem um pouco de medo de brincar durante o dia, com todas as cadeiras e toalhas de piquenique, mas dois minutos depois de irmos para a cama a ilha se torna praticamente real. É por isso que existem abajures.

Às vezes, em suas viagens pelas mentes das crianças, a senhora Darling se deparava com coisas que não entendia. Entre elas, a mais misteriosa que encontrou foi a palavra “Peter”. Ela nunca tinha ouvido falar de nenhum Peter, mesmo assim esse nome surgia aqui e ali nas mentes de John e Michael. Na de Wendy ele aparecia rabiscado por todos os cantos. Essa palavra se destacava mais do que qualquer outra. Por isso, quando a

senhora Darling a lia, sentia que esse nome tinha um ar estranhamente atrevido.

— Sim, ele é bem atrevido — admitiu Wendy, um pouco contrariada. Sua mãe não parava de perguntar:

— Mas quem é ele, meu amor?

— Você sabe, mamãe. É o Peter Pan.

A senhora Darling não sabia. Só depois de ficar pensando sobre sua própria infância é que ela se lembrou de um Peter Pan, que muitos diziam morar com as fadas. Contavam histórias esquisitas sobre ele. Por exemplo, que quando crianças morriam, ele as acompanhava por uma parte do caminho, para que não ficassem com medo. Ainda criança, ela chegou a acreditar na existência dele, mas agora que era uma mulher casada e esclarecida, achava improvável que pudesse existir uma pessoa assim.

— Além do mais — explicou para Wendy —, ele já seria um adulto agora.

— Não! Ele não é adulto — assegurou Wendy —, ele é do meu tamanho.

O que Wendy quis dizer é que eles tinham o mesmo tamanho em termos de mente e de corpo. Ela não sabia como sabia disso, mas era claro para ela.

A senhora Darling foi contar ao senhor Darling, que sorriu daquela inocência:

— Pode ter certeza — respondeu — que isso é alguma bobagem que a Nana enfiou na cabeça deles. É bem o tipo de ideia que uma cachorra teria. Não se preocupe com isso. Logo passa.

Mas não passou. Pouco tempo depois, o tal garoto encenqueiro deu um belo susto na senhora Darling.

Crianças costumam ter aventuras extraordinárias sem perceber. Por exemplo, uma criança pode se lembrar de mencionar, uma semana mais tarde, que havia encontrado seu falecido pai na floresta e brincado com

ele. Foi dessa forma trivial que, uma manhã, Wendy fez uma revelação perturbadora. Apareceram folhas de árvore no chão do quarto das crianças que certamente não estavam lá quando foram dormir. A senhora Darling ficou intrigada, pois Wendy observou com um sorriso complacente:

— Deve ter sido o Peter outra vez!

— Como assim, Wendy?

— É muito feio ele não limpar os pés antes de entrar! — suspirou Wendy. Ela era muito asseada.

Wendy explicou, bastante calma e segura, que de vez em quando Peter entrava no quarto à noite e sentava-se à beira da cama para tocar sua flauta. Infelizmente, ela nunca acordava, por isso não sabia dizer como sabia disso, mas estava tudo muito claro para ela.

— Isso é bobagem, querida. Ninguém pode entrar em nossa casa sem antes bater à porta.

— Eu acho que ele entra pela janela — replicou Wendy.

— Meu amor, estamos no terceiro andar.

— As folhas não estavam perto da janela, mamãe?

Era verdade. As folhas tinham aparecido próximas à janela.

A senhora Darling não sabia o que pensar. Tudo parecia tão natural para Wendy que era difícil afirmar que isso não passava de um sonho da menina.

— Minha filha, por que você não me contou isso antes?

— Eu esqueci — disse Wendy sem dar atenção.

Ela estava apressada para tomar seu café da manhã.

Ora, sem dúvida ela só poderia ter sonhado.

Novamente, ali estavam as folhas. A senhora Darling as examinou com cuidado. Eram apenas esqueletos de folhas secas, mas ela tinha certeza de que não pertenciam a nenhum tipo de árvore da Inglaterra. Saiu engatinhando pelo chão, segurando uma vela em busca das pegadas do invasor. Cutucou a saída da lareira com o atizador, bateu com a mão nas



paredes, desenrolou uma fita métrica da janela até a calçada e viu que seria uma queda de quase dez metros, sem nenhuma calha ou cano para escalar.

Sem dúvida que Wendy só poderia ter sonhado aquilo.

Só que Wendy não tinha sonhado, como ficou provado na noite seguinte, quando pode-se dizer que as extraordinárias aventuras daquelas crianças começaram.

Nessa noite específica, os três já tinham ido dormir. Por acaso, era a noite de folga de Nana. A senhora Darling havia dado banho e cantado para todos dormirem até que cada um deles soltasse sua mão e deslizesse para o mundo dos sonhos.

Pareciam tão seguros e aconchegados que ela sorria ao lembrar do medo bobo que sentira. Sentou-se tranquilamente para costurar em frente à lareira.

Estava cosendo uma roupa para Michael, que começaria a usar camisas assim que fizesse aniversário. O fogo estava agradável. No quarto das crianças havia apenas a luz suave de três abajures, e logo a roupa que a senhora Darling costurava caiu sobre o seu colo. Sua cabeça pendeu graciosamente sobre o peito. Caiu no sono. Olhe só para esses quatro. Wendy e Michael lá, John aqui e a senhora Darling em frente à lareira. Deveria haver mais um abajur.

A senhora Darling sonhou que a Terra do Nunca tinha se aproximado muito do mundo real e que um menino estranho havia atravessado para o lado de cá. Ela não teve medo dele, pois parecia já ter visto aquele rosto em muitas mulheres sem filhos. Talvez tivesse visto aquele rosto em algumas mães também. Em seu sonho, o menino havia rasgado o véu que esconde a Terra do Nunca. Wendy, John e Michael espiavam pelo buraco aberto por ele.

O sonho por si só teria sido apenas uma coisa à toa, mas enquanto a senhora Darling sonhava, a janela do quarto se escancarou. Um menino entrou por ela e caiu rolando pelo chão. Vinha acompanhado por uma

luzinha estranha, um pouco menor do que o punho de uma criança, voando feito uma flecha pelo cômodo como se estivesse viva. Acho que foi essa luz que acordou a senhora Darling.

Ela gritou ao ver o garoto. No mesmo instante, soube que aquele era Peter Pan. Se eu, você ou Wendy estivéssemos lá, teríamos notado que ele era muito parecido com o beijo da senhora Darling. Era um garoto encantador, coberto com um traje de folhas secas coladas com seiva de árvore, mas o mais fascinante é que ele ainda tinha todos os dentes de leite. Quando percebeu que estava diante de uma adulta, rosnou para ela, deixando à mostra suas pequenas pérolas.





# A SOMBRA

**A** senhora Darling deu um grito e, como se alguém tivesse tocado a campainha, a porta se abriu. Nana entrou, de volta de sua noite de folga. Ao ver Peter, rosnou e avançou sobre ele, que, tranquilamente e sem nenhum esforço, saltou pela janela. A senhora Darling gritou de novo, agora aflita pelo garoto, que poderia morrer na queda. Desesperada, correu até a calçada em busca do pequeno cadáver, mas nada encontrou. Em seguida, olhou para o alto e, no breu da noite, viu algo que ela pensou ser uma estrela cadente.

Voltou ao quarto das crianças e viu Nana com algo na boca. Era a sombra do menino. Quando Peter pulou pela janela, Nana a fechou no mesmo instante. Apesar de não tê-lo impedido, ela separou o menino de sua sombra.

A senhora Darling examinou a sombra meticulosamente, mas não viu nada de especial nela.

Nana não tinha dúvidas sobre o que deveria fazer com a sombra. Pendurou-a na janela, como se quisesse dizer: “Tenho certeza de que ele vai

voltar para buscá-la. É só deixar em um lugar onde possa pegá-la sem incomodar as crianças”.

No entanto, a senhora Darling não podia deixar a sombra lá, pendurada daquele jeito. Parecia uma roupa secando no varal, o que dava à casa um tom deselegante. Pensou em mostrá-la ao senhor Darling, mas ele estava calculando os custos dos casacos que teria de comprar para John e Michael no inverno. Tinha uma toalha molhada em volta de sua cabeça, para manter a cuca fresca. Seria um pecado atrapalhá-lo. Além disso, ela sabia exatamente o que ele diria: “É nisso que dá ter uma cachorra como babá”.

Decidiu enrolar a sombra e guardá-la em uma gaveta. Sua ideia era esperar uma boa oportunidade para contar o caso ao marido. Ai, ai!

A oportunidade veio uma semana depois, naquela data fatídica. Obviamente era uma sexta-feira.

— Eu deveria ter sido mais cuidadosa; afinal, era uma sexta-feira — a senhora Darling diria ainda muitas vezes, depois, ao seu marido. Em algumas dessas vezes, Nana ficava ao lado dela, com a pata sobre a sua mão.

— Não, não! — era o que o senhor Darling sempre respondia. — A culpa disso é toda minha. Eu, George Darling, fui o responsável. *Mea culpa, mea culpa*. — Ele havia estudado latim no colégio.

Repetiam isso noite após noite, relembando aquela sexta-feira desastrosa, até que cada detalhe ficasse gravado no cérebro deles e dali saísse desordenadamente na forma de uma moeda mal cunhada.

— Se ao menos eu não tivesse aceitado o convite dos vizinhos do 27 para jantar — lamentava a senhora Darling.

— Se ao menos eu não tivesse jogado meu remédio na tigela da Nana — respondia o senhor Darling.

— Se ao menos eu tivesse fingido que gostei do remédio — diziam os olhos marejados da Nana.

— É nisso que dá eu gostar tanto de festas, George.

— É nisso que dá eu achar que sou comediante, minha querida.

— É nisso que dá eu ser louca com detalhes, meus padrões.

E então um ou mais deles caíam no choro. Nana pensava: “É verdade. Eles não deviam ter uma cachorra como babá. Não deviam!”. Muitas vezes o próprio senhor Darling enxugava as lágrimas dela com seu lenço.

— Aquele capeta! — o senhor Darling chorava, acompanhado pelos gemidos de Nana.

A senhora Darling, no entanto, jamais acusava ou insultava Peter. Havia algo no canto direito de seus lábios que não lhe permitia.

Eles se sentavam no quarto das crianças, agora vazio, recordando cada detalhe daquela noite. Começou de forma tão corriqueira, exatamente como centenas de outras noites. Nana esquentava a água para o banho de Michael e o carregava em suas costas.

— Não quero dormir! — Michael esbravejava, como se acreditasse ter algum poder de decisão sobre o assunto. — Não vou, não vou! Nana, nem são seis horas ainda! Não, não, não gosto mais de você, Nana. Não vou tomar banho! Não vou, não vou!

Nesse momento, a senhora Darling entrou no quarto usando seu vestido branco de festa. Ela havia se arrumado cedo para que Wendy pudesse vê-la. A filha ficava encantada ao ver a mãe usando aquele vestido e o colar, um presente de George. Ela também levava no braço a pulseira de Wendy, que a menina adorava emprestar para a mãe.

Encontrou Wendy e John fazendo de conta que eram ela e o senhor Darling na época do nascimento de Wendy. John dizia:

— É com alegria que comunico, senhora Darling, que a senhora é mãe — disse em tom muito grave, como talvez o senhor Darling tenha dito na ocasião.

Wendy dançava alegremente, da mesma forma que a senhora Darling deve ter dançado.

Então foi a vez de John nascer, com ainda mais solenidades, pois era o nascimento de um menino. Michael voltou de seu banho e pediu para



nascer também, mas John respondeu rispidamente que não queriam ter mais nenhum filho.

Michael quase chorou.

— Ninguém me quer — reclamou, porém, a senhora de vestido de festa não se aguentou.

— Eu quero! Quero muito ter três filhos!

— Menino ou menina? — Michael perguntou, sem muita esperança.

— Menino!

Então ele pulou no colo da mãe. Pareciam coisas insignificantes para o senhor e a senhora Darling e Nana ficarem se lembrando agora, mas aquela havia sido a última noite de Michael na casa.

Eles continuavam com suas recordações.

— Foi nessa hora que eu entrei como um furacão, não foi? — dizia o senhor Darling, arrependido, pois ele havia mesmo entrado feito um furacão.

No entanto, não seria justo condená-lo. Ele estava se vestindo para a festa, e tudo ia bem até chegar a hora de pôr a gravata. Parece surpreendente, mas esse homem que tanto entendia de ações e títulos não sabia dar nó em gravatas. Às vezes, ele conseguia como que por mágica; em outras, melhor seria engolir o orgulho e usar uma daquelas gravatas com nó pronto.

Aquela vez foi do segundo tipo. Ele chegou agitado ao quarto das crianças com a maldita gravata toda amarrotada na mão.

— Qual é o problema, papai?

— Problema! — gritou o senhor Darling, gritando de verdade. — É essa gravata, que não se engravata! — disse, ficando perigosamente sarcástico. — Não no meu pescoço! No pé da cama, tudo bem! Consegui dar vinte nós perfeitos no pé da cama, mas imagina se daria certo no meu pescoço? Nunca! Imagine!

Ele achou que a senhora Darling não estava levando o problema a sério como deveria e continuou, áspero:

— Estou te avisando, mãe, se eu não conseguir dar o nó nesta gravata, não vamos jantar em lugar nenhum hoje à noite. Se não formos ao jantar, nunca mais apareço no escritório. E se eu não aparecer mais no escritório, eu e você vamos passar fome e nossos filhos vão acabar na sarjeta!

Mesmo assim, a senhora Darling continuava calma:

— Deixa eu tentar, querido — disse.

Era isso o que o senhor Darling queria desde o começo. Com suas mãozinhas macias ela deu o nó na gravata. Tudo sob o olhar atento das crianças, que aguardavam ansiosamente para saber o que seria do futuro delas, afinal. Alguns homens se sentiriam diminuídos por ela ter conseguido tão facilmente, mas o senhor Darling tinha uma natureza mais refinada. Ele a agradeceu calorosamente e esqueceu sua raiva. No minuto seguinte, estava dançando pelo quarto, com Michael em suas costas.

— Nossas brincadeiras eram tão alegres! — disse a senhora Darling, recordando-se.

— Foi a última vez que brincamos! — o senhor Darling suspirou.

— Ai, George, você se lembra de quando Michael me perguntou: “Como você me conheceu, mamãe?”.

— Lembro!

— Foi muito bonitinho, não foi?

— E eles eram nossos. Nossos! E agora se foram.

A brincadeira acabou quando, por descuido, o senhor Darling tropeçou em Nana, enchendo sua calça de pelos. Não bastasse a calça ser nova, era a primeira que ele tinha com faixas de cetim dos lados. Até mordeu os lábios para conter as lágrimas. Obviamente, a senhora Darling escovou a calça, mas ele começou a repetir que era um erro ter uma cachorra como babá.

— George, a Nana é um tesouro.

— Sem dúvida, mas às vezes tenho a sensação de que ela trata as crianças como se fossem seus filhotes.

— Ai, querido, tenho certeza de que ela sabe que eles têm alma.

— Não sei, não — o senhor Darling respondeu, pensativo. — Não sei, não.

A senhora Darling sentiu que era o momento certo para contar a ele sobre o menino. No início, ele fez pouco-caso da história, mas ficou bem intrigado quando ela mostrou a sombra para ele.

— Não é de ninguém que eu conheço — disse, examinando-a cuidadosamente —, mas parece ser de algum malandro.

— Ainda estávamos falando sobre a sombra quando Nana chegou com o remédio de Michael, lembra? — disse o senhor Darling. — Agora você não precisa mais dar remédio para ele, Nana, e é tudo minha culpa!

Por mais crescido e sério que fosse, sem dúvida havia se comportado como um bobo por conta de um remédio. Se ele tinha uma fraqueza, era achar que nunca havia feito drama para tomar remédios em toda sua vida. Por isso, quando Michael virou o rosto para a colher que Nana trazia na boca, ele desaprovou aquilo severamente, dizendo:

— Seja homem, Michael!

— Não quero, não quero! — Michael gritou, fazendo manha.

A senhora Darling saiu para pegar um chocolate. O senhor Darling, por sua vez, achou que a questão pedia pulso firme:

— Mãe, não o mime! — exclamou. — Michael, quando eu tinha a sua idade, eu tomava meus remédios sem dar um pio. Eu dizia: “Obrigado, meus gentis pais, por me darem um remédio para que eu fique melhor”.

Em seu íntimo, ele realmente acreditava naquilo, e Wendy, que já estava de camisola, também. Para encorajar Michael, ela complementou:

— Aquele remédio que o senhor às vezes precisa tomar tem um gosto muito pior, não é, papai?

— Muitíssimo pior! — respondeu altivo o senhor Darling. — E eu o tomava agora só para dar o exemplo, Michael, se não tivesse perdido o frasco.

Ele não havia exatamente perdido seu remédio. Na calada da noite, escalou o guarda-roupa e o escondeu lá em cima. O que ele não sabia era

que a eficiente Liza o havia encontrado e colocado de volta no armário do banheiro.

— Eu sei onde está, papai! — exclamou Wendy, sempre feliz em ajudar.  
— Eu pego para o senhor! — E lá se foi antes que ele pudesse impedi-la.

Um desânimo se abateu sobre ele.

— John — o senhor Darling disse, sentindo um arrepio —, esse remédio é horrível. É doce, gosmento e nojento.

— Num minuto acaba, papai — respondeu John, divertindo-se.

Wendy entrou correndo, com o remédio em um copo.

— Fiz o mais rápido que consegui — ela disse, sem fôlego.

— Obrigado, você foi mesmo muito rápida — seu pai respondeu, com um tom irônico que ela não percebeu. — Primeiro o Michael — sugeriu, tentando se safar.

— O papai primeiro — respondeu Michael, que era desconfiado por natureza.

— Pode me fazer mal, sabia? — o senhor Darling disse em tom de ameaça.

— Vamos, papai! — insistiu John.

— Não se meta, John! — respondeu seu pai.

Wendy estava intrigada:

— Mas papai, achei que o senhor disse que não teria problemas para tomar.

— A questão não é essa — replicou o senhor Darling. — O fato é: há mais no meu copo do que na colher de Michael — disse, com o orgulho ferido quase explodindo seu peito. — Não é justo! Digo e repito: isso não é justo.

— Papai, estamos esperando — disse Michael, friamente.

— Eu sei muito bem disso, porque também estou!

— O papai é um covardão.

— E você também é um covardão.



— Eu não estou com medo.

— E quem disse que eu estou com medo?

— Ué, então toma o remédio.

— Então tome você também, oras.

Wendy teve uma excelente ideia:

— Por que os dois não tomam ao mesmo tempo?

— Muito bem — disse o senhor Darling. — Pronto, Michael?

Wendy contou um, dois, três, e Michael engoliu seu remédio, mas o senhor Darling sorratamente escondeu seu copo nas costas.

Michael deu um grito de raiva e Wendy exclamou:

— Ah, papai!

— Como assim, “Ah, papai”? — o senhor Darling perguntou, indignado. — Pare com o berreiro, Michael. Eu queria tomar, mas... errei a pontaria.

O modo como os três olhavam para ele era desolador, como se não o admirassem mais:

— Escutem aqui, vocês três! — suplicou, assim que Nana saiu para ir ao banheiro. — Acabei de pensar em uma brincadeira ótima. Vou despejar meu remédio na tigela da Nana e ela vai beber achando que é leite!

De fato, o remédio tinha cor de leite, mas as crianças não compartilhavam o senso de humor do pai. Olhavam com um ar de reprovação enquanto ele jogava o remédio na tigela.

— Vejam como vai ser engraçado! — falou, meio titubeante, mas ninguém teve coragem de denunciá-lo quando a senhora Darling e Nana voltaram.

— Nana, minha cachorrinha linda — disse, dando tapinhas na cabeça dela. — Coloquei um pouco de leite na sua tigela.

Nana abanou o rabo, correu para o remédio e começou a lambar. Imediatamente, disparou um olhar intenso para o senhor Darling. Não era de raiva, mas uma carinha de cachorro triste, com os olhos caídos, que dá

pena. Depois, ela se arrastou para sua casinha.

O senhor Darling ficou completamente envergonhado, mas não se rendeu. Após um silêncio sombrio, a senhora Darling cheirou a tigela:

— Ah, George — disse ela —, é o seu remédio.

— Foi só uma brincadeira — resmungou, enquanto a senhora Darling consolava os garotos e Wendy abraçava Nana.

— Muito bem — disse o senhor Darling amargamente —, é isso o que eu ganho por tentar trazer alegria para esta casa.

Mesmo assim, Wendy continuou abraçando Nana.

— Isso mesmo! — ele gritou. — Agrade a cachorra! Ninguém me agrada! Imagina só! Não passo de um sujeito que coloca comida nesta casa. Por qual motivo alguém me agradaria? Hein? Hein?

— George, não fale tão alto. Os criados podem ouvir — pediu a senhora Darling.

Por algum motivo, eles se acostumaram a chamar Liza de “os criados”.

— Pois que ouçam! — exclamou senhor Darling, sem se importar. — Que o mundo inteiro ouça! Eu me recuso a deixar essa cachorra mandar na minha casa por um minuto a mais que seja!

As crianças começaram a chorar, e Nana correu até o senhor Darling, implorando, mas ele a empurrou de volta. Sentia-se novamente como o homem da casa.

— Não adianta, não adianta! — gritou. — Seu lugar é no quintal e eu vou te amarrar lá agora mesmo.

— George, George — a senhora Darling sussurrou —, lembre-se do que eu te contei sobre aquele menino.

Mas ele não deu atenção. Estava determinado a mostrar a todos quem mandava naquela casa. Como Nana não saía de sua casinha, apesar de suas ordens, ele começou a chamá-la em um tom carinhoso até conseguir atraí-la. Agarrou-a bruscamente e a arrastou para fora. Sentia-se envergonhado pelo que estava fazendo, mas foi até o fim. Fazia aquilo por ser

um sujeito muito sensível, que tinha necessidade de ser admirado. Depois de amarrá-la no quintal, sentou-se no corredor e esfregou os olhos.

Enquanto isso, a senhora Darling colocava as crianças na cama e acendia os abajures, em meio a um silêncio incômodo. Ouviram Nana latindo, e John disse, com tristeza:

— É porque ele a amarrou no quintal.

Wendy, no entanto, entendeu o que se passava:

— Esse não é o latido triste dela — disse, sem se dar conta do que estava prestes a acontecer. — Esse é o latido de quando fareja algum perigo.

Perigo!

— Você tem certeza, Wendy?

— Absoluta.

A senhora Darling sentiu um calafrio e foi até a janela. Estava bem fechada. Olhou para fora e o céu estava salpicado de estrelas. Todas rodeavam a casa, curiosas para ver o que acontecia lá dentro, mas ela não percebeu isso. Também não notou que uma ou duas das menorzinhas piscaram para ela. Mesmo assim, sentiu um aperto no coração e chorou:

— Ai, como eu queria não ter de ir na festa hoje!

Até mesmo Michael, que estava quase dormindo, percebeu que sua mãe estava preocupada e perguntou:

— Mamãe, alguma coisa pode nos fazer mal quando os abajures estão acesos?

— Não, meu amor — a senhora Darling respondeu. — Eles são os olhos que a mamãe deixa no quarto para proteger vocês.

Foi de cama em cama cantando canções de ninar. O pequeno Michael a envolveu em seus bracinhos:

— Mamãe, que bom que você existe.

Foram as últimas palavras dele que ouviria por um longo tempo.

O nº 27 ficava a poucas casas de distância, mas, como havia nevado, o senhor e a senhora Darling foram caminhando com cuidado para não

sujar os sapatos. Eram as únicas pessoas na rua. As estrelas os observavam. Por mais belas que sejam, as estrelas são incapazes de mudar as coisas; estão condenadas a ser eternas observadoras. É um castigo por algo que elas fizeram há muito tempo. Nenhuma delas lembra mais o que foi. Por isso, as estrelas mais velhas começam a enxergar mal e quase não falam (piscar é a língua das estrelas), mas as mais jovens ainda são curiosas. Elas não gostavam muito do Peter, que tem o péssimo hábito de se esconder atrás delas e apagá-las com um sopro, mas gostam tanto de uma travessura que naquela noite estavam do lado dele, ansiosas para que os adultos sumissem logo. Por isso, assim que o senhor e a senhora Darling fecharam a porta do nº 27, todo o céu se agitou, e a menor das estrelinhas da Via Láctea gritou:

— Agora, Peter!





# VAMOS LOGO, VAMOS LOGO!

**M**esmo depois que o senhor e a senhora Darling saíram da casa, os três abajures no quarto das crianças continuavam acesos. Eram três lindas luzinhas que faziam qualquer um desejar que as crianças estivessem acordadas para ver Peter chegar. No entanto, o abajur de Wendy piscou, bocejando tão profundamente que os outros dois abajures também bocejaram. Antes de fecharem a boca, os três já tinham se apagado.

Havia outra luz no quarto agora, mil vezes mais brilhante do que a dos abajures. Só no tempo de dizer essa frase, a luz já havia passado por todas as gavetas do quarto, vasculhado o guarda-roupas e revirado todos os bolsos possíveis, procurando pela sombra de Peter. Nem era realmente uma luz, mas brilhava desse modo porque se movia muito rapidamente. Se ficasse parada por um segundo, seria possível ver que se tratava de uma fada. Era menor do que a mão de uma criança, mas ainda não tinha parado de crescer. Era uma fada menina chamada

Tinker<sup>2</sup> Bell, com um belo vestido feito de esqueletos de folhas, curto e de corte reto, que deixava entrever sua forma meio gorducha.

Um segundo após a fadinha entrar, a janela se escancarou, soprada pelas jovens estrelinhas, e Peter entrou num salto. Ele havia carregado Tinker Bell por boa parte do caminho, por isso, sua mão ainda estava coberta de pó de fadas.

— Tinker Bell — chamou baixinho, depois de verificar que as crianças estavam dormindo. — Tink, cadê você?

Ela estava dentro da moringa, adorando aquela aventura. Nunca havia entrado em uma jarra antes.

— Ah, por favor, saia logo dessa moringa e me diga se descobriu onde colocaram minha sombra!

Ouviu-se um tilintar muito delicado, como se minúsculos sininhos de ouro tivessem respondido. Era a língua das fadas. Crianças normalmente não conseguem ouvi-la, mas se alguma vez você já ouviu esse som, certamente reconheceria o tilintar.

Tink contou que a sombra estava na caixona. Ela se referia à cômoda. Peter então abriu todas as gavetas, espalhando roupas pelo chão, jogando tudo para cima com as duas mãos, como reis que atiram moedas aos seus súditos. Não demorou para ele recuperar sua sombra. Ficou muito contente e não percebeu que havia fechado Tinker Bell dentro de uma gaveta.

Acho que Peter pensou — apesar de eu suspeitar que ele não pense quase nunca — que quando encontrasse sua sombra, os dois se juntariam feito gotas de água, automaticamente. Porém, quando isso não ocorreu, ficou muito aflito. Tentou passar o sabonete do banheiro na sombra para ver se ela grudava, mas também não deu certo. Sentiu então um calafrio, sentou-se no chão e começou a chorar.

---

<sup>2</sup> Em inglês, o termo “*tinker*” significa “funileiro(a)” ou “latoeiro(a)”, isto é, alguém capaz de consertar e fabricar objetos de lata ou de latão.

Seus soluços acordaram Wendy, que se sentou na cama. Não ficou assustada ao ver um garoto estranho chorando no chão do quarto. Só ficou curiosa:

— Menino — ela disse gentilmente —, por que você está chorando?

Peter sabia como ser educado, pois aprendeu boas maneiras para as cerimônias das fadas. Levantou e fez uma respeitosa reverência. Wendy se sentiu lisonjeada e retribuiu a gentileza com outra bela reverência, sem sair da cama.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou.

— Wendy Moira Angela Darling — respondeu com certo orgulho. — E o seu?

— Peter Pan.

Ela tinha quase certeza de que ele devia mesmo ser o Peter Pan, mas parecia um nome muito curto em comparação com o dela:

— Só isso?

— Só! — respondeu, meio irritado.

Foi a primeira vez que ele percebeu que tinha um nome muito curto.

— Mil desculpas — disse Wendy Moira Angela.

— Não tem importância — disse Peter, engolindo o choro.

Ela perguntou onde ele morava:

— Segunda à direita — respondeu Peter — e depois sempre em frente até amanhecer.

— Que endereço mais esquisito!

Peter não gostou nada do comentário. Pela primeira vez percebeu que talvez morasse em um endereço esquisito:

— Não é! — retrucou.

— Eu quis dizer — Wendy falou gentilmente, lembrando-se de que era a anfitriã — se é isso o que se escreve no remetente das suas cartas.

Peter preferia que ela não falasse sobre cartas:

— Nunca recebo cartas — respondeu, fingindo não se importar.

— Nem da sua mãe?

— Não tenho mãe.

Ele não só não tinha mãe, como não tinha a menor vontade de ter uma. Achava que as mães eram pessoas superestimadas. Para Wendy, no entanto, aquilo era trágico:

— Ah, Peter, então era por isso que você estava chorando — ela disse, saindo da cama e indo até ele.

— Eu não estava chorando por causa de mães — retrucou meio indignado. — Estava chorando porque não consigo grudar minha sombra de volta. Aliás, eu nem estava chorando.

— Sua sombra se soltou?

— Sim.

Foi quando Wendy viu a sombra no chão, toda amarrotada, e sentiu muita pena de Peter:

— Que horror! — disse, sem conseguir segurar o riso quando viu que Peter tinha tentado colar sua sombra com sabonete. Coisa típica de um menino!

Felizmente ela soube na hora o que fazer:

— Precisamos cerzir — disse, com certo ar de superioridade.

— O que é cerzir?

— Você não sabe de nada, mesmo.

— Sei sim!

Mas ela estava exultante com a ignorância do garoto:

— Vou costurar para você, mocinho — disse, embora ambos tivessem a mesma altura.

Apanhou a caixa de costura para cerzir a sombra no pé de Peter:

— Talvez doa um pouquinho — preveniu.

— Ah, não vou chorar, não — respondeu Peter, que a essa altura já acreditava nunca ter chorado na vida.

Apertou bem os dentes e de fato não chorou. Logo, sua sombra já se comportava normalmente, embora ainda estivesse um pouco amassada.

— Eu devia ter passado a ferro antes — pensou Wendy em voz alta.

Peter, como muitos meninos, não ligava para aparências e já estava pulando para lá e para cá, na maior das alegrias. Em menos de um segundo, já tinha se esquecido de que foi Wendy a responsável por arrumar sua sombra. Aliás, Peter pensava que ele mesmo a havia costurado.

— Eu sou muito inteligente! — se gabou, entusiasmado. — Como é bom ser esperto assim!

Não é fácil reconhecer que essa presunção de Peter era uma de suas qualidades mais fascinantes. Sendo ainda mais franco, nunca existiu um garoto mais arrogante do que ele.

Mas, naquele momento, Wendy ficou chocada:

— Seu arrogante! — exclamou.

E emendou com sarcasmo:

— E eu não fiz nada, claro!

— Você ajudou um pouquinho — respondeu, sem parar de dançar.

— Um pouquinho! — retrucou indignada. — Já que não sirvo para nada, vou me retirar.

Meteu-se na cama de novo, muito afetada, cobrindo a cabeça com o cobertor.

Para convencê-la a sair dali, Peter fingiu que ia embora. Quando viu que essa estratégia não havia dado certo, sentou-se na beira da cama e a cutucou de mansinho com o pé.

— Wendy, não fique assim — disse. — Fico arrogante quando estou feliz. Não consigo evitar.

Ela não se descobriu, mas seguia ouvindo tudo atentamente.

— Wendy — continuou, com uma voz que nenhuma menina seria capaz de resistir. — Wendy, uma menina vale por vinte meninos.

Agora Wendy se sentia uma mulher em cada centímetro de seu corpo, embora ainda não tivesse tantos centímetros assim. Levantou as cobertas para espiar e perguntou:



— Acha mesmo, Peter?

— Acho.

— É muito gentil da sua parte dizer isso — declarou. — Vou me levantar de novo.

Sentou-se com ele na beira da cama. Disse que lhe daria um beijo se ele quisesse, mas Peter não entendeu o que ela queria dizer com aquilo e estendeu a mão, esperando.

— Você não sabe o que é um beijo? — ela perguntou, espantada.

— Saberei quando você me der um — respondeu, irritado.

Para não ferir seus sentimentos, Wendy colocou um dedal na mão dele:

— E agora? Eu também te dou um beijo?

Sentindo-se um pouco envergonhada, ela respondeu:

— Se você quiser.

Para facilitar, Wendy inclinou o rosto em sua direção, mas ele apenas colocou uma bolota de carvalho em sua mão. Ela voltou lentamente à posição em que estava antes e disse, de um modo bem carinhoso, que usaria aquele beijo em seu colar. Por sorte, ela colocou a bolota em seu colar, pois isso salvaria sua vida no futuro.

Quando conhecemos novas pessoas, principalmente as crianças, normalmente perguntamos sua idade. Como Wendy sempre gostava de fazer tudo da forma correta, perguntou a Peter quantos anos ele tinha. Não era o tipo de pergunta da qual ele gostava. Era como se dessem a você uma prova de Português depois de você passar muito tempo estudando História:

— Não sei — respondeu incomodado —, mas sei que sou bem jovem.

Ele realmente não sabia nada sobre isso, era só um palpite. Tentou explicar:

— Wendy, eu fugi de casa no dia em que nasci.

Wendy ficou, ao mesmo tempo, surpresa e muito interessada. Com suas maneiras refinadas, tocou a ponta de sua camisola, indicando que

Peter poderia se sentar mais perto dela.

— Foi porque eu ouvi meus pais conversando — Peter explicou, falando baixinho — sobre o que eu iria ser quando crescesse.

De repente, ele ficou muito agitado:

— Mas eu não quero crescer nunca! — disse, exaltado. — Quero ser um menino e brincar para sempre. Por isso fugi para Kensington Gardens e vivi muito tempo com as fadas.

Wendy o contemplou com profunda admiração. Peter pensou que era em virtude da fuga, mas era por conhecer fadas. Wendy levava uma vida tão monótona que a ideia de conviver com fadas a deixou totalmente maravilhada. Começou a fazer várias perguntas sobre elas, o que Peter achou bem estranho, pois, para ele, as fadas eram uma chateação. Muitas vezes elas o atrapalhavam e ele tinha de afastá-las a tapas. De modo geral, porém, Peter gostava delas e contou a Wendy como tudo começou:

— Sabe, Wendy, quando o primeiro bebê riu pela primeira vez, sua risada se estilhaçou em mil caquinhos e eles saíram saltitando por aí. Foi assim que as fadas surgiram.

Era uma história meio chata, mas para Wendy tudo era novidade.

— Daí — continuou Peter, simpático —, tinha de existir uma fada para cada criança.

— Tinha? Não tem mais?

— Não. As crianças de hoje sabem tantas coisas que logo deixam de acreditar em fadas. Toda vez que uma criança diz “eu não acredito em fadas”, em algum lugar, uma fada cai morta.

Peter achou que já era o suficiente e, de repente, se lembrou que Tinker Bell estava quieta demais:

— Não sei onde ela se meteu — disse, levantando-se e chamando Tink.

O coração de Wendy estremeceu de emoção:

— Peter! — exclamou, agarrando-o. — Quer dizer que tem uma fada aqui no quarto?

— Estava aqui agora mesmo — respondeu, meio impaciente. — Consegue ouvi-la?

Ambos ficaram escutando.

— A única coisa que eu estou ouvindo — disse Wendy — é um sininho tilintando.

— É a Tink. É a língua das fadas. Acho que estou ouvindo também.

O som vinha da cômoda. O rosto de Peter se iluminou de alegria. Ninguém tinha uma expressão como aquela. Ele ria de um jeito adorável, parecia o som de um riacho. Seu riso ainda era igual à sua primeira risada de bebê.

— Wendy — sussurrou, alegre —, acho que eu a fechei em uma gaveta!

E libertou a pobre Tink, que saiu voando pelo quarto praguejando de raiva:

— Você não devia dizer coisas assim — reprimiu Peter. — Claro que sinto muito, mas como poderia saber que você estava na gaveta?

Wendy nem ouviu o que ele disse:

— Ah, Peter, será que ela poderia ficar parada para que eu pudesse vê-la?

— Elas quase nunca ficam paradas — explicou, mas por um instante Wendy viu aquela delicada figura pousar sobre o relógio cuco.

— Ah, como é linda! — exclamou, embora Tink ainda estivesse com a cara franzida de raiva.

— Tink — disse Peter, em um tom amigável —, esta dama disse que gostaria que você fosse a fada dela.

Tinker Bell respondeu xingando:

— O que ela disse, Peter?

Peter traduziu:

— Ela não é muito educada. Disse que você é uma menina muito feia e que ela é a minha fada. Só minha.

Ele ainda tentou argumentar com Tink:

— Você sabe muito bem que não pode ser minha fada, Tink, pois eu sou um menino e você é uma menina.

— Sua mula velha! — foi a resposta da Tink, que sumiu no banheiro.

— Ela não é uma fada muito elegante — Peter se desculpou. — Seu nome é Tinker Bell porque ela conserta panelas e chaleiras<sup>1</sup>.

Estavam sentados lado a lado no braço da poltrona. Wendy não parava de fazer perguntas:

— Então, se você não mora mais em Kensington Gardens...

— Às vezes eu moro.

— Mas onde você fica na maior parte do tempo?

— Com os garotos perdidos.

— Quem são eles?

— São crianças que caíram dos carrinhos de bebê quando as babás estavam distraídas. Quando não são recuperadas em um prazo de sete dias, são enviadas para a Terra do Nunca, para cortar despesas. Eu sou o capitão delas.

— Deve ser muito divertido!

— É, sim — respondeu Peter, astuto —, mas somos muito solitários. Sabia que não temos nenhuma companhia feminina?

— Não tem nenhuma menina?

— Não tem, não. Sabe, as meninas são espertas demais para cair de carrinhos.

Aquilo encheu Wendy de orgulho.

— Acho muito gentil o modo como você fala das meninas. O John, ali, não nos suporta.

A reação de Peter foi se levantar e chutar John para fora da cama, com cobertor e tudo. Wendy achou aquilo uma atitude um tanto extrema para um primeiro encontro e repreendeu Peter energicamente, dizendo que naquela casa ele não era o capitão. John, no entanto, continuou dormindo de forma tão tranquila no chão, que ela achou por bem deixá-lo ali mesmo:

— Sei que no fundo você é bonzinho — disse Wendy, mais calma —, então eu deixo você me dar um beijo.

Ela havia esquecido que Peter não sabia nada sobre beijos.

— Eu achei mesmo que você fosse pedir de volta — ele disse, meio amuado, e estendeu a mão com o dedal para ela.

— Não, me confundi — disse Wendy, carinhosa. — Não quis dizer um beijo, quis dizer um dedal.

— O quê?

— É assim, eu mostro. — E o beijou.

— Que estranho! — disse Peter, muito sério. — Agora também te dou um dedal?

— Se você quiser... — respondeu Wendy, sem mover a cabeça desta vez.

Peter deu um “dedal” e, quase no mesmo instante, ela deu um gritinho:

— O que foi, Wendy?

— Foi como se alguém tivesse puxado meu cabelo!

— Deve ter sido a Tink. Nunca a vi tão irritada assim.

De fato, Tink estava outra vez voando por ali, por todos os lados, tilitando palavras.

— Ela disse que vai fazer isso toda vez que você me der um dedal.

— Mas por quê?

— Por quê, Tink?

A resposta da Tink foi a mesma da outra vez:

— Sua mula velha!

Peter ficou confuso, mas Wendy entendeu muito bem e se sentiu desapontada quando ele confessou que não tinha vindo até a janela do quarto deles para vê-la, mas para ouvir histórias:

— É que eu não conheço nenhuma história. Nenhum dos garotos perdidos conhece histórias.

— Que coisa mais triste! — respondeu Wendy.



— Você sabe por que as andorinhas fazem seus ninhos nas calhas das casas? — Peter perguntou. — É para ouvir histórias. Ah, Wendy, sua mãe estava contando uma história tão linda para vocês.

— Qual era?

— Sobre um príncipe que não conseguia encontrar a moça do sapato de cristal.

— Peter! — disse Wendy, empolgada. — Era a Cinderela. No final, o príncipe a encontra e eles vivem felizes para sempre!

Peter ficou tão animado que ficou em pé e correu até a janela.

— Aonde você vai? — perguntou Wendy, apreensiva.

— Contar para os outros garotos!

— Não vá ainda, Peter — pediu ela. — Eu conheço muitas outras histórias.

Foram exatamente essas as palavras que Wendy disse, para que fique bem claro que foi ela a iniciar a provocação.

Peter voltou com uma expressão de cobiça no olhar que deveria ter deixado Wendy alarmada, mas isso não ocorreu.

— Ah, quantas histórias eu poderia contar para os garotos! — exclamou ela, e Peter a agarrou e começou a arrastá-la para a janela.

— Me solta! — ela ordenou.

— Wendy, venha comigo e conte a história para os garotos.

Obviamente ela estava lisonjeada com o convite, mas respondeu:

— Minha nossa, não posso. Pense na minha mãe! Além disso, não sei voar.

— Eu te ensino!

— Ah, deve ser uma delícia!

— Te ensino a pular no vento e sair voando!

— Aaah! — exclamou, maravilhada.

— Wendy, Wendy, em vez de ficar dormindo aí nessa sua cama chata, você podia estar voando comigo por aí, contando piadas para as estrelas.

— Aaah!

— E também, Wendy, tem as sereias.

— Sereias? Com caudas?

— Com caudas enormes!

— Ah! — exclamou Wendy. — Imagine só ver uma sereia!

— Além disso, Wendy — Peter ficava cada vez mais envolvente —, todos iriam te adorar por lá.

O corpo de Wendy tremia. Era como se ela fizesse um esforço para manter os pés colados no chão, mas Peter não dava trégua:

— Wendy — disse, tentador —, você poderia nos colocar para dormir à noite.

— Aaah...

— Ninguém nunca nos pôs para dormir.

— Aaah! — exclamou, estendendo seus braços para ele.

— Você também poderia remendar nossas roupas e fazer bolsinhos novos para nós. Ninguém tem roupas com bolsos por lá.

Como ela poderia resistir?

— Sem dúvida, isso tudo parece fascinante! — ela exclamou. — Peter, você ensina John e Michael a voar também?

— Se você quiser — respondeu Peter com indiferença.

Wendy correu para acordar John e Michael:

— Acordem! — gritou. — Peter Pan está aqui e vai nos ensinar a voar!

John esfregou os olhos:

— Nesse caso eu me levanto — disse ele, que já estava no chão. — Ei! Eu já estou levantado!

Michael também já havia acordado, mais pronto do que um canivete suíço. Peter fez sinal para que ficassem quietos. Seus rostos ficaram com aquela expressão maliciosa de crianças que querem escutar o que está se passando no mundo dos adultos. Tudo ficou quieto e imóvel. Então chegou o momento certo. Não, espera! Nada estava certo. Nana, que tinha

passado a noite toda latindo contrariada, de repente ficou em silêncio. Era o silêncio dela que eles estavam ouvindo:

— Apaguem as luzes! Se escondam! — ordenou John, assumindo o comando pela única vez em toda a aventura.

Assim, quando Liza entrou segurando Nana, o quarto parecia o mesmo de todas as noites: bem escuro, aliás dava para jurar que as três crianças dormiam pesado em suas camas. Mas, na verdade, estavam escondidas atrás das cortinas.

Liza estava de mau humor, pois preparava os pudins de Natal na cozinha e foi obrigada a eliminar as suspeitas absurdas de Nana. Tinha até uma uva-passa grudada na bochecha. Achou que a melhor forma de ter um pouco de paz seria levar Nana para olhar o quarto, mas bem segura na coleira, claro.

— Pronto, bicho desconfiado! — disse, sem se compadecer com o desespero de Nana. — Estão completamente seguros, está vendo? Podemos ouvir os três anjinhos dormindo em suas camas. Ouça como roncam tranquilos.

Michael, orgulhoso por sua artimanha estar dando certo, roncou tão alto que quase foram desmascarados. Nana conhecia aquela respiração e tentou se desvencilhar, mas Liza não estava para brincadeiras:

— Chega disso, Nana! — exclamou severa, arrastando Nana para fora do quarto. — E fique sabendo que se você latir outra vez, vou direto chamar o patrão e a patroa lá na festa. E aí eu quero só ver se o patrão não vai te dar uma bela surra!

Amarrou novamente a pobre cachorra, mas você acha que a Nana parou de latir? Que nada! Podem chamar o patrão e a patroa da festa! Isso era exatamente o que ela queria. Nana não se importava em levar umas palmadas, desde que seus protegidos estivessem seguros. Mas, infelizmente, Liza voltou às suas sobremesas, e Nana, vendo que ninguém viria ajudá-la, esticou tanto a corrente que conseguiu arreventá-la. Logo

em seguida, invadia a sala de jantar do nº 27, erguendo suas patinhas para o céu, que era o seu jeito mais expressivo de se comunicar. O senhor e a senhora Darling entenderam na hora que algo terrível se passava com as crianças. Sem se despedirem, saíram em disparada pela rua.

Porém, já haviam se passado dez minutos desde a simulação dos três mandrinhos no quarto, e Peter era capaz de fazer maravilhas em dez minutos.

Voltemos ao quarto das crianças:

— Deu certo! — John anunciou, saindo de seu esconderijo. — Diga, Peter, você sabe mesmo voar?

Ao invés de responder, Peter voou pelo quarto e derrubou a estante sobre a lareira.

— Isso é demais! — disseram John e Michael.

— Que lindo! — exclamou Wendy.

— Pois é, eu sou lindo. Eu sou muito lindo! — tornou Peter, esquecendo-se outra vez da modéstia.

Parecia incrivelmente fácil, e todos quiseram tentar. Primeiro pularam no chão e depois em cima da cama, mas sempre caíam em vez de subirem:

— Me diga! Como você faz? — perguntou John, esfregando seu joelho dolorido. Ele era um menino muito pragmático.

— Basta ter pensamentos felizes — explicou Peter —, são eles que nos erguem no ar.

E demonstrou novamente.

— Você vai muito rápido — disse John. — Pode fazer devagarzinho uma vez?

Peter fez devagar e depois rápido.

— Agora peguei o jeito, Wendy! — gritou John, mas logo viu que estava enganado.

Nenhum deles conseguia voar um centímetro sequer, mesmo com Michael já sabendo ler palavras de duas sílabas enquanto Peter não conhecia nem o abecedário.

Peter estava pregando uma peça neles, pois ninguém pode voar sem ser borrifado com uma pitada de pó de fadas. Por sorte, como já vimos, uma das mãos dele estava cheia desse pó. Peter soprou um pouco em cada um deles e o resultado foi fantástico:

— Agora é só mexer os ombros desse jeito — mostrou Peter — e sair voando!

Estavam todos em suas camas, e o valente Michael foi o primeiro a tentar. Não se sentia muito seguro para se soltar, mas arriscou assim mesmo e imediatamente voou para o outro lado do quarto.

— Eu voei! — exclamou, ainda pairando no ar.

John se atirou em seguida e esbarrou em Wendy no ar, perto do banheiro.

— Que delícia!

— Formidável!

— Olha só para mim!

Não chegavam nem aos pés da elegância de Peter, e era difícil parar de espernear. A cabeça deles ficava batendo no teto. Essa é uma das sensações mais incríveis que se pode experimentar. No começo, Peter deu a mão a Wendy, mas teve que soltar porque Tink ficou indignada.

Voaram para cima, para baixo e depois em círculos. Wendy dizia o tempo todo que aquilo era celestial:

— Que tal se a gente fosse voar lá fora? — sugeriu John.

Era exatamente isso o que Peter queria.

Michael já estava pronto. Queria ver quanto tempo levaria para voar um bilhão de quilômetros, mas Wendy hesitou:

— Sereias! — repetiu Peter.

— Aaah!

— E tem os piratas também!

— Piratas! — exclamou John, apanhando seu chapéu de domingo. — Vamos logo de uma vez!

Foi só então que o senhor e a senhora Darling saíram correndo do nº 27, atrás de Nana. Pararam no meio da rua olhando para cima para avistar a janela do quarto das crianças. Sim, ainda estava fechada, mas dava para ver o quarto inundado de luz. O mais apavorante, no entanto, foi ver através da cortina três silhuetas se movendo em círculos, não no chão, mas no ar.

Três silhuetas não, quatro!

Abriam a porta de supetão. O senhor Darling queria subir as escadas correndo, mas a senhora Darling fez sinal para que ele fosse mais devagar. Ela tentava fazer o mesmo com seu próprio coração.

Será que chegarão a tempo no quarto? Se sim, será muito bom, e poderemos dar um suspiro de alívio... mas aí não haveria história alguma a ser contada. Por outro lado, se não chegarem a tempo, juro solenemente que tudo terminará bem.

Teriam chegado se não fosse pelas estrelinhas bisbilhoteiras. Mais uma vez, elas sopraram para escancarar a janela, e a menorzinha avisou:

— Cuidado, Peter!

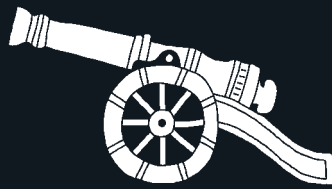
Peter sabia que não havia mais um segundo a perder.

— Vamos! — ordenou ao voar como um foguete noite afora, seguido por John, Michael e Wendy.

O senhor e a senhora Darling, acompanhados de Nana, invadiram o quarto tarde demais. Os passarinhos tinham fugido da gaiola.







# O VOO

**S**egunda à direita, sempre em frente até o amanhecer. Esse era o caminho para chegar à Terra do Nunca, como Peter havia explicado a Wendy. Porém, nem mesmo passarinhos com mapas, pedindo informações nas esquinas do vento, conseguiriam chegar seguindo tais instruções. A verdade é que Peter simplesmente disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

A princípio, seus acompanhantes confiavam nele cegamente. Voar era tão gostoso que passaram muito tempo circulando torres de igrejas e outros prédios interessantes que acharam pelo caminho.

John e Michael apostaram corridas. Michael saía um pouquinho na frente todas as vezes.

Lembraram-se agora, com certo desprezo, de que até pouco tempo atrás acreditavam que voar dentro de um quarto era uma coisa grandiosa.

Até pouco tempo atrás... mas quanto? Já estavam sobrevoando o mar quando Wendy começou a se preocupar com isso. Na cabeça de John, já era o segundo mar da terceira noite.

Às vezes, ficavam no meio da escuridão, depois clareava. Uma hora, sentiam frio; depois, calor. Em seguida, ficavam com fome, ou apenas fingiam, porque Peter tinha um jeito novo e divertido de alimentá-los. Ele perseguia pássaros que traziam comida na boca, coisas boas que pessoas poderiam comer, e as tirava deles. Então os pássaros passavam a perseguir Peter para roubar a comida de volta, e assim iam brincando, um perseguindo o outro por quilômetros, até se separarem com expressões de afeição depois de se divertirem tanto. Wendy notou, com um leve tom de preocupação, que Peter não percebia que aquele era um modo bem estranho de fazer as refeições, nem que haviam outros meios possíveis.

Quando o assunto era o sono, não havia fingimento. Todos estavam cansados de verdade. E isso era um perigo, pois no momento em que começavam a cochilar, despencavam. O pior de tudo era que Peter achava isso engraçado:

— Lá vai ele outra vez! — Peter exclamava alegremente quando Michael de repente caía feito uma pedra.

— Pegue-o! Pegue-o! — gritava Wendy, olhando apavorada o mar cruel lá embaixo.

Peter sempre acabava mergulhando para apanhar Michael, pouco antes do menino bater na água. Fazia isso de maneira admirável. No entanto, esperava até o último segundo. Dava para perceber que ele estava interessado mesmo em se mostrar, não em salvar uma vida. Além disso, Peter enjoava logo das coisas. Em um momento, uma brincadeira o deixava animado. Em seguida, perdia o interesse. Por isso, sempre havia a possibilidade de que, na próxima vez que alguém caísse, talvez ele deixasse a pessoa se espatifar.

Peter era capaz de dormir no ar sem cair. Simplesmente se deitava de costas e flutuava, mas isso acontecia em parte porque era tão leve que se alguém chegasse atrás dele e o soprasse, voaria ainda mais rápido.

— Seja mais educado com ele — Wendy sussurrou para John, quando estavam brincando de “siga o líder”.

— Então diga pra ele deixar de ser exibido! — retrucou John.

Quando brincava de seguir o líder, Peter voava muito rente à água e tocava todas as nadadeiras de tubarões que via pelo caminho — do mesmo modo quando passamos os dedos pelas grades ao andar na calçada. Era impossível acompanhá-lo, por isso parecia mesmo que ele estava se exibindo, principalmente porque ficava olhando para trás, contando quantas nadadeiras os outros deixavam passar.

— Sejam legais com ele — Wendy repreendia seus irmãos. — O que seria de nós se ele nos largasse aqui?

— A gente voltaria — respondeu Michael.

— E como é que a gente encontraria o caminho de volta sem ele?

— Bom, então a gente continuaria — emendou John.

— Aí é que está, John. A gente teria que continuar, porque nem sabemos como parar.

Era verdade, pois Peter tinha esquecido de ensinar a eles como parar.

John disse que, no pior dos cenários, bastaria continuar voando em linha reta, pois já que o mundo é redondo, alguma hora passariam novamente pela janela do quarto.

— E quem pegaria comida para nós, John?

— Pois eu roubei um pedaço de comida do bico daquela águia sem muito esforço, Wendy.

— Depois de tentar vinte vezes — Wendy o lembrou. — Mesmo se ficássemos bons em pegar comida, veja como ainda trombamos nas nuvens e outras coisas quando ele não está por perto para ajudar.

De fato, estavam constantemente trombando nas coisas. Eram capazes de voar melhor, embora ainda esperneassem bastante. Quando avistavam uma nuvem adiante, qualquer tentativa de desvio os levava direto para ela. Se Nana estivesse ali, já teria enrolado uma atadura na cabeça de Michael.

Peter não estava junto deles nesse momento. Todos se sentiram bastante solitários lá em cima. Ele conseguia voar muito mais rápido e, às vezes, disparava até sumir de vista, em outra aventura da qual não conseguiam participar. Depois voltava rindo de algo muito engraçado que havia dito a uma estrela, mas aí ele já tinha esquecido o que era; ou então subia com escamas de sereia grudadas no corpo e também não sabia dizer exatamente o que havia acontecido. Era algo bem irritante para crianças que nunca tinham visto uma sereia na vida.

— Se ele se esquece delas tão rápido — ponderou Wendy —, como esperar que não se esqueça de nós?

Realmente, em algumas dessas vezes, Peter retornava e não se lembrava mais das crianças. Pelo menos não muito bem. Wendy tinha certeza disso. Em uma ocasião, Peter passou por eles, deu bom-dia e já ia seguindo adiante sem reconhecê-los. Wendy percebeu pelo seu olhar. Ela inclusive teve de chamá-lo pelo nome:

— Peter, sou eu, a Wendy! — disse, aflita.

Peter ficava muito chateado.

— Olha, Wendy — sussurrou para ela —, sempre que perceber que estou me esquecendo de você, basta dizer: “Sou eu, a Wendy”. Prometo que eu vou me lembrar.

Isso era bem desagradável, obviamente. Para tentar compensar, Peter mostrou a todos como planar nas correntes de vento contrário. A novidade era tão diferente do modo como vinham voando, que experimentaram várias vezes e descobriram que assim podiam dormir com segurança. Teriam até dormido por mais tempo, mas Peter não tinha muita paciência para dormir e logo deu seu comando de capitão:

— Vamos atracar aqui.

Assim, entre rusgas e percalços, mas sempre com muita diversão, já estavam perto da Terra do Nunca. Chegaram lá depois de passarem por muitas luas. O mais interessante foi terem voado sempre em frente desde



que saíram, sem muita ajuda de Peter ou Tink — talvez isso tenha acontecido porque a Terra do Nunca também queria encontrá-los. É desse jeito que uma criança consegue chegar às praias encantadas.

— Ali está — falou Peter, calmamente.

— Onde? Onde?

— Ali, para onde todas as setas apontam.

De fato, milhares de setas douradas indicavam o destino, todas guiadas pelo sol, que não arriscaria permitir que errassem o caminho antes de trocar seu lugar com a noite.

Wendy, John e Michael ficaram na ponta dos pés, em pleno ar, quando avistaram a ilha pela primeira vez. Parece estranho dizer isso, mas todos a reconheceram de imediato e, antes de serem tomados pelo medo, deram vivas, comemorando a chegada. O sentimento não era o de finalmente realizar um sonho; parecia mais como reencontrar um amigo querido depois de longas férias.

— John, olha a enseada ali!

— Wendy, veja as tartarugas enterrando ovos na areia!

— John, está vendo lá o seu flamingo de perna quebrada?

— Olha, Michael, a sua caverna!

— John, o que é aquilo no bosque?

— É uma loba com filhotes. Wendy, acho que um deles é o seu.

— Olha lá o meu barco, John, com o casco esburacado.

— Não é ele, não. A gente botou fogo no seu barco.

— Mas é ele, sim. Veja, John, a fumaça no acampamento dos peles-vermelhas!

— Onde? Deixa eu ver. Sei dizer pelo formato da fumaça se eles estão em guerra ou não.

— Ali, na outra margem do Rio Misterioso.

— Ah, estou vendo. É, eles estão em guerra.

Peter estava um pouco irritado por saberem tanto, mas se ele quisesse

mostrar mesmo quem mandava ali, a chance estava próxima. Afinal, eu não disse que logo estariam em perigo?

Tudo ocorreu tão rápido quanto o sumiço das setas, mergulhando a ilha na escuridão.

Antigamente, em casa, a Terra do Nunca sempre começava a ficar mais sombria e ameaçadora perto da hora de dormir. Trilhas desconhecidas surgiam e se espalhavam, sombras negras se moviam por elas, o rugido dos predadores selvagens ficava diferente, e, pior ainda, não se tinha mais certeza se era possível escapar dali vivo. Era um alívio ter os abajures acesos e um prazer ver Nana indicando que era só a sombra da prateleira. A Terra do Nunca não passava de faz de conta.

Agora era tudo real. Não havia abajures. A escuridão ficava mais densa a cada segundo e... onde estaria Nana?

Voavam distantes uns dos outros, mas sempre seguindo Peter. Seu jeito despreocupado finalmente havia desaparecido, seus olhos brilhavam, e cada vez que um deles tocava seu corpo, sentia um pequeno choque. Sobrevoavam a tenebrosa ilha tão baixo que às vezes roçavam o pé na copa de alguma árvore. Não viam nada de perigoso no ar, mas mesmo assim avançavam devagar e com cuidado, como se abrissem caminho em território inimigo. Às vezes ficavam parados até Peter dar um sinal com seus punhos cerrados.

— Não querem que a gente pouse — explicou Peter.

— Quem não quer? — Wendy sussurrou, tremendo de medo.

Peter não sabia ou não queria dizer. Tinker Bell, que ainda havia pouco dormia em seu ombro, agora estava bem acordada. Peter a mandou seguir na frente.

De quando em quando, ele parava no ar, ouvindo atentamente com a mão em concha na orelha. Então, olhava para baixo, com olhos tão arregalados e brilhantes que pareciam querer abrir dois buracos no chão. Depois seguia em frente.

Sua coragem era impressionante.

— Gostariam de uma aventura agora ou preferem tomar chá primeiro? — perguntou despreocupadamente a John.

— Chá primeiro — disse Wendy, sem pestanejar. Michael apertou sua mão, agradecendo, mas o valente John hesitou.

— Que tipo de aventura? — perguntou, cauteloso.

— Tem um pirata dormindo na planície bem aqui abaixo — contou Peter. — Se quiser, podemos descer e matá-lo.

— Não estou vendo ninguém — falou John, após uma longa pausa.

— Eu estou.

— Vamos supor.... que ele acabe acordando? — disse John com a voz sumindo.

Peter ficou indignado:

— Quer dizer que você mataria alguém dormindo? Eu acordo ele primeiro, depois mato. É assim que sempre faço.

— Peraí. Você já matou muitos piratas?

— Perdi a conta.

— Que legal! — comentou John, mas decidiu tomar o chá primeiro.

Perguntou quantos piratas havia na ilha, mas Peter disse que nunca soube o número exato.

— E quem é o capitão deles?

— Hook — respondeu Peter, fazendo uma cara séria ao dizer aquela palavra odiosa.

— Jas<sup>3</sup> Hook?

— Ele mesmo.

Michael começou a chorar e a voz de John ficou embargada, pois conheciam a fama do gancho.

---

<sup>3</sup> Jas é o diminutivo de James, primeiro nome de Hook.

— Ele foi o imediato do Barba Negra<sup>4</sup> — cochichou John. — Era o pior de todos, o único pirata de quem o Churrasqueiro<sup>5</sup> tinha medo.

— É ele mesmo.

— E como ele é? Muito grande?

— Não tanto quanto antigamente.

— Como assim?

— Eu cortei um pedaço dele fora.

— Você?

— Eu mesmo, por quê? — Peter retrucou rispidamente.

— Não quis ofender.

— Ah, então tudo bem.

— Mas me diga, qual pedaço?

— A mão direita.

— Então ele não consegue mais brigar?

— Claro que consegue.

— Só com a canhota?

— Ele colocou um gancho de ferro no lugar na mão direita, como se fosse uma garra.

— Uma garra!

— Sabe, John? — disse Peter.

— O quê?

— Você deve dizer: “Sim, meu capitão”.

— Sim, meu capitão.

— Tem mais uma coisa — continuou Peter. — Todo garoto sob meu comando deve fazer um juramento, inclusive você.

---

<sup>4</sup> Edward Teach, o Barba Negra, nasceu na Inglaterra, em 1680. Foi um dos piratas mais famosos da história. Morreu durante um combate no convés de seu navio, em 1718, em Ocracoke, na enseada de Pamlico, na Carolina do Norte, EUA.

<sup>5</sup> *Barbecue* (“churrasco”) era o apelido do pirata Long John Silver quando ainda era cozinheiro.

John ficou pálido.

— Se acontecer de um dia lutarmos com o Gancho, lembre-se sempre de que ele é meu.

— Tudo bem. Prometido — declarou John.

A essa altura já não estavam com tanto medo, pois Tink voava à frente e sua luz distinguia uns dos outros. Infelizmente, ela não ia tão devagar quanto eles e voava em círculos, produzindo um halo em volta do grupo. Wendy gostava daquilo, mas Peter explicou o lado ruim da coisa:

— Tink me disse que os piratas nos avistaram antes do anoitecer e prepararam o Tonhão para nós.

— Você quer dizer o canhão?

— Isso. E sem dúvida conseguem ver a luz dela. Se acharem que estamos perto, vão mandar chumbo!

— Wendy!

— John!

— Michael!

— Manda ela sumir daqui, Peter! — gritaram os três ao mesmo tempo, mas Peter se recusou.

— Ela acha que estamos perdidos — respondeu, preocupado. — Está muito assustada. Eu jamais a mandaria embora assustada assim.

O círculo de luz se desfez por um momento e Peter sentiu um beliscãozinho carinhoso.

— Então fala pra ela apagar a luz — implorou Wendy.

— Ela não consegue apagar. Acho que é a única coisa que as fadas não conseguem. A luz só se apaga quando ela dorme, igual às estrelas.

— Então fala para ela dormir já! — John disse, quase como uma ordem.

— Ela não dorme se não estiver com sono. É a única outra coisa que as fadas não conseguem fazer.

— Parece — resmungou John — que são as duas únicas coisas que nos ajudariam agora.

Também levou um beliscão, mas não foi nada carinhoso dessa vez.

— Se ao menos alguém tivesse um bolso — Peter disse —, poderíamos levá-la escondida.

Infelizmente, saíram com tanta pressa de casa que nenhum deles tinha bolso.

Peter então teve uma boa ideia:

— O chapéu do John!

Tink concordou em ficar dentro do chapéu, desde que alguém o levasse na mão, e não na cabeça. John o levou, embora ela esperasse que fosse Peter. Logo depois, Wendy passou a carregá-lo porque John reclamou que ficava batendo em sua perna enquanto voava. Como veremos, essa ideia teve resultados desastrosos, pois Tinker Bell odiou se sentir em dívida com Wendy.

A luz de Tink ficava completamente oculta dentro da cartolinha preta. Eles então seguiram voando sem dizer nada. Era o silêncio mais profundo que já tinham sentido, quebrado somente por um ruído longínquo que Peter explicou ser dos animais bebendo água no riacho. Depois, veio um som estridente que poderia ser o de galhos de árvore roçando uns nos outros, mas ele disse que eram os peles-vermelhas afiando suas facas.

Até mesmo esses ruídos cessaram. Para Michael, a sensação de solidão era insuportável:

— Queria que alguma coisa fizesse barulho!

Atendendo ao pedido, o ar foi rasgado pela maior explosão que ele já ouvira. Os piratas dispararam o Tonhão contra eles.

O rugido ecoou pelas montanhas e o eco parecia gritar desesperado:

— Cadê eles? Cadê eles?

Foi assim que os três irmãos aterrorizados aprenderam a diferença entre uma ilha de faz de conta e essa mesma ilha se tornando realidade.

Quando finalmente o céu se acalmou, John e Michael se viram sozinhos no escuro. John marchava no ar e Michael flutuava, mesmo sem



saber como fazia isso.

— O tiro acertou você? — sussurrou John, trêmulo.

— Ainda não conferi — Michael respondeu.

Sabemos agora que ninguém tinha se ferido. Peter, no entanto, acabou arrastado pela lufada de ar até o mar. Wendy foi jogada para o alto, sozinha com Tinker Bell.

Teria sido melhor para Wendy se ela tivesse deixado o chapéu cair nessa hora.

Não sei se Tink teve a ideia de repente ou se já vinha planejando no caminho. Acontece que ela saiu do chapéu, voou e colocou em prática uma terrível emboscada para Wendy.

Tinker Bell não era totalmente má. Acontece que ela só estava completamente má naquele momento. Em outras ocasiões, era completamente boa. Fadas precisam decidir entre uma coisa ou outra, pois são tão pequenas que só têm espaço para um sentimento de cada vez. Ainda bem que elas podem alternar — desde que seja uma mudança completa. Agora, Tink estava tomada de ciúmes de Wendy, que não entendia o que a fada dizia em seu adorável tilintar — devem ter sido palavrões terríveis, mas soavam como algo gentil. Tink voava para a frente e para trás querendo dizer:

— Venha comigo que tudo vai ficar bem!

O que mais a pobre Wendy poderia fazer? Ela chamava por Peter, John e Michael, mas só ouvia o eco em resposta. Ela ainda não sabia que Tinker Bell era capaz de odiar tanto. Foi por isso que, desnorteada e cambaleante, seguiu Tink rumo à sua própria ruína.



# A ILHA SE TORNA REALIDADE

**A**o sentir o retorno de Peter, a Terra do Nunca acordava cheia de vida. Sabemos que seria melhor usar o pretérito perfeito “acordou”, mas o pretérito imperfeito “acordava” era melhor. Principalmente porque Peter sempre falava desse jeito.

Em sua ausência, normalmente as coisas ficavam mais calmas na ilha. As fadas dormiam uma hora a mais pela manhã, os animais cuidavam dos filhotes, os peles-vermelhas comiam fartamente por seis dias e noites e quando os piratas e os garotos perdidos se encontravam apenas faziam caretas e sinais ofensivos uns para os outros. Com a chegada de Peter, que detesta tranquilidade, tudo voltava a ser como antes: se você colocasse seu ouvido no chão agora, poderia ouvir a ilha toda fervilhando de agitação.

Nessa noite, as principais forças estavam distribuídas da seguinte maneira: os garotos perdidos procuravam por Peter; os piratas procuravam pelos garotos perdidos; os peles-vermelhas procuravam pelos piratas; e os

animais procuravam pelos peles-vermelhas. Todos andavam em círculos pela ilha, sem descanso, e não se encontravam porque caminhavam exatamente na mesma velocidade.

Todos queriam sangue, exceto os garotos — que normalmente também gostam de sangue, mas nessa noite tinham saído apenas para saudar seu capitão. O número de garotos na ilha varia, é claro, conforme eles vão morrendo. Quando algum deles parecia estar crescendo, o que é contra as regras, Peter o dispensava imediatamente. Eram seis no total, se contarmos os gêmeos como dois. Agora, vamos fazer de conta que estamos ali, no meio do canavial, observando enquanto passam em fila, cada um com seu punhal na mão.

Peter proibia que alguém ficasse parecido com ele, mesmo que só um pouco. Os garotos então, para evitar problemas, vestiam-se com a pele dos ursos que eles mesmos caçavam. Essas roupas os deixavam tão arredondados e fofos que, quando caíam, acabavam rolando pelo chão. Por isso aprenderam a dar passos firmes.

O primeiro deles é Piuí: não era o mais covarde, mas sim o mais azarado desse bando valente. Ele participou de menos aventuras do que os demais porque as coisas mais importantes sempre acontecem quando ele se afasta do grupo. Quando tudo parece calmo, ele aproveita para pegar lenha, e ao voltar os outros já estão limpando o sangue de suas roupas e armas. Essa má sorte marcou seu semblante com uma suave melancolia, mas em vez de se tornar amargo, ele se tornara gentil e humilde, era o mais modesto dos garotos. Pobre e gentil Piuí, o perigo paira sobre você esta noite. Tenha cuidado, pois se você aceitar a aventura que o destino oferece, poderá sofrer um grande desgosto. A fada Tink, Piuí, está com más intenções e só precisa de um tolo para seu plano. Ela acha que, de todos, você é o mais fácil de enganar. Cuidado com ela!

Quem dera Piuí pudesse nos ouvir, mas não estamos de verdade na ilha, e ele passa roendo as unhas.

Em seguida vem Espeto, alegre e galante, seguido por Fiapo, que corta galhos para fazer flautas e dança animado ao som de sua própria música. Fiapo é o mais convencido dos garotos. Ele diz que se lembra de como era antes de estar perdido. Tem seus gestos próprios, suas manias e anda sempre de nariz empinado. Caracol é o próximo. Sempre metido em encrinca, já foi obrigado a se entregar muitas vezes. Nessas horas, Peter diz, furioso: “Quem fez isso, dê um passo à frente!”. Foram tantas vezes que isso aconteceu que agora, ao ouvir essa ordem, Caracol já se adianta automaticamente, seja ele culpado ou não. Por último vêm os gêmeos, que ninguém consegue diferenciar. Quem tenta sempre acaba escolhendo o gêmeo errado. Peter nunca tem certeza qual é qual e como em seu bando é proibido saber algo que ele desconheça, os gêmeos são vagos quando falam de si mesmos. Preferem andar juntinhos, com cara de quem está sempre se desculando.

Os garotos desaparecem na escuridão. Após uma pausa não muito longa — pois nada na ilha demora muito —, passam os piratas em seu encalço. Conseguimos ouvi-los antes de vê-los, pois sempre cantam a mesma canção terrível:

— *Segurar, amarrar, içar! Arrá!*

*Piratas são eternos!*

*Mesmo tomando tiro. Pá, pá!*

*Nos vemos no inferno!*

Nem na fila dos condenados à forca se vê um bando tão mal-encarado. À frente, como sempre, está o italiano bonitão Cecco, com seus grandes braços à mostra e dobrões pendurados como se fossem brincos. Certa vez, ele escreveu seu nome com uma faca, em letras de sangue, nas costas do diretor da prisão em Gao. O gigantesco homem negro atrás dele já foi chamado de muitas coisas depois de abandonar o nome que algumas mães ainda usam para aterrorizar seus filhos nas praias de Guadjo-mo. Vil Bill

tem cada centímetro de seu corpo tatuado. É o mesmo Vil Bill que levou mais de setenta chibatadas do capitão Flint, a bordo do *Walrus*<sup>6</sup>, antes de soltar o saco de moedas portuguesas que segurava. Depois, vêm Cookson, que dizem ser irmão de Black Murphy (o que nunca foi comprovado); Starkey Cortês, que já foi inspetor de escola e ainda mata com certa delicadeza; Claraboia (que foi da tripulação do capitão Morgan); o imediato irlandês Rolha, um homem estranhamente gentil que quando ataca parece não querer ofender — o único religioso da tripulação de Hook; Macarrão, cujas mãos são viradas para trás; Robert Mullins, Alf Mason e muitos outros rufiões conhecidos e temidos nas possessões espanholas.

Em meio a eles, o maior e mais sombrio é James Hook, ou, como ele próprio assinava: Jas Hook. Segundo dizem, é o único homem a quem Long John Silver<sup>7</sup> temia. Vinha deitado confortavelmente sobre uma rústica carruagem puxada por seus homens. No lugar da mão direita apresentava um gancho de ferro com o qual espicava seus lacaios para que apressassem o passo. Ele os tratava como cães e, como tais, eles obedeciam. Suas feições cadavéricas, a pele escura, os longos cachos de cabelo que pareciam velas negras ao longe davam uma expressão ameaçadora aos seus belos traços. Olhos azuis como a flor miosótis e de uma profunda melancolia — exceto quando crava seu gancho em alguém — são acesos por dois pontos vermelhos em suas pupilas, que se iluminam com um brilho medonho enquanto ele dilacera seus inimigos com certo ar refinado, como se fosse um aristocrata da morte. Eu também soube que ele era um exímio contador de histórias.

Quanto mais educado, mais sinistro se parecia, o que talvez seja a prova irrefutável de sua sofisticada criação. Articulava as palavras de

---

<sup>6</sup> Navio e personagem da obra *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson.

<sup>7</sup> Personagem da obra *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson.



maneira elegante mesmo quando praguejava, mantendo a distinção. Tudo nele denunciava ser de uma estirpe diferente da de sua tripulação. Homem de coragem indomável, dizia-se que a única coisa que o fazia recuar era a visão de seu próprio sangue, espesso e de cor incomum. Sempre se vestia, tanto quanto podia, como o rei Charles II, pois no começo de sua carreira alguém havia dito que ele possuía uma estranha semelhança com os malfadados Stuarts<sup>8</sup>. Em sua boca levava uma piteira, feita por ele mesmo, com a qual podia fumar dois charutos simultaneamente. Mas sua parte mais horripilante era, sem dúvida, a garra de ferro.

Agora, vamos matar um pirata para demonstrar os métodos utilizados por Hook. Pode ser o Claraboia. Conforme os piratas passam, o desajeitado Claraboia tromba em Hook, desalinhando o colarinho de renda do terrível comandante. A resposta do cruel bucaneiro ao encontrão é desferir um golpe mortal contra seu subordinado. Ouve-se então o som de seu gancho rasgando a carne de Claraboia, que agoniza em meio a um grito agudo. Sem nenhuma inquietação, o corpo já sem vida do marujo é chutado para o lado por Hook e os piratas seguem. O capitão sequer tira os charutos da boca.

Esse é o terrível homem que Peter Pan quer enfrentar. Qual dos dois vencerá?

No encalço dos piratas, pisando sem ruído pelo caminho da batalha, que é invisível a olhos inexperientes, surgem os peles-vermelhas, todos de olhos arregalados. Trazem machados e facas. Seus corpos nus brilham, cobertos de tinta e óleo. Levam escalpos amarrados em volta do corpo, tanto de garotos como de piratas, pois essa é a tribo Piccaninny — que não deve ser confundida com as tribos Delaware ou Huron, de

---

<sup>8</sup> Referência à casa real dos Stuarts, dinastia com origem no século XI. Inicialmente, os Stuarts comandaram o trono da Escócia e posteriormente a Coroa da Inglaterra, de 1603 até 1714, com exceção do interregno de Oliver Cromwell.

coração mais mole. À frente, engatinhando, vem o Grandioso Grande Panterinha, um índio valente que caminha com dificuldade em razão da quantidade de escalpos que carrega. Na retaguarda, posição mais arriscada, vem Lily Tigre, de porte altivo, com ares de princesa. Ela é a mais bela das amazonas, deusas da floresta. É a beldade dos Piccaninnies, provocante, fria e carinhosa, cada qual a seu tempo. Não há um selvagem que não gostaria de ter essa mocinha caprichosa como esposa, mas ela afasta qualquer pretendente com sua machadinha. Observe como eles passam sobre galhos caídos sem fazer o menor ruído. O único som que se ouve é o de suas respirações pesadas. A verdade é que estão todos um pouco acima do peso agora, depois de dias se empanturrando, mas logo voltarão à velha forma. No entanto, nesse momento, o sobrepeso constitui um perigo ao chefe da tribo.

Os peles-vermelhas desaparecem do mesmo modo como chegaram: feito sombras. Seu lugar logo é tomado pelas feras, em uma procissão grandiosa e diversa: leões, tigres, ursos e outros incontáveis animais menores que fogem quando esse bando se aproxima, pois são várias espécies juntas, muitas delas comedoras de gente. Passam com as línguas de fora, famintos sob o luar.

Depois das feras, eis que chega a última figura, um gigantesco crocodilo. Em breve veremos por quem ele procura.

O crocodilo se vai e logo os garotos aparecem outra vez, pois a procissão continua indefinidamente, até que alguma das partes pare ou mude seu ritmo. Se isso acontecer, todos acabarão se atracando em questão de minutos.

Eles mantêm os olhos atentos à frente, pois nenhum suspeita que o perigo pode vir sorratamente por trás. Isso mostra o quanto a ilha é perigosa.

Os primeiros a deixar essa ciranda são os garotos. Eles se atiram no gramado próximo de sua casa subterrânea.

— Queria que Peter voltasse — dizem ansiosos, mesmo todos sendo mais altos e, principalmente, mais fortes do que seu capitão.

— Sou o único que não tem medo dos piratas... — disse Fiapo, usando o tom de voz que os outros não gostavam. Talvez algum ruído distante o tenha perturbado, pois acrescentou rapidamente: — ... mas eu queria que ele voltasse e nos contasse se descobriu algo mais sobre a Cinderela.

Conversavam sobre a Cinderela. Piuí tinha certeza de que sua mãe era muito parecida com ela. Os meninos falavam sobre as suas mães apenas na ausência de Peter, para quem o assunto era proibido e tolo.

— A única coisa de que me lembro da minha mãe — contou Espeto — é que ela sempre dizia ao meu pai: “Ah, como eu queria um talão de cheques só pra mim!”. Não sei o que é um talão de cheques, mas queria muito dar um pra ela.

Enquanto falavam, ouviram um ruído ao longe. Eu e você, por não sermos nativos da floresta, não ouviríamos nada, mas eles ouviram a terrível canção:

— *Iô-ho, Iô-ho, vida de pirata,  
Bandeira de caveira.  
Velejando ou à deriva,  
Davy Jones, meu amigo  
Viva, viva, viva!*

Imediatamente, os garotos perdidos... Ué, onde foi que se meteram? Não estão mais aqui. Nem coelhos desaparecem tão rápido.

Já sei onde estão. Com exceção do Espeto, que saiu rápido como um tiro para averiguar, estão todos em sua casa subterrânea, uma residência muito agradável da qual veremos boa parte em breve. Mas como chegaram lá? Não há nenhuma entrada à vista, nem sequer uma pedra do tipo que, quando rolada, abre a entrada de uma caverna. Contudo, olhe com atenção e observe que há sete árvores, cada uma delas tem um grande

buraco em seu tronco oco, da largura de um menino. São as sete entradas para a casa subterrânea, lugar que Hook procura sem sucesso há muitas luas. Será que ele a encontrará esta noite?

Conforme os piratas avançam, o olho atento de Starkey vê Espeto desaparecer no mato. Ele imediatamente saca sua pistola, mas um gancho aferroa seu ombro.

— Solta, Capitão! — ele grita, debatendo-se.

Pela primeira vez ouvimos a voz soturna de Hook:

— Primeiro, abaixe a pistola — disse, ameaçador.

— Era um daqueles meninos que o senhor odeia. Eu poderia ter matado o garoto.

— Sim, mas o disparo atrairia a tribo de Lily Tigre. Você quer ser escalpelado?

— Quer que eu vá atrás dele, capitão? — perguntou o patético Rolha.

— Posso fazer cócegas nele com meu Joãozinho Saca-Rolha.

O imediato dava nomes engraçados para tudo. Seu facão era o Joãozinho Saca-Rolha, chamava-o assim porque sempre o torcia depois de enfiá-lo no bucho de alguém. Rolha tinha muitas características fascinantes. Por exemplo, depois da matança, limpava primeiro seus óculos e, só depois, sua arma.

— O Saca é um sujeito bem calado — sugeriu ao capitão.

— Agora não, Rolha — disse Hook, sombriamente. — Ele está sozinho e eu quero apanhar todos os sete. Separem-se e procurem por eles.

Os piratas desapareceram entre as árvores. Em um instante o capitão e Rolha estavam a sós. Hook suspirou profundamente — e não sei por qual motivo, talvez tenha sido a suave beleza da noite. Teve vontade de confidenciar toda a sua história ao fiel imediato. Falou por muito tempo, de maneira bastante franca, mas Rolha — que era um tanto tapado — pouco entendeu do que ele falou.

Pouco depois, Rolha pescou a palavra “Peter”.

— Mais do que tudo — Hook falava empolgado —, eu quero o capitão deles, Peter Pan. O maldito cortou meu braço fora.

E brandiu seu gancho de forma ameaçadora:

— Quero muito cumprimentá-lo. Rasgá-lo ao meio!

— Já ouvi muitas vezes o senhor dizer que esse gancho valia por muitas mãos, para pentear o cabelo e para outros usos domésticos — disse Rolha.

— Sim — o capitão respondeu. — Se eu fosse uma mãe, rezaria para que meus filhos nascessem com isto em vez disto — falou, olhando orgulhoso para sua garra de ferro e com desprezo para a outra mão.

Então franziu o cenho novamente:

— Peter empurrou meu braço — disse, tremendo — na direção de um crocodilo que por acaso passava por ali.

— Já percebi — comentou Rolha —, por isso o senhor tem esse estranho pavor de crocodilos.

— Crocodilos, não. Só daquele crocodilo — corrigiu Hook.

E baixou a voz:

— Ele gostou tanto do meu braço, Rolha, que nunca mais parou de me seguir, de mar a mar e terra a terra, sempre lambendo os beiços de vontade de comer o resto do meu corpo.

— De certo modo, é um elogio — apontou Rolha.

— Dispensio elogios desse tipo — Hook rosou rabugento. — Quero Peter Pan, que plantou nessa fera o apetite por mim.

Sentou-se em um grande cogumelo, com um leve tremor na voz:

— Rolha — disse, com a garganta seca —, aquele crocodilo já teria me comido há tempos, mas minha sorte é que ele engoliu um relógio que faz tique-taque. Por isso, antes que me pegue, viro um corisco ao ouvir aquele som.

Ele riu sem vontade.

— Um dia desses, a corda do relógio acaba e ele te pega — disse Rolha. Hook mordeu os lábios.

— É o que me deixa mais apavorado — respondeu.

Desde que se sentou, sentia um calor inexplicável:

— Rolha, esse assento está quente.

Deu um salto.

— Com mil demônios, estou pegando fogo!

Examinaram o cogumelo, que era de um tamanho e textura nunca vistos no continente. Ele saiu de uma vez em suas mãos quando o puxaram, pois não tinha raízes. Mais estranho ainda: uma fumaça começou a sair do buraco. Os piratas se olharam:

— Uma chaminé! — exclamaram ambos.

A verdade é que descobriram a chaminé da casa subterrânea. Os garotos costumavam cobri-la com um cogumelo quando os inimigos rondavam.

Não apenas saía fumaça dali. Também se ouvia a voz dos garotos, pois eles se sentiam tão seguros no esconderijo que conversavam alegremente. Os piratas ouviram tudo atentamente, depois recolocaram o cogumelo no lugar. Olharam ao redor e notaram os buracos nas sete árvores.

— Ouviu quando disseram que Peter Pan não está em casa? — sussurrou Rolha, passando os dedos no fio do Saca-Rolha.

Hook assentiu com a cabeça. Ficou por muito tempo perdido em pensamentos até que um sorriso maléfico iluminou sua face morena. Era o que Rolha esperava:

— Qual é o plano, capitão? — disse ansioso.

— Voltar ao navio e preparar um grande bolo, bem recheado e com açúcar verde por cima — Hook respondeu devagar, rangendo os dentes. — Deve haver somente um cômodo lá embaixo, pois só há uma chaminé. Essas toupeiras idiotas e sem mãe não entendem que não é necessário uma porta para cada um. Deixaremos o bolo na beira da Laguna das Sereias. Eles estão sempre por lá, nadando e brincando. Vão encontrar o bolo e devorá-lo inteiro. Quem nunca teve mãe não sabe o perigo de comer um bolo tão grande e com tanto recheio.

Caiu na gargalhada, agora não com um riso vazio, mas uma risada genuína:

— Arrá, vão todos morrer.

A admiração de Rolha só aumentava:

— É o melhor e mais terrível plano que eu já vi — comentou.

Exaltados, dançavam e cantavam:

— *Segurar, amarrar,*

*só de me ver chegar,*

*já vai se borrar de medo;*

*Quando me cumprimentar*

*vai ficar sem dedo.*

Começaram a cantar a estrofe mas não terminaram. Outro ruído os paralisou. No começo era um som tão distante e suave que uma folha caindo no chão faria mais barulho. Foi ficando mais familiar conforme se aproximava:

Tique-taque, tique-taque, tique-taque!

Hook sentiu um calafrio e ficou imóvel, com um dos pés ainda levantado.

— O crocodilo! — gritou e saiu em disparada, seguido por seu imediato.

Era de fato o crocodilo. Havia ultrapassado os peles-vermelhas, que tinham seguido a trilha dos outros piratas. O crocodilo seguia Hook, inexorável.

Os garotos saíram outra vez pela abertura, mas aquela noite ainda guardava outros perigos. Espeto chegou correndo, perseguido por uma alcateia. Os lobos estavam com as línguas de fora e seus uivos eram aterrorizantes.

— Socorro, socorro! — gritou Espeto, caindo no chão.

— E agora? E agora?



Era um grande elogio a Peter que pensassem nele em um momento de desespero.

— O que Peter faria? — disseram em uníssono.

Todos gritaram quase ao mesmo tempo:

— Peter olharia para os lobos com a cabeça entre as pernas!

Portanto:

— Vamos fazer o que Peter faria!

Esse é um dos modos mais eficazes para enfrentar lobos. Ao mesmo tempo, como se fossem um único menino, todos os garotos se curvaram. Com a cabeça para baixo, entre as pernas, eles encararam as feras. O momento seguinte foi o mais tenso, mas a vitória veio rápido, pois conforme os meninos avançavam em direção aos lobos nessa temível posição, os animais se assustaram e fugiram.

Espeto se levantou do chão. Os outros acharam que seus olhos ainda estavam arregalados em razão dos lobos, mas não:

— Eu vi uma coisa impressionante — disse, enquanto os outros se reuniam ao redor dele, ansiosos.

— Um grande pássaro branco. Está vindo para cá.

— Que tipo de pássaro?

— Não sei — respondeu maravilhado —, mas parecia exausto e voava resmungando “coitada da Wendy”.

— “Coitada da Wendy”?

— Eu me lembro que existem pássaros chamados de Wendies — disse Fiapo no mesmo instante.

— Vejam! Lá está ele! — gritou Caracol, apontando para Wendy no céu.

A menina estava quase sobre eles, era possível ouvi-la choramingando. Mais clara ainda, no entanto, era a voz estridente de Tinker Bell. A fadinha enciumada tinha desistido de qualquer dissimulação de amizade e atacava sua vítima por todos os lados, dando beliscões doloridos:

— Ei, Tink! — exclamaram os garotos, um tanto confusos.  
Tink tilintou em resposta:  
— Peter quer que vocês atirem nessa Wendy.  
Não era do feitio deles questionar nenhuma ordem de Peter:  
— Vamos fazer o que Peter deseja! — gritaram os simplórios garotos.  
— Rápido, peguem os arcos e as flechas!  
Todos, menos Piuí, pularam para dentro de suas árvores. Ele já estava com seu arco e flecha. Tink percebeu e esfregou as mãozinhas:  
— Rápido, Piuí, rápido! — gritou. — Peter vai ficar muito contente!  
Agitado, Piuí armou a flecha:  
— Saia da frente, Tink! — bradou e disparou.  
Wendy caiu rodopiando. Quando chegou ao chão, tinha uma flecha cravada no peito.



# A CASINHA

**O** imprudente Piuí estava ali, impávido como um vencedor, com Wendy a seus pés, quando os garotos ressurgiram armados de suas árvores.

— Chegaram atrasados! — exclamou orgulhoso. — Acertei a Wendy. Peter vai ficar contente comigo.

Lá de cima, Tinker Bell gritou:

— Sua mula velha! — E voou em disparada para se esconder.

Os garotos não a ouviram, pois estavam todos ao redor de Wendy. Enquanto a observavam, um silêncio terrível caiu sobre a floresta. Se o coração dela ainda estivesse batendo, daria para ouvir.

Fiapo rompeu o silêncio:

— Isso não é um pássaro — disse, assustado. — Acho que deve ser uma menina.

— Uma menina? — exclamou Piuí, estremecendo.

— E nós a matamos — Espeto concluiu com tristeza.

— Agora eu entendi — interveio Caracol. — Peter a estava trazendo para nós.

E de remorso ele se jogou no chão. Todos tiraram seus chapéus:

— Uma menina para tomar conta de nós, finalmente — disse um dos gêmeos —, e você a matou!

Sentiam muito pelo Piuí, mas ainda mais por si mesmos. Quando ele deu um passo à frente, todos se afastaram.

Piuí estava pálido, porém manteve uma altivez nunca demonstrada.

— Eu fui o responsável por isso — disse a si mesmo. — Quando meninas aparecem para mim em sonhos, sempre digo: “Mãezinha linda, minha mãezinha linda”. Agora, quando finalmente aparece uma de verdade, eu atiro nela.

Afastou-se devagar.

— Não vá embora — os garotos o chamaram, com pena dele.

— Não tenho escolha — respondeu trêmulo. — Estou morrendo de medo do Peter.

Nesse momento escutaram um ruído que quase fez o coração deles sair pela boca. Ouviram Peter imitando um galo:

— Peter! — exclamaram, pois era assim que ele avisava quando estava de volta.

— Escondam a menina — sussurraram.

Rapidamente se juntaram ao redor de Wendy, mas Piuí permaneceu afastado. De novo ouviu-se o canto do galo. Peter pulou no meio deles.

— Saudações, garotos! — exclamou.

Todos responderam automaticamente e voltaram a ficar em silêncio. Peter fechou a cara:

— Estou de volta! — disse. — Por que não estão comemorando?

Os garotos chegaram a abrir a boca, mas nada disseram. Peter ignorou, pois estava ávido para contar as novidades:

— Ótimas notícias, garotos! — exclamou. — Finalmente trouxe uma mãe para vocês.

Nem assim se manifestaram, exceto pelo som abafado de Piuí caindo de joelhos.

— Ainda não a viram? — perguntou Peter, começando a ficar preocupado. — Ela estava voando para cá.

— Ai de mim! — uma voz se levantou e outra complementou: — Ah, que dia azarado!

Piuí se levantou.

— Peter — disse calmamente —, vou te mostrar onde ela está.

Os outros ainda tentavam esconder Wendy quando Piuí interveio:

— Para trás, gêmeos, deixem Peter vê-la.

Todos se afastaram para que Peter pudesse ver. Após contemplá-la por alguns instantes, ficou sem saber o que fazer:

— Ela morreu — Peter disse, inconsolável. — Talvez esteja com medo de estar morta.

Peter pensou em sair pulando dali até ficar longe o bastante e nunca mais voltar àquele lugar. Os garotos facilmente o seguiriam se ele fizesse isso, mas lá estava a flecha. Peter a tirou do peito de Wendy e encarou seu bando.

— De quem é esta flecha? — exigiu saber.

— É minha, Peter — respondeu Piuí, ainda de joelhos.

— Ah, seu covarde traidor! — exclamou Peter, empunhando a flecha como um punhal.

Piuí não se encolheu. Deixou o peito à mostra.

— Vai, Peter — disse com firmeza —, crave sem dó.

Peter ameaçou golpeá-lo duas vezes e em ambas sua mão parou.

— Não consigo — disse, confuso. — Alguma coisa está segurando minha mão.

Todos o olharam estarecidos, exceto Espeto, que por sorte olhava para Wendy.

— Olha só! — exclamou. — Olha o braço dela, da menina Wendy! Vejam! Por incrível que pareça, Wendy tinha mexido seu braço. Espeto se debruçou sobre ela e a escutou com atenção:

— Acho que ela disse “Coitado do Piu!” — sussurrou.

— Está viva? — Peter disse em seguida.

No mesmo segundo, Fiapo gritou:

— A menina Wendy está viva!

Peter se ajoelhou ao lado dela e viu a bolota. Lembre-se que é a bolota que ela havia colocado em seu colar.

— Vejam — disse Peter —, foi isso que deteve a flecha. É o beijo que eu dei a ela. Salvou sua vida.

— Eu me lembro de beijos — Fiapo comentou. — Deixa eu ver! Sim, é um beijo mesmo!

Peter não deu atenção. Implorava para que Wendy ficasse boa logo, queria muito lhe mostrar as sereias. Obviamente ela ainda não conseguia falar, pois estava fraca e em estado de choque. No entanto, ouviram um gemido vindo do alto.

— Ouçam, é a Tink! — disse Caracol. — Chora porque Wendy vive!

Sentiram-se na obrigação de denunciar o crime de Tink para Peter e nunca o viram tão bravo.

— Escute aqui, Tinker Bell! — exclamou Peter. — Não sou mais seu amigo. Fique longe de mim para sempre.

Ela pousou em seu ombro e suplicou, mas ele a afastou com a mão. Só depois de Wendy erguer novamente o braço é que ele amenizou sua punição:

— Tudo bem, não para sempre, mas por uma semana.

Você acha que Tinker Bell ficou agradecida por Wendy ter levantado o braço em favor dela? Ah, é claro que não. Ficou ainda com mais vontade de beliscá-la. Fadas são esquisitas mesmo. Peter, que as conhecia muito bem, às vezes tinha de ser duro com elas.

Mas o que fazer com Wendy, que estava em um estado tão delicado?

— Vamos levá-la para casa — sugeriu Caracol.

— Isso mesmo — concordou Fiapo —, é isso o que se deve fazer com as garotas.

— Não, não — interveio Peter. — Nada de encostar nela. Seria falta de respeito.

— É exatamente o que eu estava pensando — emendou Fiapo.

— Mas se a deixarmos aqui, ela morrerá — apontou Piuí.

— Pois é, ela vai morrer — concordou Fiapo —, mas não há outra saída.

— Há, sim — disse Peter. — Vamos construir uma casinha em volta dela. Adoraram a sugestão.

— Rápido — ordenou Peter. — Tragam tudo o que temos de melhor. Vasculhem nossa casa. Usem a cabeça.

No momento seguinte, já estavam ocupados como alfaiate em véspera de casamento. Corriam para cima e para baixo, pegando cobertas e lenha. No meio de todo esse alvoroço chegam John e Michael. Quando tocaram o chão, caíram no sono, em pé mesmo. Depois acordaram, deram um passo e dormiram novamente.

— John, John! — chamou Michael. — Acorde! Cadê a Nana, John? E a mamãe?

John esfregou os olhos e murmurou:

— É verdade mesmo, nós voamos.

Sem dúvida que ficaram aliviados por encontrar Peter.

— Oi, Peter! — disseram.

— Oi, garotos! — Peter respondeu alegremente, sem nem reconhecê-los direito. No momento, estava muito ocupado medindo Wendy com seus pés para calcular o tamanho ideal da casinha. Obviamente queria espaço suficiente para ter mesa e cadeiras. John e Michael o observaram:

— A Wendy dormiu? — perguntaram.

— Dormiu.



— John, vamos acordá-la para que ela faça o jantar para nós — sugeriu Michael.

Nesse momento, porém, alguns garotos voltavam com galhos para a construção da casinha.

— Quem são eles? — perguntou Michael.

— Caracol — ordenou Peter, em seu tom de voz de capitão —, esses dois vão nos ajudar a construir a casa.

— Sim, senhor.

— Construir uma casa? — perguntou John.

— É para a Wendy — explicou Caracol.

— Para Wendy? — disse John, espantado. — Mas ela é só uma garota.

— Por isso mesmo — Caracol replicou. — Nós somos seus criados.

— Vocês? Criados da Wendy?

— Sim — afirmou Peter —, e vocês também. Levem eles, garotos.

Confusos, os irmãos foram levados para cortar, separar e carregar coisas.

— Cadeiras e lareira primeiro — Peter ordenou. — Construiremos a casa em volta.

— Sim, senhor — disse Fiapo —, é assim que se constrói uma casa. Eu me lembro bem.

Peter pensava em tudo:

— Fiapo, vá chamar um médico — ordenou.

— Sim, senhor — respondeu Fiapo.

Partiu imediatamente, coçando a cabeça atrapalhado. Ele sabia, no entanto, que não podia desobedecer. No segundo seguinte já estava de volta, usando o chapéu de John com uma atitude muito solene.

— Por favor, senhor — disse Peter, dirigindo-se até ele. — Você é o médico?

A diferença entre Peter e o resto dos garotos é que em situações como essas, eles sabiam o que era faz de conta, mas para Peter não havia diferença entre o que era fingimento e o que era realidade. Isso às vezes causava

alguns problemas, por exemplo, quando tiveram que fazer de conta que haviam jantado.

Peter machucava severamente os dedos de quem não respeitasse o faz de conta.

— Sim, meu jovem — respondeu Fiapo, temeroso, pois ainda tinha os dedos doloridos de tantos castigos.

— Por favor, senhor — pediu Peter —, a menina está muito doente.

Wendy ainda estava deitada no chão, mas Fiapo teve o bom senso de fingir que não sabia onde ela estava:

— Vamos cuidar disso. Onde ela está? — perguntou Fiapo.

— Na clareira ali em frente.

— Vou colocar um aparato de vidro na boca da menina — disse Fiapo, e fez de conta que a tratava enquanto Peter esperava. O momento em que retirou o aparato foi derradeiro.

— Como ela está? — indagou Peter.

— Vamos ver. Pronto! Está curada.

— Que bom! — Peter exclamou.

— Voltarei à noite — disse Fiapo. — Dê a ela caldo de carne em uma xícara com bico.

Logo depois de devolver o chapéu a John, Fiapo soltou todo o ar do pulmão, como sempre fazia quando se livrava de alguma enrascada.

Enquanto isso, o barulho de machados enchia a floresta. Quase todo o necessário para a casinha já estava disposto perto de Wendy.

— Adoraria saber que tipo de casa ela gosta mais — disse um dos garotos.

— Peter! — gritou outro garoto — Ela está se mexendo!

— Está abrindo a boca — exclamou um terceiro, observando com cuidado o interior da boca de Wendy. — Que ótimo!

— Talvez ela cante dormindo — disse Peter. — Wendy, cante para nós que tipo de casa você gostaria de ter.

Imediatamente, sem abrir os olhos, Wendy começou a cantar:

— *Queria ter uma casinha,  
A menor que já se viu.  
Com paredes vermelhinhas.  
Telhas verdes e lambril.*

Ao ouvirem isso, os garotos ficaram exultantes, pois por um grande golpe de sorte, os galhos que haviam apanhado estavam cobertos de seiva avermelhada e havia musgo verde por todo o chão. Enquanto erguiam a casinha, também cantavam:

— *Fizemos paredes e telhado  
E uma portinha linda.  
Diga, Wendy, mãezinha,  
O que você quer ainda?*

Ainda insatisfeita, Wendy respondeu:

— *Acho que eu quero agora  
Lindas janelas em volta,  
Com rosas do lado de fora  
E filhos correndo pela porta.*

Abriam os buracos das janelas aos murros. Grandes folhas amarelas eram as cortinas, mas e as rosas?

— Rosas! — ordenou Peter, autoritário.

Rapidamente fingiram plantar lindos canteiros de rosas junto às paredes, mas e os filhos?

Antes que Peter exigisse os filhos, apressaram-se em cantar:

— *Plantamos canteiros de rosas,  
Os filhos já estão aqui fora.  
Não podemos nascer de novo,  
Somos crescidos agora.*

Peter gostou da ideia e na mesma hora acreditou ser o responsável por tudo. A casa tinha ficado muito bonita. Wendy parecia bem confortável lá dentro. No entanto, não dava mais para vê-la. Peter conferia de cima a baixo, exigindo os acabamentos. Nada escapava aos seus olhos atentos. Quando tudo parecia finalmente acabado, ele ainda disse:

— Falta a aldrava para bater na porta.

Todos ficaram envergonhados, mas Piuí tirou a sola do sapato e com ela fez um ótimo batedor de porta.

“Agora sim, tudo finalizado”, pensaram.

Nem de longe.

— Não tem chaminé — Peter observou. — Precisamos de uma chaminé.

— Uma chaminé é imprescindível — disse John, sentindo-se importante.

Isso deu a Peter uma ideia. Apanhou o chapéu da cabeça de John, arrancou a parte de cima e o colocou sobre o telhado. A casinha ficou tão satisfeita de ter uma chaminé tão elegante, que imediatamente começou a soltar fumaça pelo buraco do chapéu, como se estivesse agradecida.

Agora sim, completamente finalizada, não restava mais nada a fazer senão bater à porta.

— Arrumem-se o melhor que puderem — Peter ordenou. — A primeira impressão é a que fica.

Ficou feliz por ninguém perguntar o que seria uma primeira impressão. Todos se esforçavam para se arrumar.

Ele bateu à porta com muita delicadeza. Tanto a floresta quanto os garotos ficaram em completo silêncio. Nada se ouvia a não ser o tilintar de Tinker Bell, que observava de um galho, extremamente irritada.

“Será que alguém abriria a porta?”, os garotos se perguntavam. Se fosse uma menina, como ela seria?

A porta se abriu e uma menina surgiu. Era Wendy. Todos tiraram seus chapéus.

Ela se mostrou realmente surpresa. Era exatamente a reação que os garotos esperavam.

— Onde estou? — ela perguntou.

Fiapo foi o primeiro a falar.

— Menina Wendy — disse apressadamente —, construímos essa casa para você.

— Ah, diga que você gostou — implorou Espeto.

— Pois é uma casinha muito bonitinha! — respondeu Wendy, dizendo exatamente o que eles queriam ouvir.

— E nós somos seus filhos! — exclamaram os gêmeos.

Todos ficaram de joelhos, com os braços esticados para Wendy, pedindo:

— Ah, menina Wendy, seja nossa mãe!

— Será que eu devo? — perguntou Wendy, radiante. — A ideia é fascinante, mas sabe, sou só uma menina. Não tenho experiência como mãe.

— Não importa — interveio Peter, como se fosse a única pessoa presente que soubesse o que estava falando, embora fosse o que menos entendia daquele assunto.

— Nós precisamos de alguém gentil e com um bom instinto maternal.

— Nossa! — disse Wendy. — É exatamente assim que eu sou.

— É assim que você é! — todos gritaram. — Nós percebemos logo de cara.

— Muito bem — Wendy aceitou. — Farei o meu melhor. Agora entrem já em casa, seus garotos travessos! Seus pés devem estar molhados. Antes de colocar vocês na cama, só tenho tempo de contar a história da Cinderela.

Entraram. Não sei como couberam todos lá, mas na Terra do Nunca sempre dá para espremer tudo até caber. Aquela foi a primeira das muitas noites alegres que tiveram com Wendy. Um por um, ela os colocou na grande cama da casa subterrânea, embaixo das árvores, e foi dormir na casinha. Peter ficou vigiando do lado de fora, com sua espada em punho,

pois era possível ouvir a gritaria dos piratas ao longe. Os lobos também andavam à espreita. A casinha parecia muito aconchegante e segura no escuro da noite, com uma luz brilhante transparecendo pelas cortinas, a chaminé soltando fumaça e Peter montando guarda.

Depois de algum tempo ele acabou caindo no sono. Algumas fadas desnorreadas voltavam de uma festa e tiveram de passar por cima dele. Qualquer outro garoto no meio do caminho delas à noite seria alvo de travessuras, mas elas só deram um peteleco no nariz de Peter e seguiram seu caminho.



# A CASA DEBAIXO DA TERRA

**N**o dia seguinte, uma das primeiras coisas que Peter fez foi medir Wendy, John e Michael para saber em quais árvores eles caberiam. Hook, como você deve se lembrar, zombou quando descobriu que os garotos usavam uma árvore cada um. No entanto, isso mostra o quanto ele não sabia como as coisas funcionavam, porque a não ser que você passasse direitinho pela sua árvore, seria difícil subir ou descer e nenhum dos garotos era do mesmo tamanho. Depois de entrar pelo buraco do tronco, era preciso segurar a respiração, porque só assim é possível descer na velocidade certa. Para subir, era preciso ir soltando e puxando o ar, de maneira a ir avançando pouco a pouco. Dominada essa técnica, era possível entrar e sair de forma automática, sem nem pensar. Parecia uma dança.

Resumindo, era preciso caber perfeitamente no tronco e é exatamente por isso que Peter tirava medidas como um alfaiate. A diferença é que, nesse caso, são as roupas que precisam servir na pessoa. No caso das



árvores, é a pessoa que precisa servir dentro delas. É um processo simples: basta usar mais ou menos roupas na hora de entrar. Para aqueles rechonchudos em alguns lugares ou para os troncos com formato esquisito, Peter mudava algumas coisas até tudo se encaixar. Depois, cada um era responsável por manter-se na mesma forma para continuar cabendo no buraco de sua respectiva árvore. Isso, segundo Wendy, era ótimo para a saúde da família.

Wendy e Michael couberam em suas árvores logo na primeira tentativa, mas Peter teve que mexer um pouquinho em John.

Depois de alguns dias de prática, eles já conseguiam subir e descer pelos troncos como se fossem elevadores. Passaram a amar a casa subterrânea, principalmente Wendy. Como toda boa casa, tinha uma grande sala onde era possível cavar o chão para pegar minhocas e usá-las como isca de pesca. Lá também cresciam sólidos cogumelos que eram usados como bancos. Uma Árvore do Nunca tentava crescer no centro da sala, mas eles cortavam seu tronco todas as manhãs, bem rente ao chão. No final da tarde, na hora do café, o tronco já estava com mais de meio metro, e então eles colocavam uma porta deitada sobre ele para fazer uma mesa. Quando acabavam e limpavam tudo, cortavam o tronco outra vez, para dar mais espaço às brincadeiras. Havia também uma lareira, tão grande que podia ser acesa praticamente de qualquer lugar da sala. Nela Wendy amarrava cordas de fibra como varal para secar as roupas. Durante o dia, viravam as camas para a parede. Às seis e meia da tarde, baixavam todas novamente, preenchendo quase metade do cômodo. Todos os garotos se espremiavam como sardinhas para dormir, exceto Michael. Ele bem que gostaria de dormir na cama com os outros, mas Wendy fazia questão de um filho bebê. Como ele era o menor de todos e sendo as mulheres como são, ele acabava dormindo em um cesto.

Tudo era rústico e simples, parecido com ursos filhotes em suas tocas. Numa cavidade na parede, menor do que uma gaiola, ficavam os aposentos

privados de Tinker Bell. Uma pequena cortina os separavam do resto da casa. Melindrosa como era, a fada sempre a mantinha fechada quando se trocava. Nenhuma mulher, não importa de que tamanho, tinha um quarto mais excêntrico. Ela dizia que sua cama era uma genuína Queen Mab<sup>9</sup> (modelo fadas), com pernas em estilo rococó. Ela variava a tonalidade da roupa de cama de acordo com as estações. O espelho era um raro Gatobotanescio<sup>10</sup>, dos três que ainda restavam preservados no mundo — número confirmado pelos antiquários. O lavabo era modular com as bordas adornadas, a cômoda era uma legítima Encantado VI<sup>11</sup>, e os tapetes eram do período de Margery e Robin<sup>12</sup>. Ainda havia um candelabro feito com fichas de jogo, mas esse era só por aparência, porque Tinker Bell iluminava o cômodo com seu brilho próprio. Ela desprezava o restante da casa, o que talvez fosse inevitável, já que seu quarto, por mais bonito que fosse, tinha um quê de esnobe e destoava dos demais aposentos.

Imagino que para Wendy, principalmente, tudo era muito fascinante, mesmo com todo o trabalho que aqueles meninos agitados davam. Ela chegava a passar semanas inteiras sem sair de casa, exceto à noite, quando ia para a superfície tomar um ar e cerzir meias. Passava horas na cozinha limpando e organizando as panelas, mesmo quando não havia o que cozinhar. Ficava sempre atenta, pois algo podia simplesmente começar a ferver. Dependia de Peter se haveria uma refeição de verdade ou apenas de faz de conta. Ele era capaz de comer muito, muito mesmo, se fosse parte de alguma brincadeira, mas não conseguia se empanturrar só pelo

---

<sup>9</sup> Rainha das fadas presente em *Queen Mab, a Philosophical Poem: With Notes*, escrito em 1813 por Percy Shelley. Nessa obra, Queen Mab leva Ianhte, filha do poeta, a uma viagem através do tempo no intuito de revelar à menina inúmeros erros e tolices cometidos pelos humanos. A obra também possui dezessete notas em prosa que tratam de vários temas, entre eles amor livre, ateísmo e vegetarianismo. *Queen Mab* foi muito popular entre os britânicos ligados aos movimentos trabalhistas dos anos 1830 e 1840.

<sup>10</sup> Referência ao conto de fadas *O gato de botas*, de Charles Perrault.

<sup>11</sup> Referência à família do Príncipe Encantado de Cinderela.

<sup>12</sup> Personagens da peça *Dumb Andy*, da autora irlandesa de teatro infantil Maria Edgeworth.

prazer da comida, como a maioria das crianças adora fazer. Fazer de conta era tão real para ele que mesmo se comesse uma refeição de mentira era possível vê-lo ficando mais gordo. É claro que isso era perigoso, mas todos eram obrigados a seguir suas vontades. Porém, caso você conseguisse provar que estava magro demais para sua árvore, ele deixaria você comer o quanto quisesse.

O horário preferido de Wendy para costurar era depois de todos terem ido dormir. Só então, como dizia, finalmente tinha um tempo para si mesma. Ocupava esse tempo fazendo roupas novas para os garotos ou reforçando os joelhos das calças deles — a parte mais maltratada de todas.

Quando ela se sentava com uma cesta de meias para costurar — todas com os calcanhares rasgados —, erguia os braços para o céu e suspirava:

— Ai ai, às vezes sinto inveja de quem não tem filhos!

Mas seu rosto sempre se iluminava com um sorriso quando ela dizia isso.

Você se lembra que ela tinha um filhote de lobo? Pois ele descobriu logo que ela havia chegado à ilha e saiu para procurá-la. Quando se encontraram, correram um em direção ao outro. Depois disso, ele a seguia por toda parte.

Conforme o tempo passava, será que ela pensava muito em seus pais abandonados? É uma pergunta complexa, porque não é fácil dizer de que forma o tempo passa na Terra do Nunca, já que lá ele é medido pelas luas e sóis, que mudam muito mais rápido do que no mundo real. Receio que Wendy não se preocupava mais tanto com seus pais, pois tinha certeza de que manteriam a janela do quarto aberta para quando ela quisesse voltar. Isso a deixava bastante tranquila. O que a inquietava às vezes era que John mal se lembrava dos pais. Para ele eram apenas conhecidos do passado. Michael, por sua vez, já acreditava que Wendy era sua mãe de verdade. Isso a deixava um pouco incomodada. Com uma nobre determinação, ela tentava manter viva na memória deles aquela vida anterior, aplicando provas parecidas com as da velha escola. Os garotos achavam aquilo muito

interessante e faziam questão de participar. Faziam suas próprias folhas de resposta e se sentavam em volta da mesa, escrevendo e se esforçando nas questões que Wendy passava. As perguntas eram das mais simples: “De que cor eram os olhos da mamãe?”; “Quem era mais alto: papai ou mamãe?”; “A mamãe era loira ou morena?”; “Se possível, responda a todas as questões”. “Escreva uma redação com mais de quarenta palavras com um dos seguintes temas: ‘Como foram minhas férias?’ ou ‘Um comparativo entre as personalidades de papai e mamãe’”. Ou ainda: “(1) Descreva a risada da mamãe”; “(2) Descreva a risada do papai”; “(3) Descreva o vestido de gala da mamãe”; “(4) Descreva a casinha de cachorro e quem mora ali”.

Eram perguntas simples, mas quando alguém não sabia a resposta, tinha que escrever um X naquele espaço. A quantidade de X nas provas de John era alarmante. O único garoto que respondia a todas as questões era Espeto, que sempre acreditava ter tirado a melhor nota. Mas suas respostas eram ridículas e ele sempre acabava com a pior nota. Era algo triste de se ver.

Peter não participava das aulas. Primeiro, porque detestava todas as mães, menos Wendy. Além disso, era o único garoto da Terra do Nunca que não sabia ler nem escrever nadinha. Ele estava acima dessas coisas.

É importante notar que todas as questões eram escritas no passado: “De que cor *eram* os olhos da mamãe?” e assim por diante. Wendy, veja só, também estava se esquecendo deles.

Quanto às aventuras, obviamente não se passava um dia sem elas, como veremos. Com a ajuda de Wendy, Peter inventou uma nova brincadeira, que o divertia por um tempo, pois, como já vimos, ele enjoava das coisas muito rápido. Consistia em fingir que não havia nenhuma aventura, ou seja, o jogo era viver como Michael e John viviam antes de irem para a ilha. Ficavam todos quietos, sentados em um banco, jogando bolas para o ar, brincando de luta e fazendo passeios sem sequer matar um urso. Ver Peter sentado em um banco sem fazer nada era admirável. Às vezes,

ele ficava com um aspecto solene, porque, para ele, manter-se quieto era algo muito engraçado. Peter se gabava dizendo que tinha ido dar um passeio porque isso fazia bem à saúde. Por muitos dias, essa novidade foi sua aventura preferida. John e Michael também fingiam estar gostando, caso contrário levariam uma grande bronca de Peter.

Peter muitas vezes saía sozinho. Quando retornava, era impossível dizer ao certo se ele havia vivido uma aventura ou não. Ele podia se esquecer completamente do que acabara de fazer e não ter nada para contar. Porém, bastava alguém sair da casa para encontrar um cadáver. Ele também era capaz de contar uma grande história, mas depois não havia nenhum corpo. Às vezes, ele voltava para casa com a cabeça enfaixada, e Wendy limpava e cuidava da ferida enquanto ele contava um caso fascinante. Mesmo assim, ela nunca tinha certeza se era verdade ou não. Ela sabia que de fato muitas das aventuras realmente aconteceram, pois tinha participado. Outras eram parcialmente verdadeiras, mesmo aquelas nas quais os outros garotos estiveram presentes. Evidentemente, todos eles juravam de pés juntos que tudo havia acontecido exatamente daquela maneira. Para descrever todas essas histórias seria necessário um livro grande, da espessura de um dicionário. Em razão disso, o máximo que podemos fazer é dar um exemplo de uma hora de vida comum na ilha. A dificuldade é saber qual escolher. Talvez a luta contra os peles-vermelhas no desfileiro do Varapau? Foi uma batalha sangrenta e muito interessante. Ilustra bem uma das peculiaridades de Peter, que é trocar de lado no meio da luta. No desfileiro, quando a luta ainda estava equilibrada, podendo ser vencida por qualquer um, ele gritou:

— Agora eu sou um pele-vermelha! Piuí, o que você é?

E Piuí respondeu:

— Pele-vermelha! O que você é, Espeto?

— Pele-vermelha! O que você é, gêmeo?

E assim foi até que todos os garotos viraram peles-vermelhas. A luta

deveria terminar ali, mas acontece que os peles-vermelhas de verdade ficaram tão intrigados com o método de Peter que aceitaram ser garotos perdidos só daquela vez, e a batalha recomeçou, ainda mais violenta.

A coisa mais extraordinária dessa aventura foi que... calma, ainda não decidimos se contaremos essa. Talvez exista uma melhor, como o ataque noturno dos peles-vermelhas à casa subterrânea, quando vários índios ficaram presos nos buracos das árvores e foram sacados feito rolhas. Ou também podemos contar aquela vez em que Peter salvou Lily Tigre na Laguna das Sereias e ela se tornou sua aliada.

Podemos também contar sobre o bolo que os piratas fizeram para envenenar os garotos, de como o colocaram em um local fácil de encontrar. Mas Wendy sempre o arrancava da mão deles antes de darem a primeira mordida. Com o tempo, o bolo ficou seco e duro como uma pedra e passou a ser usado como munição, até que um dia Hook tropeçou nele no escuro.

Também podemos contar sobre os pássaros amigos de Peter, especialmente uma Ave do Nunca que fez seu ninho em um galho sobre a laguna. Um dia o ninho caiu na água, mas a ave continuou lá, chocando os ovos. Peter ordenou que ela não fosse incomodada. Essa é uma bela história, que demonstra a gratidão de uma ave, mas para contá-la teríamos que contar toda a aventura na laguna, o que obviamente seriam duas aventuras de uma vez só. Tem ainda uma aventura mais curta, mas igualmente emocionante, quando Tinker Bell e outras fadas colocaram Wendy sobre uma folha no mar, ainda adormecida, para que ela voltasse flutuando para o mundo real. Por sorte a folha afundou e Wendy acordou. Achando que era hora do banho, nadou de volta para a ilha. Também podemos escolher aquela em que Peter provocou os leões. Ele desenhou um círculo ao seu redor no chão, com uma flecha, e os desafiou a cruzar a linha. Mesmo ficando no círculo por horas, com Wendy e os garotos observando aflitos de cima das árvores, nenhum leão se atreveu a aceitar o desafio.

Qual aventura escolher? O jeito é decidir no cara ou coroa.

Joguei a moeda e a vencedora foi a aventura da laguna. Minha vontade era de contar a aventura do desfiladeiro, ou a do bolo, ou a da folha de Tink. Eu poderia jogar a moeda outra vez e tirar a melhor de três. No entanto, o mais justo talvez seja contar a da laguna logo de uma vez.







# A LAGUNA DAS SEREIAS

**C**om os olhos fechados e um pouco de sorte, de vez em quando, é possível ver no escuro uma piscina sem forma definida com adoráveis tons pastel ondulando dentro dela. Se apertarmos mais os olhos, a piscina começa a tomar forma e as cores ficam vívidas. Mais um tantinho e logo parece que ela está prestes a pegar fogo. Um pouquinho antes disso é possível ver a laguna. No mundo real, isso é o mais próximo que podemos chegar da Terra do Nunca — tudo dura apenas um único e maravilhoso momento. Se por acaso tivéssemos um momento a mais, poderíamos ver o movimento das águas e ouvir o canto das sereias.

As crianças costumavam passar dias inteiros de verão nessa laguna, nadando, boiando, brincando com as sereias e outras coisas assim. Engana-se quem pensa que as sereias são amigáveis. Ao contrário, um dos maiores desgostos de Wendy, durante todo o tempo em que esteve na ilha, foi que as sereias nunca foram simpáticas com ela. Quando ia de mansinho até a

beira da laguna, via várias delas, principalmente na Pedra dos Exilados, onde adoravam tomar sol e pentear seus cabelos languidamente, o que irritava Wendy. Às vezes ia nadando, também às escondidas, até ficar a um metro de distância delas. Mas, logo que percebiam sua presença, espirravam água em Wendy e mergulhavam para o fundo.

Obviamente as sereias tratavam Peter de maneira diferente do resto dos garotos. Ele conversava bastante com elas na Pedra dos Exilados e se sentava em suas caudas quando ficavam inquietas. Ele até deu um dos pentes das sereias de presente para Wendy.

O momento mais assustador para observá-las era durante as mudanças da lua, quando entoavam gemidos estranhos, parecidos com os das baleias. Nessas ocasiões, a laguna era perigosa para os mortais. Até a noite da qual falaremos agora, Wendy nunca havia visto a laguna ao luar. Não por medo, pois Peter a teria acompanhado, mas porque ela tinha regras muito rígidas de que todos deviam estar na cama às sete. Apesar disso, sempre ia lá quando fazia sol depois de chover. Nesses dias, as sereias apareciam aos montes para brincar de bolhas. O arco-íris que surgia depois da chuva deixava as bolhas coloridas. Elas então as jogavam com suas caudas, umas para as outras, feito bolas. O jogo consistia em tentar manter as bolhas dentro do arco colorido o máximo possível, até que estourassem. Montavam gols em cada uma das pontas do arco-íris e as goleiras só podiam usar as mãos. Às vezes aconteciam vários desses jogos ao mesmo tempo. Era tudo muito bonito de se ver.

Quando os meninos tentavam entrar no jogo, as sereias desapareciam imediatamente. Eles acabavam brincando sozinhos. Mesmo assim, temos provas de que ficavam observando os intrusos secretamente, pois sempre usavam as ideias deles para aperfeiçoar seu jogo. John, por exemplo, inventou de bater nas bolhas usando a cabeça ao invés das mãos. Rapidamente, as sereias incorporaram isso ao seu jogo. Aquele foi o único legado de John para a Terra do Nunca.

Também era uma bela visão as crianças deitadas em alguma pedra por meia hora depois do almoço. Wendy fazia questão disso. O descanso tinha de ser verdadeiro, mesmo que o almoço tivesse sido de faz de conta. Ficavam deitados ali, seus corpos brilhando ao sol, e ela sentada ao lado, com ar imponente.

Em um desses dias, estavam todos na Pedra dos Exilados, a qual não era muito maior do que a cama onde dormiam, mas obviamente sabiam fazer caber todo mundo. Cochilavam — ou pelo menos estavam deitados de olhos fechados — e de vez em quando um beliscava o outro quando achavam que Wendy não estava vendo. Ela ficava muito concentrada costurando.

Enquanto costurava, algo aconteceu na laguna. A água se encrespou, o sol desapareceu e nuvens surgiram no céu, deixando tudo gelado. Wendy não conseguia sequer enxergar sua agulha. Quando ergueu os olhos, sentiu que a laguna, que havia pouco era um lugar divertido, estava assustadora.

Ela sabia que ainda não era a hora, mas algo tão escuro quanto a noite havia chegado. Não, pior que isso. Ainda não havia chegado, mas todas aquelas perturbações que vinham do mar eram o aviso de que estava chegando. O que poderia ser?

De repente ela se lembrou das histórias que ouviu sobre a Pedra dos Exilados, que ganhou esse nome porque capitães deixavam marinheiros lá para morrerem. A água cobre a pedra quando a maré sobe e afoga quem estiver ali.

Wendy deveria ter acordado as crianças de imediato, não apenas pela sensação de que algo estranho se aproximava, mas porque a pedra estava gelada e eles poderiam acabar resfriados. Era uma mãe inexperiente e não teve esse instinto. Para ela, o correto seria que todos descansassem por meia hora após o almoço. Por isso, mesmo com medo e sabendo que as vozes dos garotos poderiam tranquilizá-la, ela não os acordou. Quando

ouviu o som abafado de remos na água, sentiu seu coração subir à boca, e ainda assim não os acordou. Manteve-se firme para que tivessem seu descanso. Não foi corajoso da parte dela?

A sorte dos garotos é que um deles era capaz de farejar perigo mesmo dormindo. Peter deu um salto, atento como um cão de guarda, e acordou todos com um grito.

Ficou parado, escutando com a mão na orelha:

— Piratas! — exclamou.

Os outros se aproximaram. Peter tinha um estranho sorriso, que Wendy notou e a fez estremecer. Quando ele sorria daquela forma, ninguém ousava dizer nada. Apenas esperavam as ordens. E ela veio clara e firme:

— Mergulhem!

Depois de uma confusão de pernas correndo, a laguna ficou instantaneamente deserta. A Pedra dos Exilados ficou abandonada em meio àquelas águas medonhas, como se a própria pedra tivesse sido exilada.

O barco se aproximou. Era o bote dos piratas trazendo três pessoas: Rolha, Starkey e uma prisioneira, ninguém menos do que Lily Tigre. Tinha mãos e pés amarrados e sabia o que a esperava. Seria deixada na pedra para morrer, algo que para o povo guerreiro ao qual pertencia era pior do que morrer na fogueira ou torturada. Afinal, está escrito no livro da tribo que não há caminho para o feliz campo de caça que passe pela água. Sua face não demonstrava emoção. Era a filha do cacique e deveria morrer como tal. Isso era tudo.

Ela foi apanhada quando abordava o navio pirata com uma faca na boca. Ninguém estava de vigia, pois sendo o navio de Hook, apenas sua reputação bastava para manter a embarcação segura. Sua morte aumentaria ainda mais essa reputação. Um outro gemido seria ouvido no vento daquela noite.

Com a penumbra que trouxeram consigo, os piratas só conseguiram avistar a rocha quando bateram nela:

— Cuidado, seu idiota! — gritou Rolha com seu sotaque irlandês. — Chegamos. Agora vamos deixar a pele-vermelha aí para que se afogue.

Bastou um instante para jogarem a bela garota na pedra. Ela era orgulhosa demais para oferecer qualquer resistência.

Bem próximo à rocha, mas fora da vista dos piratas, duas cabeças boiavam acima da água. Eram Peter e Wendy, que chorava frente à tragédia que se desenjava. Peter já havia presenciado muitas delas, mas se esquecera de todas. Ele não estava tão chateado por Lily Tigre quanto Wendy. O que o irritou foi o fato de serem dois contra um, por isso era seu dever salvá-la. O modo mais fácil seria esperar os piratas irem embora, mas Peter nunca escolhia o mais fácil.

Como não havia muito o que fazer, começou a imitar a voz de Hook:

— Alto lá, palermas!

Era uma imitação impressionante.

— É o capitão! — disseram os piratas, olhando um para o outro.

— Ele deve ter vindo nadando — apontou Rolha, enquanto tentavam em vão avistá-lo na água.

— Estamos deixando a pele-vermelha na pedra! — gritou Rolha.

— Soltem ela agora mesmo — foi a surpreendente resposta.

— Soltar?

— Sim, soltem! Deixem ela ir.

— Mas capitão...

— Agora! Entenderam? — gritou Peter. — Senão enfio meu gancho no seu bucho!

— Tem alguma coisa estranha — Rolha murmurou.

— É melhor fazer o que capitão diz — disse Starkey, nervoso.

— É — respondeu Rolha e cortou as amarras de Lily Tigre.

Como uma enguia, ela deslizou entre as pernas de Starkey e se atirou na água.

Wendy ficou muito impressionada com a sagacidade de Peter, mas sabia que ele ficaria cheio de si e acabaria se entregando. Por isso, foi até ele e cobriu sua boca com a mão. Mas parece que isso não fez muita diferença, porque a voz de Hook ressoou outra vez pela laguna:

— Alô, barco!

Dessa vez não tinha sido Peter.

Há um minuto, Peter estava prestes a se vangloriar, mas agora seu rosto estava franzido de susto.

— Alô, barco! — a voz insistia.

Wendy entendeu o que se passava. O verdadeiro Hook também estava na água.

Ele nadava em direção ao barco e, quando seus homens acenderam uma lanterna, ele logo os alcançou. Sob a luz da lanterna, Wendy viu seu gancho agarrar o beiral do barco. Viu seu rosto moreno e maléfico se erguer da água e sentiu vontade de fugir dali, mas Peter jamais recuaria. Além do mais, ele seguia agitado e presunçoso.

— Eu não sou demais? Ah, eu sou demais! — Peter sussurrou para ela.

Embora ela concordasse, também estava aliviada pelo fato de mais ninguém ter escutado aquilo. Peter fez sinal para que escutasse com atenção.

Os dois piratas estavam muito intrigados sobre os motivos de o capitão ter ido até lá, mas ele simplesmente se sentou apoiando o rosto no gancho e mergulhou em uma profunda melancolia.

— Capitão, está tudo bem? — perguntaram timidamente, mas um gemido triste foi a resposta que tiveram.

— Ele está suspirando — sussurrou Rolha.

— Suspirou de novo — tornou Starkey.

— Está suspirando mais uma vez.

Finalmente Hook falou, exaltado:

— Agora é sério. Os garotos encontraram uma mãe.

Mesmo aterrorizada, Wendy sentiu uma ponta de orgulho.

— Maldição! — exclamou Starkey.

— O que é uma mãe? — perguntou o tapado Rolha.

Wendy ficou tão compadecida que exclamou:

— Ele não sabe o que é ter mãe!

Maternal como era, pensou nos piratas como bichinhos de estimação desamparados. Ficou tão comovida que cogitou adotar o Rolha.

Nesse instante, Peter a puxou para debaixo d'água, pois Hook se levantou, gritando:

— O que foi isso?

— Não ouvi nada — disse Rolha, erguendo o lampião.

Quando tentaram enxergar algo, o que viram foi inusitado. O ninho de que falei mais cedo vinha flutuando sobre a laguna, com a Ave do Nunca sentada nele.

— Veja só — disse Hook, em resposta a Rolha. — Isto é uma mãe. É um bom exemplo. O ninho deve ter caído na água, mas uma mãe jamais abandona seus ovos. Nunca.

Ele se calou, pois começou a se lembrar dos inocentes dias de sua infância. Logo afugentou esse momento de fraqueza, brandindo seu gancho.

Rolha, muito impressionado, admirava o pássaro conforme o ninho flutuava, mas Starkey, que era um sujeito desconfiado, disse:

— Se ela é uma mãe, talvez esteja aqui para ajudar Peter em alguma coisa.

Hook sentiu um calafrio e respondeu:

— Pois é exatamente esse o meu receio.

A voz de Rolha o despertou de seu desânimo:

— Capitão, não poderíamos raptar a mãe desses garotos e fazê-la virar nossa mãe?

— Mas que ótima ideia! — exclamou Hook, que passou a maquinar um plano com sua inteligência perversa.

— Capturamos as crianças e as levamos para o barco. Fazemos os garotos andarem na prancha e Wendy fica sendo nossa mãe.



Mais uma vez, Wendy se descuidou:

— Jamais! — exclamou, para logo depois afundar novamente.

— O que foi isso?

Não conseguiram enxergar nada. Pensaram que tivesse sido um golpe de vento.

— Aceitam, patifes? — indagou Hook.

— De mão direita erguida — responderam os outros piratas.

— E eu ergo meu gancho. Fazemos um juramento.

Todos juraram. Estavam sobre a pedra e Hook de repente se lembrou de Lily Tigre.

— Onde está a pele-vermelha? — perguntou afobado.

Ele fazia piadas de vez em quando e os piratas acharam que aquela era uma delas:

— Já está tudo certo, capitão. Nós a soltamos — Rolha respondeu, entrando na brincadeira.

— Soltaram? — exclamou Hook.

— Ué, foram suas ordens. — O imediato desconfiou que não era uma brincadeira.

— Você gritou da água para que a soltássemos — Starkey completou.

— Com mil demônios! — gritou Hook, furioso. — O que diabos está acontecendo aqui?

Sua face se escureceu de raiva. Percebeu, no entanto, que os piratas achavam que aquilo era mesmo verdade. Ficou alarmado:

— Rapazes, eu não dei essa ordem — disse, ligeiramente trêmulo.

— Que estranho! — respondeu Rolha e todos se ajustaram desconfortáveis.

Hook elevou a voz, mas ainda havia um tremor nela:

— Espíritos que assombram esta laguna! — exclamou. — Estão me ouvindo?

Obviamente Peter deveria ter ficado calado, mas é claro que não ficou. Respondeu imediatamente, imitando a voz de Hook:

— Maldição, diabos, com mil demônios alados! Ouço sim!

Mesmo em um momento como esse, Hook se manteve impassível. Sua respiração não apresentou a menor alteração. Já Rolha e Starkey Cortés se agarraram um ao outro aterrorizados.

— Quem é você, estranho? Diga! — Hook ordenou.

— Eu sou James Hook — a voz respondeu —, o capitão do navio com bandeira de caveira.

— Não, não é. Você não é! — gritou Hook, com voz sombria.

— Com mil demônios! — a voz replicou. — Repita isso e te afundo com minha âncora.

Hook tentou uma abordagem mais gentil:

— Se você é mesmo o Hook — disse em um tom quase humilde —, por favor, me diga quem sou eu então?

— Um bacalhau — respondeu a voz. — Você não passa de um bacalhau.

— Um bacalhau! — Hook repetiu, sem demonstrar sentimentos.

E foi aí, e somente aí, que seu orgulho foi ferido. Notou que seus homens se afastavam dele:

— Todo esse tempo e o nosso capitão era um bacalhau? — resmungaram os piratas. — Isso é uma vergonha!

Seus cães se voltavam contra ele, mas abalado como estava, mal prestou atenção. Diante dessa terrível afirmação, não era mais a confiança deles que Hook precisava retomar, era a sua própria. Ele sentia sua autoestima desvanecer:

— Não me abandone agora — sussurrou para o seu próprio ego.

Havia um toque feminino em sua personalidade sombria, como na de todos os grandes piratas, e isso às vezes lhe dava intuições. Assim, tentou um jogo de adivinhações:

— Hook — perguntou —, você tem alguma outra voz?

Peter, que era incapaz de dispensar uma brincadeira, respondeu alegremente, usando sua própria voz:

- Tenho.
- E tem algum outro nome também?
- Tenho, sim.
- Você é um vegetal? — indagou Hook.
- Não.
- Você é um mineral?
- Não.
- Animal?
- Sim.
- É um homem?
- Não! — Essa resposta veio com tom de desdém.
- Você é um menino?
- Sou.
- Um menino comum?
- Não.
- Um menino mágico?

Para o desgosto de Wendy, dessa vez a resposta foi “sim”.

- Você mora na Inglaterra?
- Não.
- Você mora aqui?
- Sim.

Hook estava completamente perdido:

— Perguntem vocês alguma coisa agora — desistiu, enxugando o suor da testa.

Rolha se esforçou:

- Não consigo pensar em nada para perguntar — disse aborrecido.
- Não sabe, não sabe! — provocou Peter. — Desistem?

Tomado por seu orgulho, Peter levou o jogo além do que devia e os vilões viram nisso uma oportunidade:

- Desistimos! — responderam agitados.

— Bom, então... sou eu, Peter Pan! — exclamou.

Pan!

Imediatamente Hook voltou a ser o mesmo de sempre. Rolha e Starkey, por sua vez, voltaram a ser seus fiéis lacaios.

— Vamos pegá-lo! — Hook gritou. — Mergulhe, Rolha! Starkey, fique no barco! Quero ele vivo ou morto!

Hook deu as ordens enquanto saltava do bote. No mesmo instante veio a voz alegre de Peter:

— Prontos, garotos?

— Sim! — foi a resposta que veio de várias partes da laguna.

— Para cima dos piratas!

A luta foi rápida e intensa. O primeiro a derramar sangue foi John, que corajosamente subiu no bote e agarrou Starkey. Atracaram-se ferozmente. O pirata deixou sua espada cair e, na sequência, mergulhou. John saltou atrás dele. O bote ficou à deriva.

Aqui e ali, cabeças surgiam na água. Depois, um brilho de lâmina em movimentos rápidos seguido por um grito ou um gemido. Na confusão, às vezes acabavam até atacando os próprios amigos. O saca-rolha de Rolha acertou Piuí na costela, que também já estava sendo atacado por Caracol. Mais afastado da rocha, Starkey dava uma boa surra em Fiapo e nos gêmeos.

E onde estava Peter durante tudo isso? Em busca do peixe premiado.

Todos os garotos eram corajosos e não devem ser julgados por evitar a luta com o capitão. Sua garra de ferro desenhava um círculo mortal na água, do qual eles fugiam como peixes assustados.

Só um garoto não tinha medo e se preparava para invadir aquele círculo.

Por incrível que pareça, não foi na água que eles se enfrentaram. Hook subiu na rocha para respirar e, no mesmo momento, Peter a escalou pelo outro lado. A superfície era muito escorregadia. Ambos praticamente tiveram de engatinhar sobre ela. Porém, eles não sabiam que estavam tão próximos. Tentavam encontrar algum apoio na pedra, quando um

encostou na mão do outro. Com o susto, ergueram suas cabeças. Seus narizes quase se tocaram. Foi assim que se viram frente a frente.

Até os maiores heróis da história já confessaram que, antes de entrar em uma batalha, sentiam um grande frio na barriga. Se Peter tivesse sentido isso também, eu não esconderia. Afinal, o capitão era o único homem que Long John Silver temia. Peter não sentia medo algum. Ao contrário, estava tomado por uma enorme satisfação. Tanto que arreganhou alegremente seus belos dentinhos. Rápido como um raio, apanhou a faca do cinto de Hook e ia acabar com tudo de uma vez por todas quando percebeu que estava em uma posição mais alta na rocha do que seu inimigo. Não seria uma vitória justa. Ofereceu a mão ao pirata para ajudá-lo a subir.

Foi quando Hook o mordeu.

Não foi a dor, mas o sentimento de traição e trapaça que atordoou e paralisou Peter. Só conseguia olhar para Hook, impressionado. Toda criança se traumatiza quando sofre uma injustiça pela primeira vez. Elas acreditam em uma lealdade recíproca inegociável nessas situações. Quando alguém é desleal com uma criança, pode até ser que um dia ela volte a amar essa pessoa, mas a criança nunca mais será a mesma. Ninguém se recupera da primeira injustiça sofrida, exceto Peter. Ele já tinha sido injustiçado várias vezes, mas sempre se esquecia disso. Talvez fosse essa a principal diferença entre ele e as outras pessoas.

Por isso, sempre parecia que era a primeira vez novamente. Ele ficou encarando, imóvel. E por duas vezes o gancho o feriu.

Pouco depois disso, os outros garotos avistaram Hook nadando ferozmente em direção ao navio. Sua face terrível já não tinha mais nenhuma expressão de júbilo, apenas medo puro, pois o crocodilo o perseguia incansavelmente. Em qualquer outra ocasião, os garotos teriam nadado ao lado dele, gritando e zombando. Mas agora estavam apreensivos, pois haviam perdido Peter e Wendy de vista. Vasculharam toda a laguna atrás deles, gritando seus nomes. Encontraram o bote dos piratas e o tomaram

para voltar para casa, chamaram por Peter e Wendy durante todo o percurso. Em resposta, somente as gargalhadas debochadas das sereias.

— Devem ter voltado voando ou nadando — concluíram.

Não estavam muito preocupados, pois tinham confiança extrema em Peter. Riam alegres porque iriam para a cama mais tarde. Tudo graças à mamãe Wendy.

Quando pararam de conversar, um silêncio frio caiu sobre a laguna e ouviram um grito débil:

— Socorro! Socorro!

Duas crianças se debatiam contra as rochas. A menina estava desmaiada e o garoto a segurava. Em seu último esforço, Peter a jogou sobre a rocha e tombou ao lado dela. Antes de desmaiar, ele viu que a água subia. Sabia que logo estariam afogados, mas não era capaz de fazer mais nada.

Ainda deitados, lado a lado, uma sereia começou a puxar Wendy lentamente pelos pés, para dentro da água. Peter, sentindo que ela se afastava, acordou assustado, bem a tempo de puxá-la de volta. Ele precisava contar a Wendy o que realmente estava acontecendo:

— Estamos na rocha, Wendy, e a água está subindo e vai tomar tudo.

Mesmo assim, ela ainda não conseguia entender:

— Então vamos sair daqui! — Wendy disse, recompondo-se.

— Sim — Peter respondeu com um fio de voz.

— Vamos voando ou nadando, Peter?

Ele precisava contar toda a verdade para ela:

— Você acha que consegue nadar ou voar até a ilha sem minha ajuda, Wendy?

Ela teve de reconhecer que estava cansada demais. Peter gemeu.

— O que foi? — Wendy perguntou, agora preocupada com ele.

— Não consigo te ajudar, Wendy. Hook me feriu. Não consigo voar nem nadar.

— Quer dizer que vamos nos afogar?

— Veja como a maré está subindo.

Cobriram os olhos com as mãos para escapar daquela visão terrível. Imaginaram que logo estariam mortos. Enquanto se espremiavam, Peter sentiu algo em sua pele, leve como um beijo, que o tocava como se perguntasse “posso ajudar?”.

Era a rabiola de uma pipa que Michael fizera dias atrás. Havia escapado da mão dele e voado para longe.

— A pipa do Michael — Peter exclamou, sem se importar muito com aquilo, mas no momento seguinte agarrou a rabiola e começou a puxá-la.

— Se foi forte o suficiente para levantar Michael do chão, talvez consiga erguer você também — exclamou para Wendy.

— Nós dois!

— Ela não aguenta duas pessoas. Michael e Caracol tentaram.

— Vamos tirar na sorte — Wendy propôs, enchendo-se de coragem.

— Nunca. Você é menina, você vai.

Peter já havia amarrado a rabiola em volta dela, que o abraçou para não ir sozinha. Disse “Adeus, Wendy” e a empurrou da rocha. Em poucos minutos ela já estava fora de vista. Peter ficou sozinho na laguna.

Restava apenas um pedacinho da rocha fora da água, que logo ficaria inteiramente submersa. Discretos raios de luz tocavam as águas. Aqui e ali se ouvia o som mais harmonioso — e ao mesmo tempo o mais melancólico — do mundo: sereias cantando para a lua.

Apesar de Peter não ser como os outros meninos, ele estava com medo. Um calafrio passou por seu corpo, como o tremor que o vento produz na água do mar. No entanto, no mar, uma ondulação segue outra, infinitamente. Peter, por sua vez, sentiu apenas uma, misto de tremor e onda. No instante seguinte, já estava novamente em pé sobre a rocha, com o mesmo sorriso no rosto e um tambor batendo dentro de seu peito. O tambor dizia:

— Morrer deve ser a maior das aventuras.







# A AVE DO NUNCA

**A** última coisa que Peter ouviu antes de ficar completamente sozinho foi o som das sereias se retirando para seus aposentos subaquáticos. No entanto, de onde ele se encontrava não era possível ouvir as portas se fechando. Em cada uma das cavernas de coral que elas moram há um sininho que toca sempre que as portas abrem e fecham, igual às casas no mundo real. Peter ouviu apenas o tilintar dos sinos.

A água continuava subindo e já cobria seus pés. Para passar o tempo, antes de ser engolido pela maré, ficou observando a única coisa possível de se ver na laguna. Parecia um papel boiando, talvez um pedaço da pipa. Peter se perdeu em pensamentos, calculando quanto tempo levaria para o papel chegar até a praia.

Depois de um tempo, percebeu algo estranho. O papel sem dúvida tinha vontade própria e estava lutando contra a corrente, inclusive conseguindo vencê-la. Quando finalmente avançou, Peter, que sempre torcia

para os mais fracos, não se conteve e aplaudiu: era um pedaço de papel muito valente.

O pedaço de papel era, na verdade, a ave do Nunca, que remava com muito esforço para alcançar Peter. Usava suas asas como remos, algo que tinha aprendido desde a queda de seu ninho na água. Ela conseguia, até certo ponto, guiar sua peculiar embarcação. Quando Peter finalmente reconheceu a ave, ela já estava exausta. Tinha ido até lá para salvá-lo, oferecendo seu ninho, mesmo com seus ovos dentro. Esse passarinho sempre me deixou intrigado, porque mesmo que Peter tenha sido gentil com ela algumas vezes, em outras ele a importunava bastante. Só posso imaginar que assim como a senhora Darling e todos os outros, a ave se derretia com os dentinhos de leite de Peter.

Começou a gritar para ele, tentava explicar os motivos que a levaram até lá. Peter gritava de volta, perguntando a mesma coisa. Não se entendiam porque um não falava a língua do outro. Nos contos de fada, as pessoas conseguem entender e falar com os passarinhos facilmente. Aliás, eu queria que essa história fosse assim, para poder dizer que Peter respondeu à ave facilmente. Porém, como quero contar o que realmente aconteceu, prefiro dizer a verdade. Eles não se entendiam e rapidamente começaram a perder a paciência um com o outro.

— Suba... no... ninho — dizia a ave, falando o mais devagar possível. — Assim... você... conseguirá... chegar... até... a... praia..., mas... eu... estou... cansada... demais... para... remar... até... você..., então... você... precisa... nadar... até... aqui.

— O que você está resmungando? — foi a resposta de Peter. — Por que não deixa o ninho seguir com a corrente?

— Suba... no... ninho... — a ave repetiu tudo outra vez.

Peter tentou falar mais devagar, enunciando melhor cada palavra:

— O... que... você... está... res... mun... gan... do?

E assim por diante.

A ave do Nunca se irritou — ambos tinham o pavio curto:  
— Seu cabeça de minhoca! — exclamou. — Por que não faz o que estou dizendo?

Peter percebeu que ela o xingava e retrucou na mesma hora:

— É você!

Então, curiosamente, ambos chegaram à mesma conclusão:

— Cale a boca!

— Cale a boca!

Ainda assim, a ave estava determinada e queria salvar Peter a qualquer custo. Seu último e penoso esforço foi empurrar o ninho em direção à rocha. Depois alçou voo, abandonando seus ovos, para deixar claras as suas intenções.

Peter finalmente compreendeu, agarrou o ninho e agradeceu a ave com um aceno enquanto ela o sobrevoava. Ela não ficou ali porque esperava agradecimentos, muito menos para ver se ele conseguiria subir no ninho. Ela esperava para ver o que ele faria com seus ovos.

Eram dois grandes ovos brancos. Peter os analisou e pensou no que fazer. A ave cobriu seu rosto com as asas, pois não tinha coragem de ver o fim de seus filhos, mas não pôde evitar de dar uma espiadinha por entre as penas.

Não sei se comentei que havia um toco de madeira na rocha, fincado ali por bucaneiros havia muito tempo. Servia para marcar o lugar onde um tesouro estava enterrado. As crianças já haviam descoberto esse baú com joias. Endiabrados como eram, atiravam moedas de ouro, diamantes, pérolas e dobrões de prata para as gaivotas. As aves confundiam as peças do tesouro com comida, agarravam, tentavam comer e depois saíam voando ensandecidas com a traquinagem. O toco ainda estava no mesmo lugar, Starkey havia pendurado seu chapéu nele. Era um chapéu de lona impermeável, de aba larga. Peter colocou os ovos nesse chapéu e o pôs na água. Flutuava perfeitamente.

A ave do Nunca percebeu de imediato o que Peter pretendia e gritou para ele, demonstrando sua admiração. Como era de se esperar, Peter gritou de volta, concordando que de fato era digno de admiração. Subiu no ninho, cravou o toco como mastro e amarrou sua camisa nele para usá-la como vela. Enquanto isso, a ave sobrevoou o chapéu e se sentou sobre os ovos como se estivesse em seu ninho. Ela se deixou boiar para uma direção enquanto Peter partiu em outra. Ambos se saudaram.

Quando Peter chegou à praia, deixou o ninho em um lugar onde a ave pudesse encontrá-lo. No entanto, ela gostou tanto do chapéu que o ninho foi descartado. Várias vezes, quando Starkey ia até a laguna, ficava observando amargurado o pássaro aninhado em seu antigo chapéu. Já que não a veremos mais, vale dizer que desde esse episódio, todas as aves do Nunca passaram a fazer seus ninhos em formato de chapéu, com abas largas para que os filhotes se sentassem e tomassem ar.

Quando Peter finalmente chegou à casa subterrânea, foi recebido com muita comemoração. Chegou quase ao mesmo tempo que Wendy, trazida pela pipa em ziguezague. Todos os garotos tinham aventuras para contar, mas talvez a maior delas foi terem ficado acordados até muito mais tarde do que o permitido naquela noite. Estavam tão empolgados que passaram a inventar desculpas para permanecer despertos. Diziam, por exemplo, que precisavam de curativos. Wendy, por mais aliviada que estivesse ao ver todos em casa sãos e salvos, estava horrorizada com o grande atraso da hora de dormir. Em razão disso, e com um tom de voz que não admitiria desobediências, ordenou:

— Já para a cama!

No dia seguinte cuidou de todos com muito carinho, fez curativos, e os meninos brincaram com as muletas e tipoias até a hora de dormir.





# LAR DOCE LAR

**A** grande consequência da luta com os piratas na laguna foi os peles-vermelhas se tornarem amigos dos garotos. Peter salvou Lily Tigre de seu fatídico destino e agora os índios estavam dispostos a fazer qualquer coisa por ele. Passavam as noites sentados sobre a casa subterrânea e vigiavam à espera do grande ataque dos piratas, que não tardaria muito. Eles não se afastavam mesmo durante o dia, e fumavam seu cachimbo da paz com cara de que aceitariam algo para comer caso os meninos oferecessem.

Chamavam Peter de O Grande Pai Branco e se ajoelhavam aos seus pés. Peter adorava aquilo.

— O Grande Pai Branco está contente de ver os guerreiros Piccaninny protegendo sua oca dos piratas — dizia de maneira muito afetada.

— Eu Lily Tigre — a bela índia respondia. — Peter Pan salvar eu. Eu ser boa amiga Peter Pan. Eu não deixar pirata machucar Peter.

Lily Tigre era bonita demais para se sujeitar àquilo, mas Peter achava que merecia e respondeu concordando:



— Que bom. Falou Peter Pan.

Sempre que Peter dizia “Falou Peter Pan”, significava que todos deviam calar a boca, o que os índios aceitavam servilmente. No entanto, os peles-vermelhas não eram nem um pouco respeitosos com os outros membros do grupo, a quem viam como meros soldados. Cumprimentavam com um simples “Hao?”, sem entusiasmo. Os garotos ficavam chateados porque Peter parecia não se importar com aquilo.

Wendy até compreendia a situação, mas era uma dona de casa fiel demais para permitir críticas ao homem da casa:

— Papai sabe o que faz — dizia sempre, sem revelar o que realmente pensava. Na verdade, ela odiava quando os peles-vermelhas a chamavam de “cara-pálida”.

Agora, chegamos à noite que ficará conhecida como A Noite das Noites, por conta das aventuras que ocorreram e do seu desfecho. Tinha sido um dia bastante tranquilo, como se tudo estivesse se preparando para algo importante. Os peles-vermelhas, com seus ponchos, estavam nos postos de vigia. As crianças jantavam, com exceção de Peter, que havia saído para ver que horas eram. O único jeito de saber as horas na ilha era procurar o crocodilo e ficar perto dele até ouvir as badaladas do relógio.

A refeição era um chá de faz de conta. Os garotos estavam à mesa, engolindo tudo, esfomeados. Com a algazarra e as brigas, o barulho era ensurdecedor, como Wendy bem disse. Para que fique claro, não era a algazarra que a incomodava, mas a falta de modos com que se portavam, derrubando tudo, acusando o coitado do Piuí de ter esbarrado no cotovelo deles. Havia uma regra rígida proibindo o revide durante as refeições; deviam erguer a mão educadamente e comunicar a Wendy qual era a questão: “Quero fazer uma queixa!”.

Normalmente, o que acontecia era que ou eles se esqueciam de levantar a mão ou só ficavam reclamando.

— Silêncio! — gritou Wendy, depois de pedir pela vigésima vez que não falassem ao mesmo tempo. — Sua caneca está vazia, Fiapo querido?

— Não completamente vazia, mamãe — respondeu Fiapo, depois de averiguar o conteúdo de sua caneca imaginária.

— Ele nem começou a tomar o leite — acusou Espeto.

Isso era dedurar, e Fiapo não perdeu a oportunidade:

— Quero fazer uma queixa do Espeto!

Mas John havia erguido a mão primeiro.

— Diga, John.

— Posso me sentar na cadeira de Peter, já que ele não está?

— Sentar na cadeira do papai, John? — Wendy ficou chocada. — Claro que não!

— Ele não é nosso pai de verdade — retrucou John. — Ele nem sabia o que era um pai antes de eu explicar para ele.

Isso era reclamação pura:

— Queremos fazer uma queixa de John! — exclamaram os gêmeos.

Piúí ergueu a mão. Ele era o mais acanhado de todos. Aliás, era o único acanhado do grupo, por isso Wendy o tratava com um carinho especial:

— Eu não posso ser o papai, né? — disse timidamente.

— Não, Piúí.

Quando Piúí queria dizer algo, o que quase nunca acontecia, ele fazia isso de um modo um tanto atrapalhado:

— E já que eu não posso ser o papai... — continuou, contrariado — Michael, me deixa ser o bebê?

— Não, não deixo — respondeu Michael, que já estava no cesto.

— E já que eu não posso ser o bebê — insistiu Piúí, cada vez mais melancólico —, será que posso ser um gêmeo?

— Claro que não! — retrucaram os irmãos. — É muito difícil ser um gêmeo.

— Já que eu não posso ser ninguém importante, gostariam de me ver fazer um truque?

— Não — foi a resposta de todos.

— Era o que eu imaginava. — E por fim desistiu.

A algazarra recomeçou.

— Fiapo tossiu em cima da mesa!

— Os gêmeos comeram o bolo primeiro!

— Caracol está comendo manteiga com mel!

— Fiapo falou de boca cheia!

— Quero fazer uma queixa dos gêmeos!

— Quero fazer uma queixa do Caracol!

— Quero fazer uma queixa do Espeto!

— Ai, ai, ai... às vezes, tenho inveja de quem não tem filhos! — exclamou Wendy.

Wendy os mandou sumirem dali e se sentou com sua cesta cheia de roupas para costurar. As calças estavam com os joelhos furados, como sempre.

— Wendy, eu já estou grande para ficar no berço — reclamou Michael.

— Alguém precisa ficar no berço — Wendy respondeu quase com ironia.

— Você é o menor de todos. Uma casa boa de verdade sempre tem um berço.

Enquanto costurava, os garotos brincavam ao redor dela. Formavam um monte de rostinhos felizes e pernas dançantes em volta da agradável lareira. Essa já era uma cena muito comum na casa subterrânea, mas será a última vez que a veremos.

Passos soaram em cima da casa. É claro que Wendy foi a primeira a reconhecê-los:

— Crianças, ouço os passos do papai. Ele gosta que vocês corram para recebê-lo na porta.

Lá em cima, os peles-vermelhas faziam reverências a Peter.

— Vigiem bem, guerreiros. Falou Peter Pan.

E então, como em muitas outras ocasiões, as crianças foram recebê-lo felizes. Tudo ocorreu exatamente como nas muitas outras vezes, contudo, pela última vez.

Peter trouxera castanhas para as crianças e a hora certa para Wendy.

— Peter, não acha que você os mima demais? — Wendy sorriu, afetada.

— Ah, minha velha! — disse Peter, pendurando sua arma.

— Fui eu quem disse para ele que os maridos chamam as esposas de “minha velha” depois que têm filhos — Michael sussurrou para Caracol.

— Quero fazer uma queixa do Michael! — Caracol disse no mesmo instante.

O primeiro gêmeo foi até Peter:

— Papai, queremos dançar.

— Pois dance, rapaz — respondeu Peter, que estava de ótimo humor.

— Mas você dança junto?

De fato, Peter era o melhor dançarino, mas fingiu surpresa:

— Eu? Meus velhos ossos não aguentam!

— E a mamãe também!

— Eu? — exclamou Wendy — Uma mãe já tão cansada?

— Mas é noite de sábado — insistiu Fiapo.

Não era noite de sábado, ou talvez fosse. Há muito tinham perdido a noção do tempo. Sempre que queriam algo especial, diziam que era sábado à noite e então podiam fazer:

— É claro, é sábado à noite! — Wendy aceitou, complacente.

— Pessoas de respeito como nós, Wendy?

— Mas é só entre família.

— Está bem, está bem.

Então deixaram os garotos dançar, mas só se vestissem os pijamas.

— Ah, minha velha... — Peter disse somente para Wendy enquanto se aquecia perto do fogo e ela costurava uma meia. — O melhor jeito de terminar um dia é descansar perto da lareira depois da labuta, com os pequenos brincando em volta.

— É muito bom mesmo, não é? — Wendy concordou, bastante feliz. — Peter, acho que o nariz do Caracol é igual ao seu.

— E o Michael puxou a você.

Ela se aproximou e pôs a mão em seu ombro:

— Peter, querido, com uma família tão grande e agora que meus bons anos ficaram para trás, você não vai querer me trocar por outra, vai?

— Claro que não, Wendy.

Ele realmente não pensava em trocá-la, mas olhou para ela espantado, piscando como se não soubesse se estava sonhando ou acordado.

— O que foi, Peter?

— Eu estava pensando... — disse, meio assustado. — Eu sou pai deles só de faz de conta, não é?

— Claro — Wendy respondeu muito séria.

— É que eu pareceria muito velho se fosse pai deles de verdade — Peter continuou, como se estivesse se justificando.

— Só que eles são nossos, Peter, meus e seus.

— Mas não de verdade, não é, Wendy? — perguntou aflito.

— Se você não quiser, então não — respondeu Wendy, notando claramente o suspiro de alívio de Peter. — Peter — perguntou, tentando se manter firme —, o que exatamente você sente por mim?

— A devoção de um filho por uma mãe, Wendy.

— Foi o que pensei. — E foi sentar-se sozinha no outro canto da sala.

— Você é muito estranha — comentou Peter, completamente confuso. — Lily Tigre é igualzinha. Ela quer algo de mim, mas disse que não quer ser minha mãe.

— Com certeza, não! — tornou Wendy, exaltada. — Agora sabemos a razão de seu preconceito contra os peles-vermelhas.

— O que é, então?

— Uma dama não diz essas coisas.

— Tudo bem, então — Peter começava a se aborrecer. — Talvez Tinker Bell me diga.

— Ah, Tinker Bell dirá a você, sim — Wendy emendou, irônica. — Afinal, ela é mesmo uma criaturinha solta no mundo.

Foi quando Tink, que estava em seu quarto ouvindo tudo, tilintou algo com grosseria.

— Ela disse que adora ser solta no mundo — Peter traduziu. E então teve uma ideia: — Será que Tink quer ser minha mãe?

— Sua mula velha! — gritou Tink, irritada.

Ela dizia tanto isso que dessa vez Wendy nem precisou de tradução.

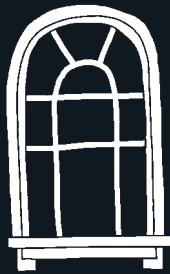
— Pois acho que concordo com ela — Wendy retrucou rispidamente.

Como é estranho ver Wendy ríspida! Porém tinha sido uma baita provocação, e mal sabia ela o que ainda aconteceria antes dessa noite terminar. Se soubesse, não teria sido tão grosseira.

Ninguém ali sabia, e talvez tenha sido melhor assim. A ignorância permitiu que tivessem uma hora a mais de alegria e, como essa seria a última hora deles na ilha, que fossem sessenta minutos felizes. Cantaram e dançaram de pijamas uma canção muito engraçada, pois fingiam ter medo de suas próprias sombras. Cantavam sem saber que em breve outras sombras se lançariam sobre eles e os fariam se encolher de medo. A dança era hilária, eles empurravam uns aos outros para a cama e depois para fora dela. Era mais uma guerra de travesseiros do que uma dança. Quando acabou, os travesseiros pediram mais uma rodada, como amigos que sabem que não se verão nunca mais. Contaram muitas histórias até chegar a hora de Wendy contar a sua, de ninar. Até Fiapo tentou contar uma aquela noite, mas o começo era tão chato que todos, inclusive ele, murcharam. Ele disse, desanimado:

— É uma história com um começo bem chato. Que tal fingirmos que já terminou?

Finalmente, todos se deitaram para ouvir a história de Wendy. Era a preferida deles, mas Peter a odiava. Quase sempre, quando ela começava a contar, ele saía da sala ou tampava os ouvidos com as mãos. Se ele tivesse feito uma dessas coisas, talvez ainda estivessem na ilha. Nessa noite, ele continuou sentado em seu banco, e logo vamos saber o que aconteceu.



# A HISTÓRIA DE WENDY

**W**endy começou contar a história, com Michael à frente e os sete garotos na cama.

— Era uma vez um senhor... — disse ela.

— Eu preferia que fosse uma senhora — interrompeu Caracol.

— Eu queria que fosse um rato branco — emendou Espeto.

— Calados! — repreendeu mamãe. — Havia uma senhora também e...

— Ah, mamãe! — choramingou o primeiro gêmeo. — Essa senhora ainda existe ou ela já morreu?

— Não morreu, não.

— Fico feliz que esteja viva — comentou Piuí. — Está feliz, John?

— Claro que estou.

— Está feliz, Espeto?

— Muito.

— Vocês estão felizes, gêmeos?

— Estamos, sim.

— Ai ai... — suspirou Wendy.



— Menos bagunça aí! — ralhou Peter, pois mesmo que em sua opinião aquela fosse uma péssima história, fazia questão de que Wendy a contasse sem interrupções.

— O nome dele era senhor Darling e ela se chamava senhora Darling — continuou Wendy.

— Sei quem são! — interrompeu John, para irritar os demais.

— Acho que também sei — disse Michael, sem muita certeza.

— Pois saibam que eram casados — contou Wendy. — E adivinhem o que mais eles tinham?

— Ratos brancos! — respondeu Espeto, animado.

— Não!

— Está tudo muito confuso — observou Piuí, que já sabia a história de cor.

— Quietinho, Piuí. Eles tinham três descendentes.

— O que é um descendente?

— Oras, você é um descendente, gêmeo.

— Ouviu isso, John? Eu sou um descendente.

— Descendente quer dizer filho — explicou John.

— Ai ai... — suspirou Wendy. — Essas três crianças tinham uma fiel babá chamada Nana, mas o senhor Darling se irritou com ela e a amarrou no quintal. Então, todos os seus filhos fugiram voando.

— Mas que ótima história — comentou Espeto.

— Eles saíram voando — continuou Wendy — para a Terra do Nunca, onde vivem os garotos perdidos.

— Eu bem que desconfiava! — interrompeu Espeto sem se controlar. — Não sei como, mas eu desconfiava!

— Wendy — exclamou Piuí —, um dos garotos se chamava Piuí?

— Se chamava, sim.

— Eu estou em uma história! Eba! Eu estou em uma história, Espeto!

— Quietinho. Agora quero que pensem o que esses pais infelizes, que perderam seus filhos, estão sentindo.

— Coitados! — geraram todos, mesmo sem pensar no que os pais estariam sentindo.

— Pensem nas caminhas vazias.

— Coitados!

— Isso é muito triste! — disparou o primeiro gêmeo.

— Não sei como essa história pode ter um final feliz — emendou o segundo gêmeo. — O que acha, Espeto?

— Estou muito ansioso para descobrir.

— Se vocês soubessem como o amor de uma mãe é imenso — Wendy disse, em tom solene —, não ficariam preocupados.

Ela tinha chegado à parte da história que Peter odiava.

— Eu gosto do amor de mãe — observou Piuí, acertando Espeto com um travesseiro. — Você gosta de amor de mãe, Espeto?

— Gosto, sim — respondeu, revidando a travesseirada.

— Nossa heroína — continuou Wendy, paciente — sabia que sua mãe sempre deixaria a janela do quarto aberta para que seus filhos voltassem voando, por isso eles ficaram longe muitos anos e se divertiram bastante.

— Alguma hora eles voltam?

— Quem sabe? — respondeu Wendy, preparando-se para a parte que exigia mais esforço. — Vamos dar uma espiadinha no futuro.

Todos se retorceram de um jeito que fosse mais fácil espiar o futuro.

— Alguns anos se passaram, e quem é essa moça elegante, que não conseguimos saber a idade, chegando na estação de Londres?

— Quem é? — exclamou Espeto, tão exaltado como se realmente nunca tivesse ouvido a história.

— Será que é? Sim... Não... É, sim! É a bela Wendy!

— Aaah!

— E quem são esses dois rapazes muito galantes, agora já completamente crescidos? Será que são John e Michael? São sim!

— Aaah!

— Vejam, meus queridos irmãos — a Wendy da história apontou para cima —, ali está a janela ainda aberta. Ah, fomos recompensados pela sublime fé no amor de uma mãe.

Assim terminava a história. Wendy e seus irmãos voaram de volta para seus pais, e é impossível descrever essa linda cena, por isso vamos deixar por conta da imaginação de cada um.

Todos ficaram tão felizes quanto a bela narradora. Era tudo do jeito que as coisas são. As crianças de vez em quando batem suas asas, como se fossem criaturas desalmadas — e muitas vezes são mesmo, apesar de graciosas. Egoístas, passam um tempo querendo apenas se divertir, mas, quando sentem necessidade de carinho, retornam certas de que devem ser recebidas com abraços, e não com castigos.

A fé que tinham no amor de sua mãe era tão grande que achavam que poderiam continuar sendo insensíveis mais um bocadinho.

Dentre eles, um conhecia melhor as coisas. Quando Wendy terminou, ele soltou um gemido.

— O que foi, Peter? — Wendy correu até ele, achando que estivesse passando mal. Apalpou carinhosamente seu peito e seu estômago. — Onde está doendo?

— Não é esse tipo de dor — respondeu Peter, sombrio.

— De que tipo é, então?

— Wendy, você está enganada sobre as mães.

Todos se juntaram em volta dele, pois sua agitação os havia deixado aflitos. Peter decidiu se abrir e contar o que nunca havia dito a ninguém:

— Há muito tempo — começou —, assim como vocês, eu também achava que minha mãe sempre manteria a janela aberta para mim, por isso fiquei fora por muitas e muitas noites. Quando voltei, a janela estava trancada, pois minha mãe havia se esquecido completamente de mim. Em meu lugar estava outro garotinho, dormindo na minha cama.

Não sei se isso era mesmo verdade, mas era para Peter. A história alarmou a todos:

— Tem certeza de que as mães são assim?

— Tenho.

— Então é assim que as mães são. Uns monstros!

Era melhor não abusar da sorte e ninguém melhor do que uma criança para saber a hora de desistir:

— Wendy, vamos para casa? — John e Michael pediram ao mesmo tempo.

— Vamos! — respondeu ela, abraçando os dois.

— Mas não hoje, não é? — perguntaram os garotos, confusos.

Eles sabiam, no íntimo daquilo que chamavam de coração, que uma pessoa pode muito bem viver sem mãe; somente as mães acham que isso não é verdade.

— Imediatamente! — replicou Wendy, resoluta, pois um horrível pensamento tinha acabado de lhe ocorrer. Ela pensou: “Talvez nossa mãe já não sinta tanto a nossa falta”.

Ficou tão aterrorizada com essa possibilidade que não levou em consideração como Peter se sentiria com sua partida. Disse a ele de maneira um tanto seca:

— Peter, você cuida dos preparativos necessários?

— Se você quiser — respondeu, tão indiferente como se ela tivesse pedido para passar o sal.

Não houve entre eles sequer um “vou sentir muito sua falta”. Como ela não parecia nem um pouco chateada com a separação, Peter também demonstrava o mesmo.

Obviamente, estava bastante chateado. Sentia muito ódio dos adultos, sempre estragavam tudo. Em razão disso, se enfiou em sua árvore e respirou bem rápido, cinco inspirações e expirações no espaço de um segundo — havia um ditado na Terra do Nunca que dizia que cada vez que você

respira, um adulto morre e Peter os estava matando o mais rápido que podia, por pura vingança.

Depois de passar aos peles-vermelhas as instruções necessárias, Peter voltou à casa e se deparou com a terrível cena que se passava em sua ausência. Tomados pelo pânico de perder Wendy, os garotos perdidos avançavam sobre ela, ameaçadores.

— Vai ficar pior do que era antes de ela vir para cá — era o que diziam.

— Não vamos deixá-la ir embora!

— Vamos prendê-la!

— Isso, amarrem-na!

Naquele momento crítico, o instinto de Wendy apontou a quem recorrer:

— Por favor, Piuí, eu imploro!

Não era estranho? Ela recorreu logo a Piuí, o mais tonto do grupo.

No entanto, grandiosa foi a resposta. Naquele instante, não havia nada de bobo nele, que falou com dignidade:

— Sou só o Piuí e ninguém liga para mim. Prometo que farei sangrar o primeiro que não se comportar como um cavalheiro.

Sacou seu punhal e nunca em sua vida pareceu tão imponente. Os outros recuaram, apreensivos. Nesse momento, Peter voltou e os garotos perceberam que não teriam nenhuma ajuda. Aliás, ele jamais permitiria que uma menina ficasse na Terra do Nunca contra sua própria vontade.

— Wendy — informou Peter, andando de um lado para o outro —, pedi aos peles-vermelhas para guiarem vocês pela floresta, já que voar te deixa muito cansada.

— Obrigada, Peter.

— Daí — continuou Peter, com um tom de voz áspero de quem está acostumado a ser obedecido — Tinker Bell vai levar vocês pelo caminho sobrevoando o mar. Espeto, acorde a Tink.

Bateu duas vezes à porta da câmara de Tink antes de ter uma resposta, embora ela estivesse sentada na cama escutando tudo já havia algum tempo.

— Quem é? Como ousa? Vá embora! — Tink exclamou.

— Você precisa se levantar — ordenou Espeto —, vai levar a Wendy em uma viagem.

Tink ficou exultante em saber que Wendy ia embora de uma vez por todas, mas jamais aceitaria ser sua guia de viagem. Para deixar isso claro, tilintou de maneira ainda mais ofensiva. Depois, fingiu que tinha voltado a dormir.

— Ela disse que não vai — contou Espeto, abismado com tamanha insubordinação.

Peter caminhou firmemente até o quarto da fada:

— Tink! — bradou. — Se você não se levantar e se arrumar agora, vou abrir as cortinas e todos vão te ver de camisola!

Tink se pôs em pé de um salto:

— Quem disse que eu não ia me levantar?

Enquanto isso, os garotos observavam Wendy, desesperados. Ela, Michael e John estavam prontos para partir. Era um desconsolo não apenas pela partida, mas porque tinham a sensação de que ela viveria uma aventura para a qual eles não foram convidados.

Pensando que sentiam algo mais nobre do que somente o interesse pelo novo, Wendy se derreteu:

— Meus queridos, se vocês vierem comigo, tenho quase certeza de que convenco meus pais a adotar todos.

O convite era feito especialmente a Peter, mas os garotos pensaram apenas em si mesmos e começaram a pular de alegria.

— Mas eles não vão achar que é muita gente? — perguntou Espeto, no meio de um salto.

— Não vão, não — tornou Wendy, planejando tudo naquele mesmo instante. — Colocaremos algumas camas na sala de estar, e quando chegar visitas, nós as escondemos atrás dos biombos.

— Peter, podemos ir? — todos imploraram.

Achavam natural que, se partissem, Peter iria junto, mas a verdade é que nem se importavam muito com isso. Crianças são assim: sempre que se empolgam com uma novidade, não se importam em abandonar seus entes queridos.

— Tudo bem — concordou Peter com um sorriso amargo. Imediatamente, todos se apressaram em arrumar suas coisas.

— Agora, Peter — disse Wendy, achando que estava tudo ajustado —, vou dar seu remédio antes de irmos. Ela adorava dar remédio a Peter e, sem dúvida, dava mais do que o necessário. Era apenas água, mas ficava em uma garrafa que ela sacudia e contava as gotas. Tudo tinha certo ar medicinal. Só que dessa vez não deu a dose a ele. Depois do preparo, a expressão no rosto de Peter a fez sentir um aperto no coração.

— Arrume suas coisas, Peter — Wendy começou a tremer.

— Não — ele respondeu, fingindo indiferença. — Eu não vou com vocês, Wendy.

— Vai sim, Peter.

— Não vou.

Para provar que não se importava com a partida dela, Peter começou a saltitar pela sala, tocando uma melodia alegre com sua flauta insensível. Ela teve de correr atrás dele, por mais vergonhoso que fosse.

— Vamos encontrar sua mãe — tentou persuadi-lo.

Se Peter um dia teve mãe, não sentia mais falta nenhuma dela. Estava se virando muito bem sem uma. Quando pensava sobre as mães, ele lembrava apenas dos aspectos negativos.

— Não — respondeu Peter, decidido. — Talvez ela ache que eu fiquei velho demais. Quero ser um menino para sempre. Só quero me divertir.

— Mas Peter...

— Não.

Então Wendy teve de contar aos outros:

— Peter não vai.

Peter não vai! Olharam todos para ele, atônitos, cada um com sua trouxa amarrada em um cabo de madeira sobre os ombros. A primeira coisa que pensaram foi que, se Peter não iria, provavelmente tinha mudado de ideia e não os deixaria mais partir. Mas Peter era orgulhoso demais para isso.

— Se vocês encontrarem suas mães — advertiu com voz sombria —, tomara que gostem delas.

O terrível cinismo daquela frase causou uma impressão desconfortável nos garotos. A maioria ficou em dúvida. “Será que voltar era maluquice?” era o que suas expressões diziam.

— Bom, então — continuou Peter —, sem frescuras nem choramingos. Adeus, Wendy — e estendeu a mão alegremente, como se dissesse para partirem logo, pois tinha outros compromissos.

Wendy deu a mão também, sentindo que ele não aceitaria um dedal.

— Não se esqueça de trocar as cuecas, Peter — disse Wendy, buscando uma desculpa para ficar um pouco mais. Ela sempre se preocupava com a higiene dos meninos.

— Não esquecerei.

— E vai tomar seu remédio?

— Vou.

Parecia que não faltava mais nada. Um silêncio incômodo se instalou. Apesar disso, Peter não era do tipo que perdia a compostura na frente dos outros:

— Está pronta para ir, Tinker Bell? — indagou Peter.

— Sim, capitão.

— Então vá na frente.

Tink saiu em disparada pela árvore mais próxima. No entanto, ninguém a seguiu, pois foi justo nesse momento que os piratas começaram seu terrível ataque aos peles-vermelhas. Na superfície, onde até então



estava tudo tranquilo, o ar se rasgou com os gemidos e o ruído de aço contra aço. Debaixo da terra, reinava um silêncio absoluto. As bocas se abriam, mas não diziam nada. Wendy caiu de joelhos, estendendo seus braços para Peter. Todos fizeram o mesmo, como se estivessem atraídos, suplicando em silêncio para que não os abandonasse. Peter desembainhou sua espada, a mesma com que ele acreditava ter matado Long John Silver, e o desejo pela batalha faiscava em seus olhos.





# AS CRIANÇAS SÃO CAPTURADAS

**O** ataque pirata pegou todos de surpresa, o que prova a desonestidade do inescrupuloso Hook. Surpreender os peles-vermelhas é algo que está além da capacidade dos homens brancos.

De acordo com todas as leis não escritas sobre as condutas de guerra contra os selvagens, os ataques devem sempre partir dos peles-vermelhas. Eles, com sua astúcia peculiar, só atacam ao amanhecer, horário em que a coragem dos homens brancos é mais frágil. Aos homens brancos cabe construir uma paliçada improvisada no topo de uma colina que fique ao lado de um riacho, pois estar longe da água é morte certa. Ali, devem aguardar o ataque. Os inexperientes agarram seus revólveres ao menor ruído, enquanto os veteranos dormem tranquilamente até pouco antes do amanhecer. Durante a noite longa e escura, os batedores índios rastejam como serpentes sobre a grama, sem deslocar uma folha sequer. Entram e saem de arbustos como se fossem portas, silenciosos como uma toupeira se enfiando na areia. Não se ouve nenhum barulho, exceto quando algum deles

imita perfeitamente o uivo de um coiote solitário. O grito é respondido por outro guerreiro. Muitos são até melhores do que os próprios coiotes, que não uivam tão bem. Assim se passam essas horas glaciais. O prolongado suspense é terrível aos caras-pálidas que vivenciam aquilo pela primeira vez. Para os mais experientes, os uivos medonhos e os apavorantes momentos de quietude são apenas sinais da passagem da noite.

Esse era um procedimento comum e muito conhecido por Hook, de forma que, se ele o desrespeitou, jamais poderia alegar que o fez por ignorância.

Os Picaninnies, por sua vez, confiaram equivocadamente na honra de seu inimigo; todos os seus movimentos durante a noite contrastaram profundamente com a deslealdade de Hook. Não adotaram nenhuma atitude que não fizesse jus à reputação de sua tribo. Com seus sentidos atentos, habilidades que encantam e aterrorizam homens brancos, sabiam da presença dos piratas na ilha desde que o primeiro galho seco foi quebrado pelas botas de um deles, pois quase de imediato começaram os uivos. Cada palmo de chão, do lugar onde Hook desembarcou até a casa subterrânea, foi minuciosamente examinado pelos guerreiros, que calçavam mocassins com saltos na parte da frente. Encontraram apenas uma pequena colina em cuja base corria um riacho. Sabiam que Hook não teria escolha a não ser acampar ali e aguardar o amanhecer. Dessa forma, tudo foi previsto com uma astúcia quase diabólica. Os índios se enrolaram em seus ponchos, com o temperamento imperturbável que constitui para eles o bem mais valioso de um homem. Acamparam sobre a casa esperando o momento de enfrentar a “morte-pálida”.

Embora estivessem bem despertos, esses confiantes selvagens sonhavam com refinadas torturas para Hook quando foram traiçoeiramente surpreendidos por ele. Pelos relatos posteriores dos poucos índios sobreviventes ao massacre, aparentemente Hook não passou um instante sequer sobre a colina, apesar de estar observando o lugar, com certeza,

desde a luz do fim de tarde. De início, sua mente ardilosa não pensou em esperar. Ele manteve seus homens à espreita por quase toda a noite. Atacou sem nenhuma estratégia, lançando-se contra o inimigo sem piedade. O que poderiam fazer os estupefatos batedores — que eram mestres em todas as artes de guerra, menos nessa —, além de tentarem revidar, indefesos, expondo-se aos ataques fatais enquanto recorriam aos patéticos uivos de coioote?

Ao redor da destemida Lily Tigre ficaram doze de seus melhores guerreiros, que subitamente viram os pérfidos piratas se abater sobre eles. O relance da vitória se despedaçou diante de seus olhos. Os piratas não seriam mais torturados em estacas. Os índios sabiam que o momento de partirem para o Feliz Campo de Caça havia chegado — o eterno campo para onde se vai após a morte. Ainda assim, como fizeram seus antepassados, lutaram bravamente. Tiveram a chance, inclusive, de formar uma falange de defesa que seria impenetrável caso agissem rapidamente, mas essa era uma prática proibida segundo as tradições de seu povo. Está escrito que um nobre guerreiro jamais deve demonstrar surpresa frente ao homem branco. Por mais terrível que o súbito ataque dos piratas tenha sido, a princípio se mantiveram estáticos, sem mover um músculo sequer, como se o inimigo estivesse ali porque havia sido convidado. Depois de nobremente cumpridas as exigências da tradição, por fim sacaram suas armas e o ar se rasgou com gritos de guerra. Mas já era tarde demais.

Não cabe a nós dizer se aquilo foi um massacre ou uma batalha. O certo é que muitos dos melhores da tribo Piccaninny perderam a vida. No entanto, os peles-vermelhas não morreram sem levar consigo alguns bucaneiros. Lobo Fino morreu junto com Fredo Pedreiro, que não mais aterrorizará os mares do Caribe. Entre outros piratas que esticaram as canelas estavam Jorge Gaivota, Carlos Carlouco e Francês Fugido. Carlouco tombou pela machadinha do temível Panterinha, que conseguiu

abrir caminho em meio à batalha e fugir ao lado de Lily Tigre e outros sobreviventes da tribo.

A história decidirá até que ponto Hook será o responsável pelas táticas utilizadas nessa batalha. Se acaso tivesse esperado na colina e lutado na hora apropriada, talvez ele e seus piratas estivessem agora em pedaços. Ao julgá-lo, é necessário levar isso em conta. Ele poderia ter comunicado seus inimigos que adotaria um novo método de ataque, mas isso acabaria com o elemento surpresa e arruinaria sua estratégia; portanto, a questão toda é muito complexa. Mesmo contrariados, não podemos deixar de admirá-lo por sua sagacidade em bolar um plano assim tão ousado, além da terrível engenhosidade com que tudo foi executado.

Quais eram os sentimentos de Hook diante dessa vitória? Seus lacaios gostariam muito de saber. Como cães, arfando e limpando suas espadas, eles se reuniram a uma cuidadosa distância do terrível gancho. Miravam aquele homem extraordinário com olhos de doninha. Em seu íntimo, devia estar exultante, embora seu rosto nada demonstrasse. Como de costume, continuava sendo um enigma solitário e sombrio, sempre distante de seus comandados, tanto em espírito quanto fisicamente.

Ainda havia trabalho a fazer naquela noite, pois o alvo não eram os peles-vermelhas. Os índios eram apenas abelhas entre ele e o desejado mel. Era Peter quem ele buscava. Peter, Wendy e todo o grupo, mas especialmente Peter.

É de se admirar que um homem possa odiar tanto um garoto tão pequeno. Mesmo Peter tendo empurrado o braço de Hook para o crocodilo — o que despertou sua incansável persistência em devorá-lo —, isso não justifica um desejo de vingança tão obstinado e diabólico. A verdade é que havia algo em Peter que levava Hook à loucura. Não era sua coragem, nem seu charme, não era... não há razão para rodeios, pois sabemos muito bem o que o capitão odiava e é preciso dizer com todas as letras. Era a arrogância de Peter que Hook detestava acima de tudo.

Isso tirava Hook do sério, fazia seu gancho tremer de ódio. Era um tormento como o zumbido de um inseto à noite. Enquanto Peter vivesse, esse homem se sentiria angustiado como um leão enjaulado que vê um pardal voar livre.

A questão agora era se deveria cortar as árvores ou fazer seus piratas passarem por elas. Passou seus ávidos olhos sobre os homens, em busca dos menores. Os piratas aguardavam, ansiosos, pois sabiam que o capitão não hesitaria em socá-los para dentro dos troncos como buchas de canhão, se necessário.

E onde estavam os garotos esse tempo todo? Da última vez, quando a batalha começou, estavam paralisados, de boca aberta, suplicando a Peter. Agora, já estavam de boca fechada e braços abaixados. O inferno sobre a cabeça deles terminara subitamente como começou, feito um temporal. Eles sabiam, no entanto, que assim que o caos acabasse, o destino deles estaria selado.

Qual lado teria vencido?

Os piratas, com seus ouvidos atentos colados às bocas das árvores, ouviram a pergunta feita por todos os garotos e a resposta de Peter:

— Se os peles-vermelhas vencerem, eles vão bater seu tambor, que é como comemoram a vitória.

Acontece que Rolha havia encontrado o tambor. Estava sentado sobre ele.

— Vocês nunca mais ouvirão este tambor — grunhiu ele de maneira inaudível, pois o capitão havia ordenado silêncio absoluto.

Para seu espanto, Hook fez sinal para que tocasse o tambor. Levou um tempo para que Rolha entendesse a genial perversidade daquela ordem. Acredito que nunca aquele homem simplório admirou tanto seu capitão.

Rolha fez o tambor soar duas vezes e parou para escutar:

— O tambor! — os infames piratas ouviram Peter gritar. — Os índios venceram!



As ingênuas crianças comemoraram com gritos, que eram música aos ouvidos dos sombrios homens na superfície. Quase instantaneamente voltaram para se despedir de Peter. Isso intrigou os piratas, mas não fizeram caso diante da excitação de terem seus inimigos prestes a sair pelas árvores. Sorriam maliciosamente um para o outro, esfregando as mãos. De maneira rápida e silenciosa, Hook deu suas ordens: um homem ficaria em cada árvore e os demais formariam uma fileira, a dois passos um do outro.





# QUEM ACREDITA EM FADAS?

**Q**uanto mais rápido passarmos por essa parte horrorosa, melhor. O primeiro a sair de sua árvore foi Caracol. Caiu direto nos braços de Cecco, que o jogou para Rolha, que o jogou para Starkey, que o jogou para Vil Bill, que o jogou para Macarrão. Foi arremessado de um para outro até chegar aos pés do capitão. Todos os garotos foram arrancados de suas árvores de maneira brutal, lançados para o alto ao mesmo tempo, de mão em mão, como se fossem sacos de farinha.

Wendy, a última a sair, teve um tratamento diferente. Com uma gentileza irônica, Hook tirou o chapéu, ofereceu seu braço à menina e a levou até onde os outros estavam sendo amordaçados. Ele fez isso com um ar tão afetado que Wendy sequer gritou, de tão confusa.

Talvez seja fofoca dizer que, por um momento, ela ficou hipnotizada por Hook. Digo isso porque esse leve descuido traria consequências funestas. Caso tivesse tentado se desvencilhar do pirata (adoraríamos poder

dizer que essa foi a postura dela), Wendy teria sido lançada de mão em mão como ocorreu com os outros garotos e o capitão não estaria presente quando as crianças foram amarradas. Se Hook não estivesse presente naquele momento, não teria descoberto o segredo de Fiapo. Sem saber disso, ele não seria capaz de atentar covardemente contra a vida de Peter horas depois.

Para que não fugissem voando, os piratas obrigaram cada garoto a colocar a cabeça entre os próprios joelhos. Depois todos foram amarrados nessa posição. Os homens usaram para isso nove pedaços iguais de corda que Hook havia cortado. Tudo ia conforme o planejado até chegar a vez de Fiapo. Ele parecia um pacote desajeitado; amarrá-lo era impossível porque a corda era curta demais para dar o nó. Irritados, os piratas começaram a chutá-lo como faziam com um pacote desajeitado (embora o mais justo seria chutar a corda). Por estranho que pareça, foi justamente Hook quem ordenou que parassem com as agressões. Na face do capitão havia um sorriso maligno e vitorioso. Enquanto seus lacaios suavam para amarrar o pobre menino, já que todas as vezes que o prendiam de um lado, ele sobrava do outro, sua mente ardilosa viu algo naquilo, enxergando a causa e não o efeito. O ar de triunfo mostrava que Hook havia descoberto seu segredo: se um menino gorducho daquele jeito era capaz de se enfiar por uma árvore, então um homem médio também caberia. O pobre Fiapo, que agora era o mais infeliz dos garotos, estava morrendo de medo da reação de Peter, sentindo-se amargamente arrependido. Seu vício de beber muita água sempre que sentia calor o engordou daquele jeito. Em vez de tentar emagrecer para voltar a caber na árvore, passou, sem que os outros soubessem, a talhar a parte interna do tronco para poder passar.

Aquela dedução de Hook bastou para levá-lo a crer que Peter finalmente estava em suas mãos. No entanto, não revelou nenhum dos desígnios obscuros que surgiram em sua mente sombria. Simplesmente ordenou que os prisioneiros fossem levados ao navio. Pediu para ser deixado sozinho.

A dúvida que ficava era como transportá-los? Amarrados daquele jeito, poderiam muito bem ser rolados como barris, mas a maior parte do terreno era brejo. Mais uma vez, a genialidade de Hook venceu as dificuldades. Percebeu que a casinha que construíram para Wendy podia ser usada como veículo. Então as crianças foram jogadas lá dentro e quatro dos piratas mais fortes ergueram a casa sobre os ombros. Os outros fizeram fila logo atrás. Cantando a terrível canção pirata, a estranha procissão seguiu pela floresta. Não sei dizer se alguma das crianças chorava nesse exato momento, mas de qualquer forma a música abafaria o choro. Conforme a casinha desaparecia em meio à mata, uma corajosa fumacinha saía pela chaminé, como se estivesse provocando Hook.

Hook notou a nuvem, o que não foi nada bom para Peter. A visão apagou qualquer resquício de piedade que poderia existir no pirata.

Ao se ver finalmente sozinho em meio à noite que caía cada vez mais rápido, Hook foi pé ante pé examinar a árvore de Fiapo para ter certeza de que conseguiria passar por dentro dela. Ficou um bom tempo pensativo, com seu maldito chapéu caído sobre a grama, para que sua cabeça se refrescasse caso batesse alguma brisa. Contrastando com a profunda escuridão de sua mente, seus olhos tinham um azul suave como o das violetas. Tentava, atentamente, escutar qualquer som que viesse da casa subterrânea, mas o silêncio reinava tanto abaixo quanto acima da superfície. Parecia vazia, como tudo ao redor. Será que o garoto estaria dormindo ou em pé ao lado da entrada da árvore de Fiapo, aguardando com seu punhal em mãos?

O único jeito de saber era descer até lá. Hook deixou sua capa deslizar vagarosamente até cair por completo e então, mordendo os lábios até que um fio de sangue escorresse, entrou na árvore. Por mais corajoso que fosse, parou por um momento para enxugar o suor da testa, que pingava feito uma vela. Finalmente, em completo silêncio, ele se lançou ao desconhecido.

Chegou intacto à base do tronco, segurando o pouco fôlego que ainda lhe restava. Lá, permaneceu imóvel. Conforme seus olhos se acostumavam à pouca luz, começou a discernir alguns objetos pela casa. Deteve seu ávido olhar sobre o que tanto ansiava. Finalmente havia encontrado a grande cama. Sobre ela, Peter dormia profundamente.

Sem imaginar a tragédia que se passava acima da casa, Peter seguiu tocando sua gaita alegremente depois que os garotos se foram. Sem dúvida, era apenas uma triste tentativa de provar a si mesmo que a solidão não o incomodava. Decidiu não tomar seu remédio, só para contrariar Wendy. Deitou-se na cama por cima do cobertor, para fazer ainda mais pirraça. Ela sempre colocava todos na cama e os cobria bem. Afinal, nunca se sabe quando vai esfriar à noite. Quase chorou, mas então pensou em como Wendy ficaria indignada se, em vez disso, ele risse. Então riu uma risada arrogante. Dormiu sorrindo.

Algumas vezes, mas não muitas, Peter sonhava. Seus sonhos eram mais assustadores do que os dos outros meninos. Levava horas até conseguir se livrar desses pesadelos e chorava de dar dó. Imagino que esses sonhos tivessem relação com o grande mistério de sua existência. Quando isso acontecia, Wendy o tirava da cama e o pegava no colo, dizendo frases de consolo que inventava na hora. Quando Peter se acalmava, ela o deitava de volta sem que acordasse, para que não se sentisse envergonhado por estar assim tão vulnerável. Nesse dia, no entanto, Peter pegou no sono tão rápido que dormia sem sonhar. Um dos braços pendia na beirada da cama, uma das pernas estava dobrada para cima, e a parte que sobrou de sua risada continuava em sua boca aberta, deixando as pequenas pérolas à mostra.

Foi assim, indefeso, que Hook o encontrou. Observou em silêncio, da abertura do tronco, seu inimigo do outro lado do cômodo. Será que algum lampejo de compaixão passou por seu coração impiedoso? Aquele homem não era completamente mau. Ele gostava de flores (me disseram)

e de música suave (parece até que tocava piano muito bem). Para dizer a verdade, a ternura daquela cena o comoveu profundamente. Talvez ele fosse capaz de mudar de ideia e retornar pelo tronco. Porém, um detalhe o impediu.

O que o deteve foi ver que Peter mantinha seu ar impertinente mesmo dormindo. A boca aberta, o braço caído, o joelho erguido, aos olhos de Hook tudo era a personificação da arrogância. Vamos torcer para que uma cena dessas nunca mais seja vista por alguém capaz de guardar tanto rancor. Aquilo petrificou o coração do pirata. Mesmo se o seu ódio o espatifasse em centenas de cacos, ainda assim cada um dos caquinhos atacaria Peter.

Apesar da fraca luz de um lampião sobre a cama, Hook estava imerso na escuridão completa. Ao primeiro movimento para adentrar na sala já topou com um obstáculo: a porta da árvore. Como ela não preenchia o batente todo, até agora Hook tinha ficado olhando por cima dela. Ao tentar encontrar a maçaneta, percebeu, para seu ódio, que ela era muito baixa e estava fora do seu alcance. Sua mente doentia desconfiou que a figura de Peter havia se tornado ainda mais arrogante. Sacudiu a porta, tentando derrubá-la com seu peso. O destino queria que seu inimigo escapasse?

Mas o que era aquilo? O brilho avermelhado dos olhos de Hook avisou o remédio de Peter em uma prateleira ao seu alcance. Imediatamente compreendeu do que se tratava: o destino continuava em suas mãos.

Para jamais ser apanhado vivo, o pirata sempre levava consigo um poderoso veneno, de fórmula própria. Era uma mistura de todos os venenos que conhecia. As substâncias eram fervidas todas juntas ao ponto de se tornarem um líquido amarelo desconhecido pela ciência. Talvez fosse o tóxico mais poderoso que já existiu.

Colocou cinco gotas da fórmula no copo de Peter. Sua mão tremia de euforia, não de remorso. Enquanto agia, evitou olhar para Peter,



não porque poderia se compadecer, mas para não desperdiçar nada. Lançou um último olhar de triunfo sobre a vítima e virou-se. Subiu com dificuldade, esgueirando-se por dentro do tronco. Quando finalmente saiu da árvore, era como se o próprio espírito do mal emergisse de sua toca. Depois de ajeitar seu chapéu de um modo que deixou sua aparência ainda mais diabólica, embrulhou-se na capa com um movimento de braço, segurando uma das pontas sobre o rosto, como se quisesse se esconder da noite que rivalizava com sua escuridão. Murmurando coisas sem sentido, desapareceu entre as árvores.

Peter continuou dormindo. O lampião queimou até se apagar, deixando a casa completamente escura. Não devia ser mais do que dez da noite, segundo o crocodilo, quando de repente sentou-se na cama, despertado sabe-se lá por quê. Ouviu batidas hesitantes à porta de sua árvore.

Hesitantes, mas naquele silêncio beiravam o sinistro. Peter apalpou até encontrar seu punhal. Então perguntou:

— Quem é?

Passou-se longo tempo sem resposta. Depois, novamente a batida.

— Quem está aí?

Nenhuma resposta.

Peter ficou intrigado, coisa que ele adorava. Com duas largas passadas, chegou à porta. Ao contrário da porta de Fiapo, a sua se encaixava perfeitamente no batente. Por isso, era impossível ver quem batia.

— Se você não disser nada, não vou abrir! — gritou Peter.

Por fim, o visitante se anunciou em um adorável tilintar:

— Me deixa entrar, Peter.

Era Tink. Rapidamente Peter abriu a porta. Ela voou para dentro, agitada, com o rosto corado e o vestido sujo de lama.

— O que foi?

— Ai, você nem imagina! — Tink respondeu e deu três chances para Peter adivinhar.

— Deixe de brincadeira! — esbravejou Peter.

Em uma única frase, que desrespeitava regras da gramática e era tão longa quanto o lenço que um mágico puxa de dentro da boca, Tink contou tudo sobre a captura de Wendy e dos garotos.

Peter balançava a cabeça enquanto ouvia. Wendy prisioneira no navio pirata. Logo ela, que gostava de tudo muito correto?

— Vou salvá-la! — bradou, saltando em direção às suas armas.

Enquanto as apanhava, pensou em algo que agradaria a Wendy: tomar seu remédio. Sua mão segurou o copo da bebida mortal.

— Não! — gritou Tinker Bell, que ouvira Hook murmurar o que havia acabado de fazer ao passar pela floresta.

— Por que não?

— Está envenenado!

— Envenenado? Mas quem faria isso?

— Hook.

— Não seja boba. Como ele entraria aqui?

Isso Tink não podia explicar, pois não sabia sobre o segredo da árvore de Fiapo. Ainda assim, as palavras do capitão não deixavam dúvida. O copo estava envenenado.

— Além disso — observou Peter, acreditando completamente em si mesmo —, eu nunca durmo.

Ele ergueu o copo, aproximando-o dos lábios. Sem mais o que dizer, só restou a Tink agir. Rápida como um raio, se colocou entre o copo e a boca de Peter, bebendo até a última gota.

— Por que fez isso, Tink? Como ousa tomar meu remédio?

Ela nem respondeu. Já cambaleava pelo ar.

— O que você tem? — perguntou Peter, agora assustado.

— Estava envenenado, Peter — respondeu Tink num fio de voz. — Eu vou morrer.

— Tink, você tomou o veneno para me salvar?

— Sim...

— Por quê?

Suas asas mal podiam sustentá-la. Em resposta, voou até Peter e deu um dedal carinhoso em seu nariz. Sussurrou em seu ouvido:

— Sua mula velha.

Então, voando em forma de rodopio até seu quarto, deitou-se na cama.

Aflito, Peter se ajoelhou junto à parede, com a cabeça preenchendo quase toda a cavidade que era o quarto de Tink. A luz da fadinha se enfraquecia a cada momento. Peter sabia que, caso se apagasse completamente, isso seria o fim. Tink gostou tanto de ver Peter chorando por ela que esticou seu dedinho para que uma lágrima escorresse por ele.

Sua voz estava tão fraca que Peter não conseguia entender o que ela dizia. Finalmente, compreendeu. Ela disse que talvez pudesse ficar boa de novo se mais crianças acreditassem em fadas.

Peter ergueu os braços em desespero. Não havia nenhuma criança por perto, já era muito tarde da noite. Mesmo assim, tentou se comunicar com todas as crianças que poderiam estar sonhando com a Terra do Nunca. Exatamente por isso, estariam mais próximas do que se pode imaginar. Meninos e meninas em seus pijamas e indiozinhos nus dormindo em cestas penduradas em árvores.

— Vocês acreditam? — indagou Peter.

Tink sentou-se em sua cama, ansiosa para saber o que seria dela. Pensou ter ouvido crianças dizendo que sim, mas não tinha certeza.

— E agora? — perguntou a Peter.

— Se vocês acreditam — Peter gritou para as crianças —, batam palmas! Não deixem a Tink morrer!

Muitas bateram palmas.

Outras, não.

Algumas crianças desalmadas vaiaram.

As palmas cessaram de repente, como se incontáveis mães tivessem

corrido até os quartos de seus filhos para ver o que estava acontecendo. A essa altura, Tink já estava salva. Sua voz foi ficando mais forte, depois ela saltou da cama. Logo voava feito uma flecha pelo quarto, mais alegre e atrevida do que nunca. Não pensou em agradecer às crianças que acreditavam, mas bem que queria ter uma conversinha com as que vaiaram.

— Agora, vamos salvar Wendy!

A lua estava alta atrás das nuvens quando Peter emergiu de sua árvore, vestindo praticamente apenas suas armas, pronto para a perigosa missão. Não era o tipo de noite que o agradava. Preferia voar rente ao chão, para que nada escapasse aos seus olhos, mas com aquela luz, sua sombra entre as árvores espantaria os pássaros e atrairia a atenção do inimigo.

Estava arrependido por ter dado nomes tão feios aos pássaros da ilha, pois agora todos eram ariscos e nada simpáticos a ele.

Não havia outro jeito a não ser avançar como os peles-vermelhas faziam. Por sorte, era uma tática na qual Peter era especialista. Mas para onde ir, uma vez que não tinha certeza se as crianças já haviam sido levadas para o navio? Uma neve fina havia caído, encobrindo as pegadas. A ilha estava mergulhada em um silêncio mortal, como se a própria natureza ainda estivesse horrorizada com a recente carnificina. Ele havia passado às crianças alguns truques do povo da floresta, que Lily Tigre e Tinker Bell o ensinaram. Por isso, sabia que mesmo em apuros, elas saberiam o que fazer. Se Fiapo tivesse a chance, marcaria os troncos por onde passaram, Caracol deixaria um rastro de sementes e Wendy jogaria seu lenço em algum lugar estratégico. Infelizmente, apenas à luz do dia seria possível enxergar esses sinais e Peter não podia esperar. A superfície o havia chamado, mas não o estava ajudando.

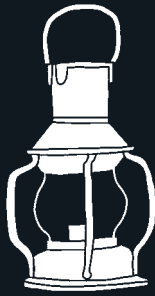
O único ser vivo que passou por Peter foi o crocodilo. Nenhum som, nenhum movimento. Ainda assim, sabia que a morte podia estar à espreita na próxima árvore.

Fez então um terrível juramento:

— Desta vez, será Hook ou eu.

Rastejou como uma serpente. Quando se ergueu, disparou por uma clareira iluminada pela lua. Tinha uma mão sobre os lábios e a outra pronta para usar o punhal. Estava explodindo de felicidade.





# O NAVIO PIRATA

**U**ma luz verde tremula sobre o riacho Kidd, perto da foz do rio dos piratas. Ela marcava o local onde o navio com a bandeira de caveira e ossos estava ancorado. Sempre pronto a zarpar, odioso do mastro ao casco, nojento em cada fresta, asqueroso como penas de galinha pisoteadas na lama suja, era conhecido como o carnibal dos mares. Sua torre de vigia era completamente desnecessária, pois sua terrível reputação bastava para ser imune a qualquer ataque.

Envolto pelo manto da noite, que também cobria tudo de silêncio, nenhum som da embarcação chegava à praia. No navio, apenas alguns ruídos, sendo que o único agradável era o da máquina de costura junto à qual Rolha estava sentado, sempre concentrado e diligente. O patético Rolha era a essência da servidão. Difícil definir o motivo de sua infinita patetice; talvez fosse simplesmente por não perceber o quão patético era. Nem os mais brutos conseguiam olhar muito tempo para ele sem cair em desgosto. Com frequência, em noites de verão, ele fazia Hook



chegar às lágrimas. Disso, como de quase todo o resto, Rolha também não fazia ideia.

Alguns dos piratas estavam debruçados nas amuradas, respirando a pútrida névoa daquela noite. Outros jogavam dados ou cartas no convés sobre as tampas dos barris. Os carregadores da casa dormiam largados sobre o deque, exaustos. Mesmo dormindo, rolavam de um lado para o outro, abrindo caminho quando o capitão passava, para evitar levar uma beliscada do gancho.

Hook matutava em círculos pelo convés. Um homem indecifrável, mesmo em seu momento de glória. Peter já era passado, os garotos eram seus prisioneiros e logo andariam pela prancha. Era seu feito mais notável desde que afundou o navio de Long John Silver. Sabendo de sua vaidade, não é surpresa encontrá-lo assim inquieto, de um lado para o outro, inflado de orgulho pelo vitória.

No entanto, não era alegria que guiava seus passos, era o maquirar de sua mente sombria. Estava profundamente melancólico.

Muitas vezes, no silêncio das noites no navio, se perdia em si mesmo. Aquele homem insondável se sentia ainda mais só quando entre seus subordinados, que eram de uma casta inferior à sua.

Hook não era seu nome verdadeiro. Revelar sua real origem, a essa altura, causaria um grande escândalo. Os mais atentos a detalhes já devem ter adivinhado que ele frequentou um colégio muito conservador, cujas tradições ainda o envolviam como se fossem suas roupas. Por sinal, as roupas eram uma boa parte dessa tradição. Por isso, até hoje era inadmissível para ele abordar um navio conquistado com a mesma roupa usada durante o ataque. Ele ainda caminhava com o andar característico dos alunos da tal escola. Acima de tudo, fazia questão de mostrar sua boa educação.

Boa educação! Mesmo em sua atual degeneração, Hook ainda achava que isso era o mais importante de tudo.

Das profundezas de seu ser surgia um rangido de portas enferrujadas e delas vinha o som de duros passos, repetitivo — tap, tap, tap —, como marteladas em noites de insônia:

— Você se portou bem hoje? — era a pergunta que ressoava eternamente.

— Alcancei a fama, essa alegria inútil — retorquiu Hook.

— Por acaso é educado dizer que é melhor do que alguém? — retrucavam os passos de seu colégio.

— Sou o único homem temido por Long John Silver — declarou Hook —, e até o capitão Flint temia o Churrasqueiro.

— Silver, Flint... de qual colégio eles são? — foi a dura resposta.

A grande inquietação era: seria falta de educação julgar a educação dos outros?

Esse problema torturava suas entranhas como um gancho ainda mais afiado do que o da sua mão. Dilacerado por dentro, o suor escorria de sua testa e molhava o colarinho. Passava a manga pelo rosto, mas o suor era inesgotável.

Hook estava de dar dó.

Recaiu sobre ele o pressentimento de que a hora de sua morte estava próxima. Foi como se o juramento de Peter tivesse chegado até o navio. Sentiu um desejo funesto de fazer seu último pronunciamento, como se não lhe restasse mais tempo:

— Seria melhor para Hook se ele fosse menos ambicioso! — declarou. Apenas em seus momentos mais sombrios falava de si mesmo na terceira pessoa. — Nenhuma criancinha gosta de mim!

A frase era estranha, pois Hook nunca tinha se preocupado com isso. Talvez fosse por causa do ruído da máquina de costura. O capitão passou um bom tempo observando Rolha costurar tranquilamente, certo de que todas as crianças do mundo tinham medo dele.

Medo dele? Medo de Rolha? Não havia sequer uma criança aprisionada ali no navio que já não adorasse Rolha. Ele dizia coisas horríveis para elas, dava tapas (porque não tinha coragem de bater com a mão fechada),

mas elas se apegavam a ele cada vez mais. Michael chegou até a colocar seus óculos.

Impossível dizer a Rolha que as crianças gostavam dele! Hook bem que tinha vontade, mas isso seria cruel demais. Em vez disso, ruminava esse mistério: por que as crianças gostavam de Rolha? Hook abordava essa questão com seu costureiro faro de caçador. O que havia em Rolha para que elas gostassem dele? De repente, uma terrível resposta veio à mente:

— Seria a educação?

Será que o imediato teria educação mesmo sem ter sido educado — ou seja, a melhor forma possível de educação?

Hook se lembrou de que para ser aceito no clube mais disputado de Eton (a escola de elite que havia frequentado), o candidato precisava provar que não sabia se era educado ou não.

Com um grito de raiva, ergueu seu gancho sobre a cabeça de Rolha, mas se conteve. O que o fez parar foi a seguinte reflexão:

— Atacar um homem em razão da sua boa educação seria o quê?

— Falta de educação!

Hook, sem forças e ensopado de suor, desfaleceu como uma flor podada.

Seus subordinados pensaram que ele ficaria inconsciente por um tempo e que poderiam, nesse ínterim, fazer o que bem entendessem. Começaram a dançar como desvairados. Aquilo foi como se jogassem um balde de água fria em Hook, que se levantou subitamente, restabelecido:

— Chega de baderna, seus palermas! — esbravejou. — Senão amarro vocês na âncora!

A gritaria cessou no mesmo instante.

— As crianças estão bem amarradas?

— Sim, capitão!

— Tragam todas para cá!

Os piratas arrastaram os garotos até ali, exceto Wendy, e os alinharam em frente ao capitão. Por um momento, parecia que Hook não tinha se

dado conta da presença deles. Ficou recostado, assobiando — muito afinado — uma canção perversa. Brincava com um maço de baralho. De vez em quando, a brasa de seu charuto iluminava seu rosto:

— É o seguinte, vagabundos! — irrompeu Hook. — Seis de vocês vão andar na prancha hoje, mas tenho duas vagas para aprendiz de pirata. Quem vai ser?

Quando estavam presos, Wendy havia recomendado aos garotos que fizessem o possível para não irritar Hook ainda mais. Por isso, Piuí deu um passo à frente, se esforçando para não parecer malcriado. Apesar de odiar a ideia de servir um homem daquele, pensou que seria mais prudente jogar a culpa pela recusa em alguém que não estava ali naquele momento. Mesmo sendo um tanto tapado, sabia que as mães estão sempre prontas para sofrer no lugar de seus filhos. Todas as crianças sabem disso, e mesmo aquelas que desprezam suas mães sempre se aproveitam da situação.

Piuí começou a explicar com muito cuidado:

— Senhor, acho que minha mãe não gostaria que eu virasse pirata. Sua mãe gostaria de ter um filho pirata, Fiapo? — E piscou para o amigo.

— Acho que não — respondeu Fiapo tristemente, parecendo contrariado. — Gêmeo, sua mãe gostaria de ter um filho pirata?

— Acho que não — tornou o primeiro gêmeo, entendendo o que se passava. — Espeto, sua mãe...

— Chega dessa ladainha! — Hook esbravejou.

Os meninos que haviam falado foram arrastados de volta à fila:

— Você aí, menino — Hook olhou para John. — Você parece ter um pouco mais de coragem. Nunca pensou em ser pirata, meu camarada?

A verdade era que John já tinha pensado nisso nas aulas de matemática. Sentiu-se orgulhoso por Hook tê-lo escolhido:

— Já sim, até inventei para mim o nome de Jack Mão-Leve — respondeu, tímido.

— Que beleza de nome! Vamos chamar você assim, seu danado, quando se juntar a nós.

— O que você acha, Michael? — indagou John.

— E qual seria o meu de nome pirata?

— Migué Barba Negra.

Obviamente Michael ficou impressionado.

— O que você acha, John? — Cada um queria que o outro decidisse.

— Ainda seríamos leais à Coroa? — questionou John.

Hook respondeu rangendo os dentes:

— Vão ter que jurar: “Abaixo o rei”.

Até o momento, John não havia demonstrado muita firmeza, mas se inflamou:

— Pois então eu me recuso! — disse, dando um tapa no barril à frente do capitão.

— Eu também! — emendou Michael.

— Viva a Coroa! — gritou Caracol.

Os piratas, enfurecidos, bateram na boca de Caracol. Hook vociferou:

— Pois este será seu epitáfio! Tragam a mãe deles! Preparem a prancha!

Eram apenas garotos, e quando viram Vil Bill e Cecco preparando a prancha, ficaram completamente pálidos. Mesmo assim, tentaram esconder o medo no momento em que Wendy foi trazida até eles.

Não há palavras para descrever a repugnância de Wendy pelos piratas. Para os meninos, a vida de pirata tinha lá seu glamour, mas tudo o que ela enxergava era um navio que não passava por uma boa faxina havia anos. As escotilhas estavam tão imundas que dava para escrever “lave-me” com o dedo — o que Wendy fez em várias delas. Quando os garotos se juntaram à sua volta, ela já não pensava em nada disso, somente neles.

— Agora, minha linda — Hook disse suavemente —, você vai poder ver suas crianças andarem pela prancha.

Mesmo sempre muito alinhado, Hook havia suado tanto que seu colarinho estava manchado. Ele percebeu que Wendy havia notado isso. Em vão, tentou escondê-lo com um gesto brusco.

— Eles vão morrer? — Wendy o olhou com tanto desprezo que Hook quase vacilou.

— Ah, vão! — rugiu o capitão. — Agora, silêncio — ordenou em tom de zombaria —, que a mãe vai dizer as últimas palavras aos seus filhos.

Wendy se engrandeceu:

— Estas são minhas últimas palavras, meus queridos — disse com firmeza. — É uma mensagem que suas mães verdadeiras me pediram para dar a vocês. Disseram que esperam que se portem como verdadeiros cavaleiros ingleses na hora da morte.

Até mesmo os piratas ficaram assombrados. Piuí exclamou a plenos pulmões:

— Farei o que minha mãe quer! O que você vai fazer, Espeto?

— O que minha mãe quiser! O que você vai fazer, gêmeo?

— O que minha mãe quiser! John, o que você...

Hook se recompôs, ordenando:

— Amarrem-na!

Foi Rolha quem a amarrou no mastro, sussurrando:

— Escute, querida, eu te salvo se você prometer ser minha mãe.

Ela jamais prometeria aquilo a um pirata, mesmo que fosse Rolha:

— Prefiro não ter filho nenhum — Wendy respondeu com desdém.

É triste dizer isso, mas todos os garotos desviaram o olhar enquanto ela era amarrada ao mastro. Todos olhavam a prancha, imaginando que logo caminhariam para a morte. Já nem tinham mais esperanças de andar por ela com dignidade. Não conseguiam pensar em mais nada, apenas observavam, tremendo de medo.

Hook sorriu para eles, rangendo os dentes, e deu um passo em direção a Wendy. Sua intenção era segurar o rosto da menina para que ela

testemunhasse os garotos caminhando pela prancha, um de cada vez. Não chegou a tocá-la e não ouviu o gritos desesperados pelos quais esperava. Ouviu outra coisa: o terrível tique-taque do crocodilo.

Todos ouviram: piratas, garotos e Wendy. Imediatamente, as cabeças se voltaram para uma só direção. Não para a água, de onde vinha o som, mas para Hook. Sabiam que ele seria o mais preocupado com aquilo. Não eram mais personagens da história, eram apenas espectadores.

A transformação do capitão foi assustadora. Era como se fosse açoitado por todos os lados. Desabou no chão.

O tique-taque se aproximava cada vez mais. Mais rápido ainda veio o apavorante pensamento:

— O crocodilo vai subir no navio!

Até mesmo a garra de ferro ficou inerte, como se soubesse que não era ela o que o animal buscava. Deixado assim tão completamente sozinho, qualquer outro homem ficaria ali mesmo, deitado de olhos fechados, aguardando seu destino. Mas o aguçado cérebro de Hook continuava trabalhando. Guiado por ele, o capitão engatinhou pelo convés, o mais longe possível do tique-taque. Os piratas abriram passagem, e só quando chegou à amurada ele conseguiu dizer:

— Me escondam!

Todos se juntaram em volta do capitão, evitando olhar para a direção da fera. Não tinham a menor intenção de lutar com o crocodilo. Não se luta contra o destino.

Enquanto Hook se escondia apavorado, os garotos, mais curiosos do que assustados, correram para a balaustrada do navio para ver o crocodilo escalar. Tiveram então a maior surpresa daquela noite dantesca. Não era o crocodilo que vinha ajudá-los. Era Peter.

Peter fez sinal de silêncio. Qualquer grito de comemoração levantaria suspeitas... e continuou fazendo o tique-taque.







# “DESTA VEZ, É HOOK OU EU”

**C**oisas estranhas acontecem ao longo da vida, mas às vezes só as notamos depois de algum tempo. Por exemplo, demoramos para perceber que nosso ouvido entupiu e aí dizemos que ele está assim há meia hora. Peter teve uma experiência parecida naquela noite. Ao cruzar a ilha, tinha uma mão sobre os lábios e outra pronta para usar o punhal. Quando cruzou com o crocodilo, não notou nada de diferente, só depois sentiu falta do tique-taque. Achou estranho, mas deduziu que a corda do relógio havia acabado.

Sem levar em consideração o sentimento de perda de seu companheiro de ilha, Peter maquinou usar aquilo em seu favor. Passou ele mesmo a imitar o tique-taque, ludibriando as feras que assim não o atacariam ao passar pela mata. Imitava o ruído perfeitamente, mas isso causou uma consequência imprevista: o crocodilo também ouviu e começou a segui-lo. É impossível afirmar se ele fazia isso pensando em reaver o objeto perdido ou se estava apenas querendo alcançar Peter na esperança de que o relógio dentro

dele voltasse a funcionar. Disso nunca saberemos, pois, assim como aqueles escravizados por uma crença cega, ele não passava de um animal irracional.

Peter chegou à praia ileso. Continuou adiante como se suas pernas não percebessem que agora avançavam por outro elemento. Isso acontece com muitos animais quando vão da terra para a água, mas nunca ouvi falar de um ser humano que também fizesse isso. Enquanto nadava, tinha apenas um pensamento: “Desta vez, é Hook ou eu”. Estava fazendo o tique-taque havia tanto tempo que já nem se lembrava. Se lembrasse, talvez tivesse parado. Não foi de propósito que abordou o navio tiquetaqueando, por mais engenhosa que fosse a ideia.

Pelo contrário, Peter achava que tinha escalado a lateral do casco silencioso e se espantou ao ver os piratas em debandada, em volta de Hook, também completamente apavorado, acreditando que era o crocodilo.

O crocodilo! Assim que se Peter lembrou, voltou a escutar o tique-taque. Primeiro, achou que o som vinha do animal. Até olhou para trás. Só depois percebeu que o ruído vinha dele mesmo e rapidamente entendeu tudo. “Como sou inteligente”, pensou, fazendo sinal para que os garotos não o aplaudissem.

Foi nessa hora que Ed Manchado, o contramestre, saiu do castelo de proa para o convés. Agora, leitor, cronometre o que aconteceu. Peter apunhalou o pirata com força e bem fundo. John tapou a boca do infeliz, abafando o grito. A vítima caiu para a frente. Quatro garotos o seguraram, para evitar o baque da queda. Peter gesticulou aos seus comandados e o cadáver foi prontamente jogado por sobre amurada. Ouviu-se o impacto na água, mas, depois, silêncio. Quanto tempo se passou?

— Um já foi! — Fiapo começou a contagem.

Quase ao mesmo tempo, Peter, como se seus pés fossem de veludo, desapareceu cabine adentro. Alguns piratas já tinham juntado coragem para olhar em volta e ouviam a respiração assustada dos outros — o que indicava que o terrível tique-taque havia cessado.

— Foi embora, capitão — observou Rolha, limpando os óculos. — Tudo tranquilo de novo.

Lentamente, Hook ergueu sua cabeça, que estava afundada dentro dos colarinhos, e ouviu com tanta atenção que poderia discernir até o eco do tique-taque. Não havia mais nenhum ruído. Ele se aprumou até ficar completamente de pé.

— Então é hora da senhora Prancha! — exclamou, petulante, com um ódio ainda maior pelos garotos por terem presenciado aquele seu momento de fraqueza. Começou a entoar uma cantiga ameaçadora:

*— Iô-ho, Iô-ho, a prancha é danada,  
te faz dar com os burros n'água.  
Quem anda por ela, cai, cai, cai,  
dali nunca mais sai, sai, sai.*

Para aterrorizar ainda mais os prisioneiros — embora a cena fosse um pouco ridícula —, Hook dançou sobre uma prancha imaginária, sorrindo enquanto cantava. Quando chegou ao final da canção, gritou:

— E quem quer umas chibatadas antes de andar pela prancha?

Ao ouvirem, os garotos se ajoelharam gritando:

— Não, não!

Foram gritos tão desesperados que os piratas sorriram, maquiavélicos.

— Pegue a chibata, Vil Bill! — ordenou Hook. — Na minha cabine!

Na cabine! Peter também estava na cabine! As crianças se entreolharam.

— Sim, capitão! — Bill marchou para a cabine.

Os garotos o seguiram com os olhos, mal percebendo que Hook voltava a cantar, agora com seus piratas acompanhando:

*— Iô-ho, Iô-ho, o chicote garra de gato  
tem nove unhas afiadas.  
Arranham as costas...*

Nunca saberemos o último verso, pois a canção foi interrompida por um grito terrível vindo da cabine. O berro ecoou por todo o navio. Depois ouviu-se um galo cantar. Os garotos sabiam exatamente o que era, mas os piratas acharam aquilo ainda mais agourento do que o grito do colega.

— O que foi isso? — exclamou Hook.

— Dois já foram — declarou Fiapo, muito sério.

O italiano Cecco hesitou, mas logo saiu em disparada para a cabine. Voltou cambaleante e impressionado.

— O que aconteceu com o Vil Bill, seu cão imprestável? — esbravejou Hook, curvando-se sobre ele.

— Aconteceu que mataram ele! Esfaqueado! — respondeu Cecco, com um fio de voz.

— Mataram Vil Bill! — os piratas se alarmaram.

— A cabine está um breu só — balbuciou Cecco —, tem alguma coisa medonha lá dentro. É o bicho que cantou igual galo.

Hook notou tanto a exaltação dos garotos quanto os olhares apavorados dos piratas:

— Cecco — disse o capitão usando seu tom de voz mais severo —, volte lá e traga esse galo aqui.

Cecco era o mais corajoso dos piratas, mas tremeu de medo diante da ordem:

— Não. Eu não! — gritou.

Hook acariciava seu gancho:

— O que você disse, Cecco? — falou, distraído.

Cecco abriu os braços, desesperado, e finalmente entrou na cabine. Ninguém cantava; todos ouviam. Novamente, outro grito de morte e outro canto do galo.

Ninguém disse nada, exceto Fiapo:

— Três já foram.

Hook fustigou seus subordinados com o gancho:

— Com mil demônios! — vociferou. — Quem vai me trazer esse galo?  
— Que tal esperar Cecco voltar? — resmungou Starkey, e os outros concordaram.

— Está se oferecendo, Starkey? — disse Hook acariciando seu gancho outra vez.

— Nem que o céu desabe! — exclamou Starkey.

— Meu gancho ouviu você se oferecer — tornou Hook, aproximando-se dele. — Será que não é melhor fazer o que ele quer?

— Pode me enforcar, mas não entro lá! — respondeu Starkey, e novamente os piratas concordaram com ele.

— Trata-se de um motim? — Hook vociferava cada vez mais alto. — E, pelo visto, o líder é Starkey!

— Piedade, capitão! — implorou Starkey, tremendo todo.

— Eu te dou uma mãozinha, Starkey — propôs Hook, oferecendo seu gancho.

Starkey olhou em volta, procurando quem o ajudasse, mas todos o abandonaram. Ele recuava enquanto Hook avançava com o brilho vermelho nos olhos. Soltando um berro desesperado, o pirata pulou sobre o Tonhão e se jogou no mar.

— Com esse são quatro — disse Fiapo.

— E agora? — continuou Hook. — Alguém mais quer fazer motim?

Apanhou uma lanterna e ergueu seu gancho ameaçadoramente:

— Eu mesmo vou lá pegar esse galo — disse, encaminhando-se para a cabine.

Fiapo queria muito dizer “Cinco já foram”. Molhou os lábios e esperou, mas Hook saiu de lá assustado e sem sua lanterna.

— Alguma coisa apagou minha lanterna — disse, nervoso.

— Alguma coisa? — repetiu Mullins.

— E o Cecco? — quis saber Macarrão.

— Morto. Vil Bill também — respondeu Hook, sem rodeios.

A hesitação do capitão em voltar para a cabine deixou todos muito nervosos. Os murmúrios de motim recomeçaram. Piratas são supersticiosos e Cookson logo comentou:

— Sempre dizem que o sinal mais claro de que um navio está amaldiçoado é quando tem uma pessoa a mais na tripulação que ninguém sabe explicar.

— Também dizem — emendou Mullins — que é sempre o último a embarcar. Ele tinha rabo, capitão?

— E dizem — outro continuou, olhando desconfiado para o capitão — que quando ele aparece, assume a forma do pior homem a bordo.

— Ele tinha um gancho, capitão? — perguntou Cookson, insolente.

E um após outro, os piratas começaram a gritar:

— O navio está condenado!

As crianças não se contiveram e comemoraram. Hook havia se esquecido completamente de seus prisioneiros. Virou-se para eles, com o rosto em brasa:

— Rapazes, tive uma ideia! — gritou para sua tripulação. — Abram a porta da cabine e joguem os prisioneiros lá dentro. Deixe que briguem com o galo até a morte. Se matarem o bicho, melhor para nós. Se morrerem, também não perdemos nada.

Mais uma vez, os lacaios admiraram seu capitão e seguiram suas ordens, diligentes. Os garotos, fingindo que se debatiam, foram jogados para dentro da cabine. Em seguida, a porta foi trancada.

— Agora, vamos ficar ouvindo! — exclamou Hook, e todos ficaram atentos.

Ninguém teve coragem de ficar perto da cabine. Apenas uma pessoa olhava para a porta: Wendy, que durante todo esse tempo permaneceu amarrada ao mastro. Ela não esperava ouvir gritos nem o cantar do galo, esperava apenas rever Peter.

A espera não foi longa. Peter havia encontrado dentro da cabine o que procurava: a chave dos grilhões das crianças. Apanharam todas as armas

que puderam encontrar e saíram silenciosamente da cabine. Peter fez sinal para que se escondessem e foi libertar Wendy. Seria muito mais fácil se eles simplesmente saíssem dali voando, mas uma coisa impedia Peter, o pensamento: “Desta vez, é Hook ou eu”. Depois de soltá-la, sussurrou para que ela se escondesse junto com os outros. Encoberto pelo xale de Wendy, tomou seu lugar no mastro para que os piratas não percebessem a troca de prisioneiros. Respirou bem fundo e disparou seu cacarejo.

Para os piratas, aquele grito significava que todos os garotos tinham sido mortos na cabine. O pânico se instalou. Hook tentou acalmá-los, mas como cães que eram, passaram a rosnar de volta para ele. O capitão entendeu que, se vacilasse agora, avançariam contra ele.

— Rapazes — começou Hook, pronto para o que fosse necessário, bajulação ou violência, mas sem se acovardar por um segundo —, eu sei o que está acontecendo. Alguém a bordo nos trouxe a má sorte.

— Sim! — rugiram os piratas. — O homem do gancho!

— Não, rapazes, é a menina. Mulher em navio pirata dá azar. Se acabarmos com ela, tudo voltará ao normal.

Alguns deles lembraram que o capitão Flint dizia a mesma coisa:

— Bom, vale a pena tentar — comentaram alguns, sem muita confiança.

— Joguem a menina ao mar! — gritou Hook, e todos correram para pegar a criança encapuzada.

— Agora nada pode salvar você, menininha — zombou Mullins.

— Tem uma coisa que pode — desafiou a figura coberta pelo xale.

— E o que seria?

— A vingança de Peter Pan! — A resposta de Peter foi derradeira.

Imediatamente, todos adivinharam quem estava por trás das mortes na cabine. Hook ameaçou falar por duas vezes, mas não conseguiu. Diante da surpresa, talvez seu bravo coração tenha perdido as forças.

Então conseguiu dar sua ordem, porém sem muita energia:

— Furem ele todo!



— Agora, garotos, pra cima deles! — a voz de Peter ecoou.

No momento seguinte, já se ouvia por todo o navio o choque das armas. Se os piratas tivessem permanecido juntos, certamente conseguiriam vencê-los. Mas o ataque aconteceu quando ainda estavam dispersos, espalhados pelo convés e golpeando às cegas. Cada um pensava ser o último sobrevivente da tripulação. Na luta mano a mano, os piratas levavam vantagem, mas agora apenas se defendiam, e os garotos os perseguiam em duplas, escolhendo seus alvos com cuidado. Alguns patifes se jogaram ao mar, outros se esconderam em cantos escuros, onde Fiapo os encontrava, sem atacar, e os iluminava com a lanterna. Cegos pela luz, eram presas fáceis para as espadas sedentas dos outros garotos. Quase nada mais se ouvia além do retinir das armas. Às vezes, um grito ou um corpo caía na água. Fiapo não parava:

— Cinco já foram... seis... sete... oito... nove... dez... onze.

Acho que todos os piratas já tinham sido eliminados quando um grupo de garotos enlouquecidos cercou Hook, que parecia estar dentro de um campo de força mágico e impenetrável. Não tiveram problemas para acabar com seus lacaios, mas aquele homem, mesmo sozinho, era mais do que conseguiriam enfrentar. Quando fechavam o cerco contra ele, sua destreza reconquistava espaço imediatamente.

— Baixem as armas, garotos! — gritou o recém-chegado. — Ele é meu.

Assim, Hook se viu subitamente cara a cara com Peter. Os outros se afastaram e formaram um círculo em volta dos dois.

Os archi-inimigos se encararam por um bom tempo. Hook tremia de nervoso enquanto Peter tinha um sorriso estranho no rosto.

— Então, Pan — Hook rompeu o silêncio —, isso tudo é culpa sua.

— Sim, James Hook, isso mesmo — desafiou.

— Seu fim chegou, moleque insolente e arrogante.

— Seu adulto sombrio e medonho, será o *seu* fim.

Sem mais palavras, lançaram-se um contra o outro. Por algum tempo,

nenhum deles parecia estar em vantagem. Peter era um espadachim excelente, de uma agilidade fulminante. A toda hora revidava um volteio de espada com um ataque que penetrava a guarda do inimigo, mas sua baixa estatura não permitia que atingisse Hook. O pirata, quase tão habilidoso quanto Peter, mas não tão ágil nos movimentos, o forçava a recuar com a força de suas investidas, esperando a hora de dar a luta por encerrada com um de seus golpes preferidos — o qual havia aprendido muito tempo atrás com Long John Silver na costa brasileira. Para seu espanto, Peter estava conseguindo bloqueá-lo. Então tentou se aproximar para dar o golpe fatal usando seu gancho, que até agora apenas girava no ar. Peter se abaixou e, sem piedade, perfurou as costelas de Hook. A repulsa de seu sangue de cor incomum fez sua espada cair e o deixou à mercê de Peter.

— É agora! — gritaram os garotos.

Com um gesto magnânimo, Peter permitiu que seu oponente pegasse sua espada de volta. Hook aproveitou a chance, mas foi invadido de imediato pela terrível constatação de que aquele gesto demonstrava a boa educação de Peter.

Sempre tivera a impressão de estar lutando com um demônio, mas agora surgiam suspeitas ainda mais sombrias:

— Pan, quem... o que você é? — gritou Hook impressionado.

— Eu sou a juventude e a alegria! — Peter respondeu prontamente. — Sou o pássaro que acabou de sair do ovo!

Obviamente aquilo não fazia nenhum sentido, mas para o miserável Hook era a prova de que Peter não tinha ideia de quem era — e isso era o ápice da educação.

— Em guarda! — gritou o desesperado capitão.

Ele atacou desvairadamente. Qualquer homem ou menino que se colocasse à frente de sua terrível espada seria despedaçado, mas Peter dançava à sua volta, leve como se o vento o conduzisse para uma distância segura. O pirata atacava e contra-atacava sem descanso.

Hook lutava sem esperanças. Seu coração orgulhoso não se importava mais em viver, buscava apenas sua redenção antes de se calar para sempre: presenciar alguma falta de educação de Peter.

Abandonou a luta, correu para o depósito de pólvora e pôs fogo em um pavio:

— Em dois minutos — bradou —, o navio explodirá em pedaços.

Agora sim, pensou, a verdadeira essência de Peter se revelará. No entanto, Peter surgiu de dentro do depósito com o pavio aceso nas mãos e o jogou displicentemente na água.

Qual era a educação do próprio Hook? Embora tivesse trilhado rumos errados em sua vida, podemos nos alegrar, até mesmo sem simpatizar com ele, pois no final ele provou ser fiel à sua tradição. Os outros garotos voavam ao redor dele, zombando, enquanto cambaleava pelo convés, golpeando a esmo. Sua mente já o havia abandonado. Vagava pelos campos onde brincara em um passado distante, ganhava importantes prêmios estudantis ou assistia a alguma partida esportiva sentado sobre o muro do colégio. Seus sapatos, seu colete, sua gravata e suas meias eram todos adequados.

Adeus, James Hook, sua figura tem lá seu fundo heroico.

Pois chegamos ao momento derradeiro.

Ao ver Peter voando lentamente em sua direção, com o punhal em mãos, correu para as amuradas com a intenção de se lançar ao mar. Ele não sabia que o crocodilo estava lá esperando por ele. Paramos o relógio de propósito, para poupá-lo do terror antecipado: uma pequena demonstração de nosso respeito em seu momento final.

Hook ainda guardava um trunfo na manga. Certamente, não devemos condená-lo por isso. Quando subiu na amurada, virou a cabeça e viu Peter vindo por trás. Com um gesto, pediu que ele usasse o pé. Assim, Peter o derrubou com um pontapé e não com uma punhalada.

Finalmente, Hook teve a redenção que tanto desejava:

— Que falta de educação, Pan! — zombou satisfeito enquanto caía na boca do crocodilo.

Assim morreu James Hook.

— Dezessete — anunciou Espeto, embora não tivesse certeza de suas contas.

Quinze piratas encontraram sua penitência naquela noite, mas dois chegaram até a praia. Starkey foi capturado pelos peles-vermelhas e transformado em babá de indiozinhos, um desfecho vergonhoso para um pirata. Rolha e seus óculos se perderam pelo mundo, contando, em troca de algumas moedas, a história de que tinha sido o único homem temido por Jas Hook.

Wendy não participou da luta, mas observou Peter com olhos atentos. Agora que tudo havia acabado, assumiu o controle de novo. Elogiou a todos sem distinção e arrepiou-se quando Michael mostrou o local onde havia matado um pirata. Então, levou todos até a cabine de Hook e apontou o relógio pendurado na parede: passava de uma e meia da manhã!

O fato de estarem acordados até tão tarde era quase tão sério quanto todo o resto. Não perdeu tempo em colocar os garotos, menos Peter, nos beliches do alojamento dos piratas. Ele ficou caminhando pelo convés até pegar no sono ao lado do Tonhão. Teve um de seus pesadelos naquela noite e chorou bastante enquanto Wendy o abraçava apertado.



# A VOLTA PARA CASA

**T**odos pularam da cama às três da manhã, pois o mar estava agitado. Piuí, o novo imediato, empunhava uma corda e mascarava tabaco. Vestiram-se com as roupas dos piratas. Cortaram as calças dos marujos na altura dos joelhos. Barbearam-se com capricho — mesmo sem terem barba —, e subiram ao convés bancando serem lobos do mar e ajeitando as calças frouxas.

Desnecessário dizer quem era o capitão. Espeto e John eram o primeiro e segundo oficiais. Havia uma mulher a bordo. Os outros eram marinheiros comuns, buchas de canhão que trabalhavam no convés e dormiam no castelo da proa. Peter logo tomou conta do leme e chamou a tripulação para distribuir ordens. Disse que, mesmo todos sendo vagabundos do tipo que se encontra nos piores portos de piratas, esperava que honrassem suas obrigações e que a qualquer sinal de motim os faria em pedaços. Seu jeito de falar, duro e exagerado, era a linguagem que os marujos entendiam, por isso todos responderam com vivas e assobios.

Outras recomendações ásperas foram dadas. Depois disso, o navio rumou em direção ao mundo real.

Capitão Pan consultou as cartas náuticas e calculou que, se o tempo ajudasse, chegariam ao arquipélago dos Açores lá pelo dia 1 de junho. Depois disso, o negócio era seguir viagem voando, que seria mais rápido.

Alguns dos garotos queriam que aquele fosse um navio honesto, mas outros simpatizavam com a vida de pirata. Como o capitão os tratava feito cães, não tinham coragem de pedir nada, mesmo que fosse um pedido coletivo. A única forma de estarem a salvo era a obediência cega. Fiapo levou doze chibatadas no lombo porque ficou olhando com cara de bobo quando Peter pediu que medisse a profundidade da água. Todos achavam que Peter apenas fingia ser um menino correto para enganar Wendy e que talvez parasse com isso quando ela terminasse seu novo traje, o que fazia a contragosto, usando as roupas mais extravagantes de Hook. Alguns dias depois, na primeira noite que Peter vestiu sua roupa nova, os garotos murmuraram entre si que ele havia ficado um bom tempo dentro da cabine de Hook, com a piteira na boca e fazendo um gancho com a mão, como se ameaçasse alguém.

Mas em vez de ficar vendo o que se passa no navio, precisamos voltar para a desolada casa de onde três de nossos personagens fugiram voando há tanto tempo. É um absurdo termos esquecido do nº 14 até agora. Ainda assim, pode ter certeza de que a senhora Darling não nos condena. Se por acaso tivéssemos voltado para lá antes, só por consideração, ela provavelmente nos diria:

— Que bobagem, não se preocupem comigo. Voltem para a ilha e cuidem das crianças.

Enquanto as mães forem assim, os filhos continuarão abusando de sua boa vontade. Por isso, só daremos uma espiada no velho quarto agora que seus moradores estão voltando. Só vamos nos adiantar um pouco e verificar se as camas estão arrumadas e se o senhor e a senhora Darling não vão

inventar de sair essa noite. Só queremos ajudar. Aliás, por que eles deveriam arrumar as camas das crianças se elas os abandonaram de maneira tão ingrata? Não seria uma lição e tanto se, ao voltarem, seus pais estivessem passando férias na praia? Seria uma boa e merecida lição. Só que, se a história fosse contada assim, a senhora Darling nunca nos perdoaria.

Há outra coisa que eu gostaria muito de fazer: usar meus poderes de narrador para avisar a ela que seus filhos estão voltando. Aliás, eles estarão de volta na quinta-feira da semana que vem. Mas isso estragaria a surpresa que Wendy, John e Michael querem tanto fazer a seus pais. Ficavam imaginando a cena no navio. A mamãe em êxtase, o papai urrando de alegria e Nana pulando para abraçar os três em primeiro lugar. A surpresa seria ainda maior se ficassem escondidos. Seria muito bom poder estragar esses planos e contar tudo antes da chegada das crianças. Assim, quando entrassem em casa, alegres e fazendo festa, a senhora Darling olharia com descaso, sequer daria um beijo em Wendy, e o senhor Darling resmungaria irritado:

— Maldição! Essas crianças de novo?

Mas a senhora Darling não gostaria de nada disso. Agora que começamos a conhecê-la melhor, é certo que levaríamos uma bronca daquelas se estragássemos a surpresa das crianças.

— Minha senhora, veja bem, ainda faltam dez dias até a tal quinta-feira. Contando agora, serão dez dias de tristeza a menos.

— Sim, mas a que custo? Tirando dez minutos de felicidade dos meus filhos?

— Bom, se você olhar por esse lado...

— E por que outro lado eu olharia?

Como podem ver, quando se trata dos filhos, essa mulher não guarda orgulho próprio. Quero dizer, ela é extraordinária em outros aspectos, mas esse seu lado me dá desgosto, então não vou falar nada. Não é preciso pedir a ela que prepare a casa porque já está tudo pronto. As camas



estão arrumadas, ela nunca sai e sempre deixa a janela aberta. Ou seja, já que não podemos ajudá-la em nada, é melhor voltarmos ao navio e aproveitar para dar uma espiada. No fundo, é isso o que somos, uns intrusos. Ninguém nos quer por perto. Então vamos continuar assistindo e fazendo comentários maldosos. Quem sabe acabamos irritando alguém?

A única diferença no quarto é que a casinha da Nana não fica mais lá durante o dia. Quando as crianças fugiram, o senhor Darling achava que a culpa toda era sua. Afinal, ele tinha deixado a cachorra presa, e o tempo todo Nana demonstrou mais inteligência do que ele. Como já vimos, era um homem tolo. Na verdade, se pudéssemos colar cabelos de volta em sua careca, ele se passaria facilmente por um menino. No entanto, ele também era dotado de um nobre senso de justiça e de uma coragem de leão para fazer o que acreditava ser o certo. Depois de analisar obsessivamente todo o ocorrido, caiu de joelhos e engatinhou até se enfiar na casinha de Nana. Todas as vezes que senhora Darling, com paciência e cuidado, o chamava para sair dali, sua resposta era triste e convicta:

— Não, minha querida, é o lugar que eu mereço.

Tomado de um remorso amargo, ele jurou que não sairia da casinha até a volta das crianças. Obviamente era uma cena de dar dó, mas tudo o que ele fazia ou era excessivo ou desistia logo. O outrora orgulhoso George Darling agora vivia sentado dentro da casinha falando para a senhora Darling como seus filhos eram bons.

Era comovente o respeito que agora tinha por Nana. Mesmo tendo lhe tomado a casinha, o senhor Darling fazia tudo o que ela queria, sem questionar.

Todas as manhãs, a casinha era carregada até um táxi, com o senhor Darling dentro dela. Era assim que ele ia e depois voltava do escritório, às seis da tarde. Isso nos dá uma noção de seu caráter quando lembramos o quanto se preocupava com a opinião dos outros. Agora, sua nova conduta

despertava atenção e surpresa. Sem dúvida que, intimamente, aquilo devia ser uma tortura, mas por fora ele se mantinha calmo e educado mesmo quando os adolescentes na rua zombavam de sua casinha. Quando alguma senhora espiava dentro, ele a cumprimentava erguendo o chapéu.

Podia ser um tanto quixotesco, mas era magnânimo. Não demorou para o real motivo daquele gesto se tornar conhecido e todos se comoveram. Seu táxi era seguido e aplaudido por multidões, garotas invadiam o carro para pedir autógrafos, grandes jornais o entrevistavam e sempre que alguém da sociedade o convidava para jantar, logo acrescentava:

— Sinta-se à vontade para vir em sua casinha.

Na tão aguardada quinta-feira, a senhora Darling estava no quarto das crianças esperando George voltar. Tinha os olhos pesados de tristeza. Olhando-a agora e lembrando da alegria que costumava irradiar — esvaída por ter perdido seus filhos —, não tenho coragem de dizer mais nada de ruim sobre essa mulher. O amor que sente por suas ingratas crianças é maior que ela. Olhe só, acabou de pegar no sono sentada na poltrona. O canto de sua boca, que é a primeira coisa que alguém nota nela, está quase sem vida. Ela esfrega a mão no peito sem parar, como se uma dor morasse ali dentro. Alguns preferem Peter, outros gostam mais da Wendy, mas ela é minha favorita. Vamos imaginar que, só para alegrá-la, nós pudéssemos sussurrar agora em seu ouvido, enquanto dorme, que seus pestinhas estão voltando. Já estão a menos de três quilômetros de distância da janela, voando a uma boa velocidade. Então só precisamos sussurrar que eles estão quase chegando. Vamos fazer isso.

Que vergonha o que fizemos, pois ela acordou assustada, chamando por eles. E não há ninguém no quarto além de Nana.

— Ai, Nana, sonhei que meus filhinhos tinham voltado.

Com os olhos marejados, Nana colocou a pata carinhosamente sobre o colo da patroa. Ficaram sentadas lado a lado, até que a casinha foi trazida mais uma vez de volta para casa. Ao se esticar para fora para dar um beijo

na esposa, o senhor Darling pareceu ainda mais amargurado do que de costume, com uma expressão resignada.

Entregou seu chapéu a Liza, que o apanhou com descaso. Como ela não tinha imaginação, não entendia as motivações de um homem como ele. Lá fora, a multidão que o havia acompanhado no caminho de volta continuava a gritar. Obviamente, o senhor Darling não deixava de se sentir um tanto quanto comovido.

— Escutem só — disse ele —, é muito gratificante.

— Um bando de moleques — Liza desdenhou.

— Hoje vi muitos adultos — garantiu o senhor Darling, corando.

No entanto, quando Liza o reprovou com a cabeça, ele não revidou. Toda aquela aclamação pública não o deixara orgulhoso, mas sim mais gentil. Ficou sentado, com a cabeça para fora da casinha, contando à senhora Darling sobre sua fama repentina. Ela perguntou se aquele sucesso todo não estava lhe subindo à cabeça, mas ele garantiu que não e apertou mais a sua mão.

— Mas se eu não tivesse a cabeça boa... — observou ele. — Deus me livre se eu não tivesse a cabeça boa!

— Mas George — disse a senhora Darling com cuidado —, você ainda sente remorso, não é?

— Mais do que nunca, minha querida! Veja o meu castigo: morar numa casinha de cachorro.

— Mas é um castigo mesmo, não é, George? Tem certeza de que você não está gostando disso tudo?

— Claro que não estou, meu amor!

É óbvio que ela se desculpou por desconfiar. Ele, sonolento, se deitou encolhido dentro da casinha.

— Toca um pouquinho de piano até eu dormir? — pediu.

Enquanto ela caminhava até o quarto ao lado, onde ficava o piano, ele acrescentou, sem se dar conta do que pedia:

— E feche essa janela. Estou sentindo uma corrente de ar.

— Ai, George, nunca me peça isso. Essa janela tem que ficar sempre aberta para eles, sempre, sempre.

Foi a vez de ele pedir desculpas. No outro quarto, a senhora Darling começou a tocar e ele logo pegou no sono. Enquanto dormia, Wendy, John e Michael entraram voando pela janela.

Quem dera! Só escrevemos assim porque era o que planejavam no navio. Algo deve ter acontecido no meio do caminho, porque não foram eles que entraram pela janela, e sim Peter e Tinker Bell.

As primeiras palavras de Peter explicam tudo:

— Rápido, Tink — Peter sussurrou —, feche a janela, tranque-a bem! Isso. Depois, saímos pela porta. Quando Wendy chegar, vai pensar que sua mãe a trancou para fora. Ela não vai ter saída senão voltar para a Terra do Nunca comigo.

Agora entendo o que me intrigava. Foi por isso que Peter não voltou para a ilha depois de matar os piratas e mandou Tink acompanhar as crianças até o mundo real. Ele já tinha tudo planejado.

Em vez de se sentir culpado pela atitude, Peter dançou alegremente. Depois, espiou o quarto ao lado para ver quem tocava o piano:

— É a mãe da Wendy! — sussurrou. — Ela é bem bonita, mas não tanto quanto a minha mãe. A boca dela é cheia de dedais, mas a da minha mãe é mais.

Ele não sabia nada sobre a própria mãe, mas de vez em quando se gabava dela. Não conhecia a canção que senhora Darling estava tocando, que se chamava “Lar, doce lar”. No entanto, sabia que a mensagem era “Volte para casa Wendy, Wendy, Wendy” e por isso exclamou triunfante:

— Você nunca mais verá a Wendy, senhora, pois eu tranquei a janela!

Espiou mais uma vez quando a música parou. Viu que a senhora Darling estava com a cabeça pousada sobre o piano e tinha lágrimas nos olhos.

“Ela quer que eu destranque a janela”, pensou Peter. “Mas não vou destrancar, não vou!”

Quando espiou de novo, as lágrimas ainda estavam lá — ou eram novas que tinham tomado o lugar das antigas.

— Ela gosta muito da Wendy — disse para si mesmo, zangado, pois a senhora Darling não entendia que o lugar de Wendy não era com ela. O motivo era muito simples: — Eu também gosto muito da Wendy e ela só pode ficar com um de nós.

A senhora Darling nunca aceitaria isso. Mesmo sem olhar para ela, seu rosto não saía de seus pensamentos. Ficou saltitando e fazendo caretas, mas quando parou, era como se a senhora Darling estivesse dentro dele, pulsando.

— Ah, tá bom! — finalmente cedeu, engolindo em seco. Destrancou a janela.

— Vamos embora, Tink — exclamou, sentindo desprezo pelos instintos humanos. — Quem precisa de uma mãe? — E saiu voando.

Assim, Wendy, John e Michael encontraram a janela aberta, coisa que, obviamente, era bem mais do que mereciam. Pousaram no chão do quarto, sem nenhum peso na consciência. O caçula já havia se esquecido de sua casa:

— John — comentou Michael, olhando em volta sem ter certeza —, acho que conheço este lugar.

— Claro que conhece, seu tonto. É seu antigo quarto.

— Ah, é mesmo — disse Michael sem muita convicção. — A casinha da Nana! — exclamou, correndo para olhar lá dentro.

— Talvez a Nana esteja aí — disse Wendy.

John ficou sem ar:

— Caramba! Tem um homem aqui dentro!

— É o papai! — gritou Wendy.

— Quero ver o papai! — disse Michael, ansioso, medindo seu pai com os olhos. — O pirata que eu matei era maior do que ele.

Seu tom era de decepção. Ainda bem que o senhor Darling estava dormindo. Seria triste que essas fossem as primeiras palavras de seu pequeno Michael depois de tanto tempo.

Wendy e John estavam surpresos de verem seu pai dentro da casinha:  
— Não era aí que ele dormia, era? — perguntou John, sem confiar na própria memória.

— John — disse Wendy, com a voz trêmula —, talvez a gente não se lembre mais da nossa vida antiga.

Sentiram um calafrio, o que era bem feito para eles.

— É muito descaso da mamãe não estar aqui para nos receber. — John, esse patife, já estava exagerando.

Foi quando a senhora Darling começou a tocar o piano novamente.

— É a mamãe! — exclamou Wendy e foi lá espiar.

— É mesmo! — disse John.

— Quer dizer que você não é nossa mãe de verdade, Wendy? — indagou Michael, que já estava com muito sono.

— Ai ai! — Wendy suspirou, sentindo sua primeira pontada de remorso por terem fugido daquela maneira. — Estava mais do que na hora de voltarmos.

— Vamos entrar de mansinho — sugeriu John — e cobrir os olhos dela para fazer uma surpresa.

Mas Wendy, sentindo que sua mãe não merecia aquele susto, teve outra ideia:

— Vamos deitar em nossas camas. Assim, quando a mamãe entrar no quarto, vai parecer que nunca saímos de lá.

E assim, quando a senhora Darling voltou para ver se seu marido já tinha dormido, encontrou todas as camas ocupadas. As crianças esperavam ouvir gritos de alegria, mas não foi o que aconteceu. Ela os viu, porém não acreditou que aquilo fosse verdade. Imagine que em seus sonhos ela sempre os via deitados nas camas, e pensou ser a memória do sonho lhe pregando uma peça.

Sentou-se na cadeira perto da lareira, de onde sempre os fazia dormir.

Aquilo estava além da compreensão das crianças. Um calafrio tomou conta deles:

— Mamãe! — gritou Wendy.

— É a Wendy... — disse a senhora Darling, certa de que ainda era o sonho que a fazia ouvir coisas.

— Mamãe!

— E agora é John.

— Mamãe! — foi a vez de Michael, que agora a reconhecia.

— E esse é Michael — a senhora Darling estendeu seus braços em direção às três crianças egoístas. Ela acreditava que nunca mais as abraçaria. Como não? Seus braços agora envolviam Wendy, John e Michael, que haviam pulado da cama e corrido até ela.

— George! George! — ela gritou, quando recuperou a fala.

O senhor Darling acordou para participar daquela felicidade. Nana entrou correndo. Era a cena mais linda do mundo, mas ninguém a presenciava, exceto o garoto que assistia a tudo pela janela. Outras crianças não poderiam sequer imaginar as aventuras que ele já havia vivido, mas a cena que via agora era a única alegria que nunca poderia ter.







# QUANDO WENDY CRESCEU

Imagino que vocês queiram saber o que aconteceu com os outros garotos. Ficaram ali, no andar de baixo, esperando Wendy contar a seus pais sobre eles. Depois de contarem até quinhentos, subiram as escadas, pois achavam que se apresentando causariam melhor impressão. Ficaram perfilados diante da senhora Darling, com seus chapéus nas mãos. Talvez fosse melhor se não estivessem com roupas de pirata nessa hora. Deviam ter olhado para o senhor Darling também, mas isso sequer passou por suas cabeças.

A senhora Darling disse imediatamente que cuidaria de todos. O senhor Darling, no entanto, parecia incomodado. Eles viram em sua expressão que seis meninos era gente demais para sustentar:

— Você não faz nada pela metade, não é mesmo? — disse o senhor Darling para Wendy, e os gêmeos pensaram que aquele seu tom aborrecido era por causa deles.

O primeiro gêmeo era mais orgulhoso e disparou, envergonhado:

— O senhor acha que daríamos muito trabalho? Se for esse o caso, nós vamos embora agora mesmo.

— Papai! — exclamou Wendy, indignada.

— Podemos dormir de dois em dois — tentou Espeto.

— Eu mesma corto o cabelo deles — apontou Wendy.

— George! — a senhora Darling exclamou, horrorizada ao ver seu marido agindo daquela forma.

O senhor Darling desatou a chorar e acabou confessando. Estava tão feliz quanto a esposa de ficar com todos, disse ele, mas deveriam tê-lo levado em consideração e pedido sua permissão também em vez de tratá-lo como se fosse um zero à esquerda em sua própria casa.

— Eu não acho que ele seja um zero à esquerda — Piuí emendou na mesma hora. — Você acha que ele é um zero à esquerda, Caracol?

— Não acho, não. Você o acha um zero à esquerda, Fiapo?

— Claro que não. Gêmeo, o que você acha?

No fim das contas, ninguém achava o senhor Darling um zero à esquerda, fato que o deixou bastante entusiasmado. Resolveu que dormiriam todos na sala de estar, caso coubessem.

— Cabemos, sim senhor — asseguraram os meninos.

— Então sigam o líder! — o senhor Darling exclamou alegremente. — Mas vejam só, não sei se o que temos aqui é mesmo uma sala de estar, mas fingiremos que é e no fim dará tudo certo. Upa-lalá!

Saiu dançando pela casa e todos o acompanharam:

— Upa-lalá!

Dançando atrás dele, foram procurar a sala de estar, e não me lembro se chegaram a encontrá-la, mas cada um escolheu seu cantinho. Havia espaço para todos.

Quanto a Peter, ele viu Wendy uma última vez antes de ir embora voando. Não entrou pela janela, mas esbarrou nela quando passou, para que Wendy pudesse abri-la e falar com ele se quisesse. Foi o que ela fez.

- Olá, Wendy! E adeus! — foi só o que disse.  
— Ai ai... você já vai embora?  
— Sim.  
— Peter, você não gostaria de falar com meus pais sobre certo assunto?  
— Wendy tentava encontrar as palavras certas.  
— Não.  
— Sobre mim, Peter?  
— Não.

A senhora Darling se aproximou, pois não perdia mais Wendy de vista. Contou para Peter que tinha adotado todos os outros garotos e que gostaria de adotá-lo também.

- Aí eu teria que ir para a escola? — perguntou desconfiado.  
— Sim.  
— E depois eu teria que trabalhar em um escritório?  
— Imagino que sim.  
— Então logo logo eu seria um adulto?  
— Sim. Muito em breve.  
— Eu não quero ir para a escola aprender coisas sérias — Peter retrucou exaltado. — Não quero ser adulto. Mãe da Wendy, imagina só eu acordar um dia e perceber que cresceu barba no meu rosto.  
— Peter, você ficaria lindo de barba — Wendy tentou conciliar.  
A senhora Darling estendeu os braços, mas ele a afastou bruscamente:  
— Fique longe, senhora! Ninguém vai me prender para virar um adulto!  
— Mas onde você vai morar, então?  
— Com a Tink, na casinha que construímos para Wendy. As fadas vão colocá-la em cima das árvores, onde elas dormem.  
— Nossa! Que genial! — Wendy ficou tão animada que senhora Darling a segurou com mais força.  
— Achei que todas as fadas tivessem morrido.

— Elas continuam nascendo sem parar — explicou Wendy, que agora era uma autoridade no assunto. — É que sempre que um bebê ri pela primeira vez, uma fada nasce. Como não param de nascer bebês, elas também continuam nascendo. As fadas vivem em ninhos nas copas das árvores. As roxas são meninos e as brancas são meninas. E tem também as azuis, essas são um pouco confusas e não sabem bem o que são.

— Pois é, e eu vou me divertir muito lá — disse Peter, olhando para Wendy.

— Você vai se sentir solitário à noite — comentou ela —, sentado diante da lareira.

— Tink fará companhia.

— A Tink é muito pouco para você — observou Wendy, maldosa.

— Sua linguaruda! — gritou Tink lá do canto.

— Não tem importância — respondeu Peter.

— Ah, Peter, você sabe que tem.

— Então venha morar comigo na casinha.

— Posso, mãe?

— Claro que não! Agora que você voltou para casa, não vou te perder nunca mais.

— Mas ele precisa tanto de uma mãe.

— E você também, meu amor.

— Não tem problema — disse Peter, como se a tivesse convidado apenas por educação.

Ao perceber que ele estava prestes a chorar, a senhora Darling fez uma ótima sugestão: deixar Wendy passar uma semana por ano na ilha, para fazer uma boa faxina de primavera. Wendy preferia algo mais permanente, pois a próxima primavera ainda levaria uma eternidade para chegar. Peter, no entanto, adorou a ideia. Ele não tinha noção de tempo, pois vivia sempre tantas aventuras. Tudo o que foi narrado aqui é somente

uma pequeníssima parte delas. Imagino que foi por Wendy saber disso que suas últimas palavras para Peter foram um pedido:

— Você não vai se esquecer de mim antes da faxina de primavera, não é Peter?

Ele prometeu que não e se foi, voando. Levou o beijo da senhora Darling com ele. Sabe aquele beijo que até então ninguém tinha merecido? Pois Peter o ganhou praticamente sem muito esforço. Engraçado, mas ela ficou muito contente com isso.

Todos os outros meninos foram para a escola. A maioria entrou na terceira série, menos Fiapo, que entrou na segunda e depois foi mandado para a primeira. Logo na primeira semana de aula perceberam que tinha sido burrice deixar a ilha. Agora, no entanto, era tarde demais. Por fim, se conformaram com uma vida comum como a minha, a sua ou a de qualquer outro zé-ninguém. É triste dizer isso, mas pouco a pouco foram perdendo a capacidade de voar. Quando chegaram, Nana tinha de amarrá-los nos pés da cama para não saírem flutuando enquanto dormiam. Uma das traquinagens preferidas dos garotos era fingir que caíam do ônibus em movimento. Com o tempo, foram percebendo que já não acordavam no meio da noite com a corda esticada e quando pulavam do ônibus se machucavam de verdade. Não conseguiam mais voar atrás dos seus chapéus quando batia um vento. Eles diziam que era falta de prática, mas a verdade é que já não acreditavam mais.

Michael continuou acreditando por mais tempo do que os outros, mesmo virando motivo de piada. Estava com Wendy quando Peter veio buscá-la depois do primeiro ano. Ela se foi voando com ele, com o vestido de folhas e frutinhas que havia costurado na Terra do Nunca. Wendy temia que Peter notasse como o vestido tinha ficado pequeno, mas ele não percebeu, afinal tinha muito o que contar sobre suas aventuras e não parou para pensar nesses detalhes.

Toda essa espera ansiosa para conversar sobre as aventuras dos velhos tempos não valeu de nada, porque novas aventuras já tinham tomado o

lugar das antigas na cabeça dele.

— Capitão Hook? — perguntou curioso quando ela mencionou seu antigo arqui-inimigo.

— Não se lembra dele? — espantou-se. — Você o matou para salvar todos nós!

— Depois que eu mato, eu me esqueço — Peter replicou com descaso.

Quando ela perguntou, já sem muita esperança, se Tinker Bell ficaria feliz em vê-la, a resposta de Peter foi:

— Tinker Bell?

— Ai, Peter! — Wendy estava chocada.

Mesmo depois que explicou, ele ainda não se lembrava:

— Acho que já morreu. Tem muitas fadas lá.

Ele tinha razão, pois fadas têm vida curta. São tão pequenininhas que o tempo parece muito maior para elas.

Doía em Wendy perceber que um ano inteiro parecia apenas um dia insignificante para Peter. Para ela, havia sido uma espera, mas ele continuava fascinante como sempre. Se divertiram muito fazendo a faxina na casinha sobre as árvores.

No ano seguinte, ele não veio buscá-la. Ela ficou esperando com seu vestido novo, porque o velho não servia mais. Mas Peter não veio.

— Talvez esteja doente — ponderou Michael.

— Você sabe que ele nunca fica doente!

Michael chegou perto dela e sussurrou, sentindo um calafrio:

— Talvez ele não exista de verdade, Wendy.

Wendy ficou prestes a chorar, enquanto Michael já estava chorando.

Peter veio na primavera seguinte. O estranho foi que ele nem percebeu que tinha pulado um ano.

Foi a última vez que a menina Wendy o viu. Por algum tempo, ela ainda tentou evitar crescer. Sentia que estava sendo desleal com ele quando ganhou um prêmio de conhecimentos gerais na escola. Os anos

se passaram sem que o garoto indiferente aparecesse. Quando finalmente se encontraram de novo, Wendy já era uma mulher casada e Peter era apenas uma lembrança empoeirada, como brinquedos velhos em um baú. Não tenha pena dela, pois era do tipo que adorava ser adulta. Cresceu por vontade própria, antes das outras meninas.

A essa altura os garotos já eram adultos. Por isso, não vale a pena dizer mais nada sobre eles. Você pode cruzar com os gêmeos e Espeto num dia qualquer, saindo para trabalhar, cada um com sua maleta e guarda-chuva. Michael virou condutor de trem. Fiapo se casou com uma dama da sociedade, com título e tudo, e agora é um lorde. Vê aquele juiz de toga, saindo daquele portão de ferro? Costumavam chamá-lo de Piuí. Aquele outro, de barba, que não sabe nenhuma história para contar aos filhos, é John.

Wendy se casou de branco, com uma faixa rosa na cintura. É estranho pensar que Peter não tenha invadido a igreja para estragar a cerimônia.

Mais anos se passaram e Wendy teve uma filha. Esta frase merecia ser escrita em ouro e não com tinta comum.

A garota se chamou Jane. Tinha uma expressão de eterna curiosidade, como se desde o momento em que chegou ao mundo já quisesse descobrir tudo. Quando teve idade para perguntar por conta própria, a maioria das perguntas era sobre Peter Pan. Adorava ouvir histórias sobre ele. Wendy contou todas de que se lembrava. O mesmo quarto de onde as crianças fugiram para sua incrível jornada agora era o quarto de Jane. Seu pai havia comprado a casa do pai de Wendy, com 3% de juros na hipoteca. O senhor Darling já não conseguia mais subir as escadas. A senhora Darling, a essa altura, já estava morta e esquecida.

Restavam apenas duas camas: a de Jane e a da babá. A casinha de cachorro não existia mais, pois Nana também havia falecido. Morreu de velhice. No final da vida, os cuidados com ela foram muito difíceis. Deu muito trabalho, pois mantinha plena convicção de que ninguém saberia cuidar de crianças tão bem quanto ela.



Uma vez por semana, a babá de Jane tinha uma noite de folga. Era quando Wendy a colocava para dormir e contava histórias. Jane inventou uma brincadeira em que ela e sua mãe se cobriam com o lençol, como se estivessem em uma barraca, e naquela escuridão ela sussurrava:

— O que vamos ver agora?

— Acho que não consigo ver nada — Wendy respondeu, com a impressão de que, se Nana estivesse ali, acharia muito tarde para ficar de conversa fiada.

— Consegue, sim — emendou Jane. — Está vendo a época em que você era criança.

— Isso já faz muito tempo, meu amor. Ai, como o tempo voa.

— Voa do jeito que você voava quando era garotinha? — indagou a menina esperta.

— Do jeito que eu voava? Sabe Jane, eu não sei se conseguia voar de verdade.

— Consequia sim.

— Bons tempos, quando eu sabia voar.

— Por que você não consegue voar mais, mamãe?

— Porque eu cresci, meu amor. Quando as pessoas crescem, elas se esquecem de como se faz para voar.

— Por que elas esquecem?

— Porque não são mais alegres, inocentes e não ligam para os outros. Só voa quem é alegre, inocente e desalmado.

— O que é ser alegre, inocente e desalmado? Eu queria ser assim.

Wendy percebeu que talvez estivesse vendo alguma coisa, afinal:

— Acho que estou vendo este mesmo quarto, no passado — disse Wendy.

— Acho que é isso mesmo — tornou Jane. — Continue, mamãe.

E assim elas embarcaram na grande aventura que foi a noite em que Peter voou até ali para procurar sua sombra.

— Aquele garoto bobo tentou colar a sombra esfregando sabão e ficou chorando quando não conseguiu. Eu acordei com o choro e costurei a sombra para ele — lembrou-se Wendy.

— Você pulou uma parte — interrompeu Jane, que já conhecia a história melhor que sua mãe. — Quando você o viu sentado no chão, chorando, o que você disse para ele?

— Eu me sentei na cama e disse: “Menino, por que você está chorando?”.

— Foi isso mesmo! — disse Jane, suspirando fundo.

— E aí nós voamos até a Terra do Nunca, com as fadas, piratas, peles-vermelhas, a Laguna das Sereias, a casa subterrânea e a casinha.

— Isso mesmo! Do que você mais gostava?

— Acho que a casa subterrânea era minha favorita.

— A minha também. Qual foi a última coisa que Peter te disse?

— A última coisa que ele me disse foi: “Espere sempre por mim e uma noite você vai me ouvir outra vez cantando como um galo”.

— Isso mesmo.

— Mas fazer o quê? Ele se esqueceu completamente de mim — Wendy disse com um sorriso, pois ela era adulta o suficiente para conseguir dizer aquilo com um sorriso.

— Como era o galo que ele imitava? — Jane quis saber certa noite.

— Era mais ou menos assim... — respondeu tentando imitar o som que Peter fazia.

— Não era, não — Jane retrucou, muito séria. — Era assim... — E fez muito melhor do que sua mãe.

Wendy ficou surpresa:

— Meu amor, como você sabe?

— Sempre ouço, quando estou dormindo — Jane respondeu.

— Sim, muitas meninas o escutam quando estão dormindo, mas eu fui a única que escutei acordada.

— Que sorte a sua!

E então, certa noite, o inesperado aconteceu. Era primavera, Jane estava dormindo. Wendy estava sentada no chão, bem próxima da lareira, para enxergar o que estava costurando, já que não havia nenhuma outra luz acesa no quarto. Foi quando ouviu o canto do galo. A janela se abriu subitamente, como nos velhos tempos, e Peter pousou no chão.

Ainda era exatamente o mesmo, Wendy viu de imediato que ainda tinha dentes de leite.

Ele era um garoto, ela era adulta. Ela se encolheu perto do fogo, sem coragem de se mover, indefesa e culpada por ter crescido.

— Olá, Wendy!

Peter não notou nenhuma diferença, pois só pensava em si mesmo. Na luz fraca do quarto, o vestido branco que ela usava podia muito bem ser, aos olhos dele, a camisola que ela vestia na primeira vez que a viu.

— Oi, Peter — Wendy respondeu quase sem voz.

Ela se espremeu para parecer o menor possível. Algo dentro dela gritava: “Mulher, mulher, deixe-me sair!”.

— Cadê o John? — perguntou Peter, notando a ausência da terceira cama.

— John não está — disse Wendy prendendo a respiração.

— E Michael está dormindo? — perguntou sem interesse, olhando para Jane.

— Sim — Wendy respondeu, sentindo que estava mentindo tanto para Jane quanto para Peter. — Só que não é o Michael ali — ela emendou rapidamente, com medo de que sua mentira causasse algum mal.

Peter olhou para a cama:

— Olha só! Uma criança nova?

— Sim.

— Menino ou menina?

— Menina.

Ela achou que agora ele entenderia a situação, mas não foi o que aconteceu.

— Peter — disse Wendy, vacilante —, você está esperando que eu saia voando com você?

— Claro, foi por isso que eu vim — Peter continuou, meio irritado. — Você se esqueceu da faxina de primavera?

Wendy sabia que seria inútil explicar que fazia anos que ele não aparecia para a faxina de primavera:

— Não posso ir — desculpou-se Wendy. — Eu não sei mais voar.

— Eu te ensino de novo.

— Não, Peter, não desperdice seu pó de fadas comigo.

Ela se levantou e Peter foi tomado pelo assombro:

— O que aconteceu com você? — exclamou.

— Vou acender a luz para você ver.

Que eu saiba, acho que foi primeira vez na vida que Peter ficou com medo:

— Não! Não acenda a luz! — gritou.

Wendy passou as mãos pelos cabelos do garoto assustado. Ela não era mais uma menininha de coração partido por ele, era uma mulher sorrindo daquilo tudo, um sorriso com olhos marejados.

Quando ela acendeu a luz, Peter pôde ver aquela mulher linda e alta. Ele deixou escapar um grito de dor quando Wendy se abaixou para pegá-lo no colo. Ele se esquivou, horrorizado:

— O que aconteceu com você? — perguntou novamente.

Ela precisava contar a verdade:

— Eu envelheci, Peter. Já tenho bem mais de vinte anos. Já faz tempo que cresci.

— Mas você prometeu que não ia crescer!

— Era uma promessa impossível de ser cumprida. Sou uma mulher casada, Peter.

— Não é, não!

— Sou, sim. Essa garotinha na cama é minha filha.

— Não é, não!

Mas ele achou que podia ser. Deu um passo na direção da criança, com o punhal erguido. Mas obviamente não a esfaqueou. Em vez disso, sentou-se no chão e começou a soluçar. Mesmo que antigamente Wendy fizesse isso com muita facilidade, agora não sabia como consolá-lo. Saiu correndo do quarto, pensando no que fazer.

Peter continuou chorando até que seus soluços acordaram Jane. Ela se sentou na cama, toda curiosa:

— Menino, por que você está chorando?

Peter se levantou e fez uma reverência, que ela retribuiu da cama.

— Olá! — disse Peter.

— Olá!

— Meu nome é Peter Pan.

— É, eu sei.

— Vim para levar minha mãe de volta para a Terra do Nunca.

— Eu sei, eu já esperava — disse Jane.

Quando Wendy voltou, encontrou Peter empoleirado aos pés da cama, entoando seu glorioso canto de galo. Jane, de camisola, voava pelo quarto em completo êxtase.

— É a minha mãe — explicou o garoto, e Jane pousou ao seu lado, com a expressão que Peter adorava ver quando as meninas olhavam para ele.

— Ele precisa muito de uma mãe — disse Jane.

— Eu sei — admitiu Wendy, com um tom triste. — Sei disso mais do que ninguém.

— Adeus! — disse Peter a Wendy e se lançou no ar.

Jane, ousada, também decolou. Já voava melhor do que andava. Wendy correu para a janela:

— Não! Não! — gritou.

— É só uma faxina — Jane a tranquilizou. — Ele quer que eu faça a faxina de primavera todos os anos.

— Se ao menos eu pudesse ir com vocês — suspirou Wendy.

— Mas você não sabe mais voar, mamãe.

Obviamente Wendy deixou que partissem. A última vez que a vimos, estava na janela, vendo-os sumir no horizonte até ficarem do tamanho das estrelas.

Ao olharmos hoje para Wendy, vemos seus cabelos brancos. Ela parece cada vez menor, porque isso tudo aconteceu já há muito tempo. Jane agora é uma adulta como todas as outras e tem uma filha chamada Margaret. E sempre que chega a época da faxina de primavera, Peter vem buscar Margaret para levá-la à Terra do Nunca — exceto quando ele se esquece. Margaret conta a Peter histórias sobre ele próprio, que ele escuta com toda atenção. Quando Margaret crescer, terá uma filha e então será a vez dela de ser a mãe de Peter.

E assim continuará enquanto existirem crianças alegres, inocentes e desalmadas.



# POSFÁCIO

## **PETER PAN OU O MENINO QUE NÃO QUERIA CRESCER<sup>1</sup>**

— J. M. Barrie

Aos Cinco,

Agora que a peça Peter Pan foi finalmente publicada, preciso fazer algumas confissões incômodas. A primeira é que não me lembro de tê-la escrito — falarei sobre isso logo mais. Antes de tudo, quero entregar Peter aos Cinco, sem os quais ele não existiria. Ao recordar o que significamos

---

<sup>1</sup> Aqui o autor se esforça para lembrar e organizar os fatos que levaram à criação de Peter Pan, compartilhando sua autoria com os cinco irmãos Llewelyn Davies. O personagem e o enredo tiveram origem nas brincadeiras de Barrie com essas crianças, pois foi amigo íntimo da família por décadas. A peça estreou em 1904 e seu texto era reescrito todos os anos. O sucesso levou Barrie a publicar a história em forma de livro em 1911. Em 1922, também a peça foi publicada em versão impressa e este texto serviu como introdução à sua primeira edição.



uns para os outros, espero, meus caros, que vocês aceitem esta minha carinhosa dedicatória. A peça de Peter é uma mistura de vocês, embora talvez ninguém mais seja capaz de enxergar essa verdade além de nós. Muitas cenas foram excluídas da peça, e vocês participavam de todas elas. Lembrem-se da primeira vez em que abatemos Peter com uma flecha de ponta cega em Kensington Gardens? Eu lembro que pensamos tê-lo matado, mas o golpe somente o deixou sem ar por alguns instantes. Depois de um breve instante de exaltação pela proeza, os mais sensíveis de nós chegaram a chorar. Alguns inclusive queriam chamar a polícia. Qualquer um de vocês se prontificaria a servir de testemunha ocular desse crime. Sem dúvida os incitei, mas vocês sempre estiveram mais propensos do que eu a fazê-lo ganhar vida. De minha parte, acho que sempre soube que Peter surgiu quando juntei todos vocês e os coloquei em atrito, do mesmo modo como os índios usam gravetos para acender o fogo. É isso o que ele é: uma faísca que tirei de vocês.

Nos divertimos muito com ele, mas sua história precisou ser reduzida para caber em uma peça. Alguns de vocês sequer existiam quando tudo isso teve início, porém se tornaram insubstituíveis conforme a brincadeira caminhava para seu final. Lembrem-se de quando o Nº 4 entrou na história, naquele jardim em Burphan? Tinha apenas três semanas de idade e vocês três estavam contra a participação de alguém tão pequeno. Você já se esqueceu, Nº 3, das violetas brancas do mosteiro cisterciense que serviram de batinas para as nossas primeiras fadas? Elas ficaram parecidas com monges beneditinos. Você também perguntava indignado: “Todas as vezes eu só posso matar um único pirata?”. Você se lembra da Cabana do Abandonado, no bosque assombrado de Waverley? E do cachorro são-bernardo que usava uma máscara de tigre e sempre avançava em você? Lembra-se do registro daquele verão que deixamos por escrito, intitulado *Os meninos naufragos*? Obra que provavelmente é meu melhor e mais extraordinário trabalho como autor. O que nos levou a publicar,

na precária forma de uma peça teatral, algo criado exclusivamente para nossa diversão? A resposta é uma só: eu perdi as rédeas. Um por um, como macacos que pulam de galho em galho na floresta do faz de conta, vocês chegaram à árvore do conhecimento. De vez em quando sei que ainda voltam àquela floresta, distraídos. Como alguém que pega o velho caminho para uma casa onde já não mora mais. Ou então trepam exibidos em um galho só para me agradar, fingindo que ainda fazem parte do cenário. Não demora para perceber que a floresta já desapareceu, pois é exatamente isso o que acontece quando alguém precisa se esforçar para enxergá-la. Em determinado momento, percebi que o N° 1, o mais valente do grupo, não acreditava mais ser capaz de enfrentar um exército inteiro de inimigos. Com um olhar misericordioso, zombou da pouca fé que ainda restava no N° 2. Já o N° 3 perguntou se era verdade que durante a noite ele saía para visitar outros lugares. Os dois mais jovens ainda não sabiam a verdade, mas ela não tardaria a aparecer. Foi nessas circunstâncias que a peça *Peter Pan* começou a ser escrita. Vinte e cinco anos atrás. Ainda queimo minhas pestanas em vão procurando me lembrar se a escrevi em uma tentativa desesperada de continuarmos juntos por mais tempo ou se foi uma fria decisão de ganhar dinheiro com a história.

Tudo isso para voltar à confissão incômoda de que não me recordo de ter escrito a peça *Peter Pan*, publicada pela primeira vez depois de estrear nos palcos há tantos anos. Vocês brincaram com ela até cansar e depois a jogaram fora, desprezada e abandonada na lama. Seguiram seus caminhos cantando outras canções. Eu a tomei de volta. Com a ponta da caneta, costurei suas partes. Deve ter sido assim que ela se escreveu, mas não me lembro. Só me recordo de ter escrito o livro *Peter e Wendy* muitos anos depois da produção do espetáculo, que talvez não passe de uma cópia do enredo da peça. Consigo me lembrar de como escrevi quase todas as minhas obras, inclusive as que o público já esqueceu. Não me lembro de *Peter*. Minha primeira peça como dramaturgo amador nos tempos

da escola Dumfries tinha o complicado nome *Bandelero, o bandido*<sup>2</sup>. A lembrança de minha primeira peça profissional também é clara, produzida e encenada pelo senhor J. L. Toole<sup>3</sup>. Chamava-se *O fantasma de Ibsen*, uma sátira das obras do nosso melhor dramaturgo. Para que os produtores não gastassem com datilografia, transcrevi “partes” da peça, depois que me explicaram o que eram as “partes”. Ainda me lembro da primeira fala, dita tão tristemente por uma atriz agora famosa: “Fugir do meu segundo marido como fugi do primeiro me faz lembrar dos velhos tempos”. Na primeira noite, um dos homens na coxia achou *O fantasma de Ibsen* tão engraçada que precisou ser retirado graças às suas gargalhadas. Todos se esqueceram rápido disso porque ninguém guarda esse tipo de coisa na memória. É engraçado que pequenices assim permaneçam na cabeça de alguém que não se lembra de ter escrito *Peter Pan*. Parece até suspeito, principalmente porque não possuo o manuscrito original (exceto por algumas páginas soltas) para comprovar minha autoria. Tenho um manuscrito posterior que “não prova nada”. Não sei se perdi, destruí ou dei o original. Como posso querer dedicar a peça a vocês se nem mesmo consigo provar que ela é minha? O que eu faria se alguém com uma cópia reivindicasse seus direitos? Seriam direitos tão defasados como as risadas de vocês, de onde Peter nasceu e eu o escrevi. Peter não existe mais. Ele hoje mora no fundo das águas da alegre Laguna das Sereias.

Vocês têm mais direitos sobre a autoria do que qualquer outra pessoa. Eu cederia os meus, mas vocês deveriam ter aberto o processo muito tempo atrás, na época em que ainda me admiravam: no primeiro ano de

---

<sup>2</sup> Encenada pela primeira vez em 1877, na Dumfries Academy, a peça de cinco atos *Bandelero, o bandido* (*Bandelero the Bandit*) é o primeiro trabalho de J. M. Barrie, que a escreveu quando tinha apenas dezessete anos.

<sup>3</sup> O ator John Lawrence Toole (1830-1906) participou da encenação de *O fantasma de Ibsen* (*Ibsen's Ghost*), peça de 1891 de J. M. Barrie. Ele atuou também em outra peça de Barrie intitulada *Walker Londres* (*Walker London*), uma comédia em três atos publicada em 1907.

exibição da peça, quando diziam que eu ganhava um xelim e seis pence<sup>4</sup> por noite. O boato era mentira, porém chamou a atenção de vocês. Sei que esperaram ansiosos pela minha próxima peça, não porque talvez fosse divertida, mas com medo de que fosse inspirada em alguma outra brincadeira, o que seria classificado como outra colaboração. De fato, acredito que ainda exista algum documento legal, cheio de termos como “supracitado” e “doravante chamado de coautor” que guarda dentro si alguma cláusula traiçoeira que me obrigue a pagar ao N° 2 um penny e meio por dia enquanto a peça permanecer em cartaz.

Durante os ensaios de Peter (espero que o fato de eu tê-los acompanhado seja uma evidência de minha autoria), um triste senhor de macacão, sempre com uma xícara de chá ou uma lata de tinta na mão, surgia ao meu lado das sombras das primeiras fileiras e dizia: “As crianças pobres vão detestar”. Depois, desaparecia misteriosamente como se fosse um fantasma do teatro. Sua agonia repetia o que outros dramaturgos dizem já terem sentido. Quem sabe, talvez, ele seja o verdadeiro autor? Várias crianças criam frases melhores do que as minhas quando brincam de Peter Pan em suas casas. Sua maestria espontânea poderia facilmente ter escrito a peça. Foram elas que me levaram a acrescentar algo a pedido dos pais (que com isso demonstravam acreditar ser eu o responsável pelo texto), após a primeira produção: que só voariam depois que o pó de fada fosse soprado nelas. Crianças tentaram voar em casa e se machucaram pulando de suas camas.

Mesmo com outros possíveis autores, acredito que eu mesmo escrevi Peter. Devo tê-lo feito da maneira mais mundana: à caneta. Gosto de pensar que escrevi parte do texto no lugar de que mais amo no mundo, minha

---

<sup>4</sup> Plural de “*penny*”, o qual, por sua vez, é a menor unidade de valor no Reino Unido. Um *penny* equivale à centésima parte de uma libra esterlina.

terra natal — embora seja na solitária Londres, que conquistei com tanta dificuldade, o lugar onde meu coração baterá pela última vez. Devo ter sentado à mesa acompanhado de meu grande cachorro. Ele me esperou terminar, sem reclamar, pois sabia que aquele era o modo como ganhávamos a vida, mas me lançou olhares furiosos quando descobriu que o coloquei na peça com o sexo trocado. Anos mais tarde, o ator que interpretou o papel de Nana foi convocado para a guerra e foi substituído por sua esposa. Fiquei aliviado por não sentir nenhuma estranheza com a nova intérprete. Pareceu-me parte da peça. Ofereço este relato confuso como primeira prova de que sou o autor.

Há quem diga que em cada nova fase da vida nos tornamos pessoas diferentes. Não é uma mudança por vontade própria, o que demandaria coragem; é algo que se transforma de maneira suave, mais ou menos a cada dez anos. Essa teoria talvez explique minha atual confusão, mas não acredito nela. Creio que uma pessoa se mantém a mesma a vida toda, passando de um cômodo a outro em determinados períodos, mas sem nunca sair da mesma casa. Se abrirmos os quartos do passado distante, podemos espiar a nós mesmos em processo de formação de quem somos hoje. Dessa forma, se sou o autor em questão, já deveria demonstrar essa tendência em meu primeiro quarto. Por isso, tomarei a liberdade de espiar a mim mesmo. Perto dos sete anos de idade, aqui estou eu e Robb, meu companheiro de conspirações. Ambos vestidos com nossas boinas escocesas, apresentamos um espetáculo na antiga lavanderia. O ingresso é pago com alfinetes ou bolinhas de gude (ensinei muitas coisas sobre a Escócia a vocês, então talvez entendam o que isso significa). Na cena principal nós dois tentamos jogar um ao outro na grande caldeira — embora alguns pudessem dizer que eu também tentava encantar a plateia. Essa lavanderia não foi apenas o local de exibição de minha primeira peça, mas está intimamente ligada a Peter. Foi a inspiração para a casinha de Wendy, que os garotos perdidos construíram na Terra do Nunca, com a diferença de que nessa última o

chapéu de John servia de chaminé. Se Robb também tivesse uma cartolina, tenho certeza de que teria ido parar na lavanderia.

Eis o garoto de novo, quatro anos depois, lendo fervorosamente sobre ilhas desertas, que chama de ilhas de náufragos. Compra em segredo seus livros baratos de contos sangrentos. Vejo uma mudança acontecendo nele quando empalidece ao ler uma revista elitista, chamada *Chatterbox*, que traz críticas fulminantes a esse tipo de literatura. Ele percebe que se sua sede por ilhas não for saciada, estará perdido para sempre. Sai sorrateiramente de casa ao anoitecer com seus livros pulsando sob seu colete. Eu o sigo como a sombra que de fato sou e o vejo cavar um buraco em um gramado da fazenda Pathhead, para ali enterrar suas ilhas. Isso foi há muito, muito tempo, mas eu ainda poderia encontrar o lugar exato e desenterrar o que restou daqueles livros. Lá está ele novamente, mais de dez anos depois. É um universitário ávido por ser um verdadeiro explorador, alguém que realiza suas ideias, mas que ainda é o mesmo menino. Podemos imaginar que aos vinte anos ele estará no alto de um mastro com uma luneta no cesto da gávea em busca de praias selvagens no vasto oceano. Sigo de quarto em quarto. Agora tornou-se um homem que abandonou seus desejos de exploração (simplesmente porque ninguém o aceitaria mais em sua tripulação). Logo criará outras peças, temendo que alguma pessoa mesquinha invente de contar quantas ilhas há nelas. Percebo que conforme os anos passam, suas ilhas se tornam mais sinistras, pelo simples motivo de que agora precisa escrever com a mão esquerda, pois a direita já está esgotada. Todos sabem que pensamentos mais sombrios brotam quando se usa o braço esquerdo. Olhem pelo buraco da fechadura e veremos que tenta saber se as pessoas tolerarão mais uma de suas ilhas. Talvez essa jornada pela casa não convença ninguém de que eu mesmo escrevi Peter, mas me alça ao posto de um de seus prováveis autores. Pausa. Pergunto-me se devo ler a *Chatterbox* de novo, reviver a antiga agonia e enterrar o manuscrito da peça em algum gramado.

Obviamente estou exagerando. Talvez a mudança seja uma condição humana, exceto por insignificâncias que dançam à nossa frente todos os dias na tentativa de nos seduzir. No entanto, não consigo destruir esse castelo de cartas.

Creio que a maior evidência de que sou o autor pode ser encontrada em uma obra melancólica, a supracitada *Os meninos naufragos*. Portanto, peço permissão para alardear esse texto. Meritíssimo, convoque *Os meninos naufragos*. As testemunhas se apresentam como um livro do qual vocês devem se lembrar bem, mesmo que há muitos anos não deitem seus olhos sobre ele. Acabei de retirá-lo com extrema dificuldade da estante, pois era utilizado para sustentar a prateleira de cima. Creio, porque não tenho certeza, de que fui eu, e não vocês, quem teve a ideia de usá-lo para essa finalidade. Está velho e torto por causa do peso que suportava. Aparenta ser uma testemunha vergonhosa liberada da prisão por algumas horas para que forneça seu depoimento a Vossa Excelência. Antes, já citei que essa é minha obra impressa mais rara, pois sua única edição produziu apenas duas cópias. Uma delas (há sempre alguma diabrura em qualquer assunto relacionado a Peter) foi perdida em um vagão de trem. Esta é a única sobrevivente. Os gaiatos presentes ao tribunal talvez presumam que se trate de uma versão manuscrita, dada sua grossura. Foi impressa pela editora Constable (obrigado por sua generosidade, querido Blaikie<sup>5</sup>). Contém 35 ilustrações, capa de tecido e uma estampa na capa que mostra os três mais velhos “zarpando para o naufrágio”. Este conto será revisado pelo mais jovem dos três. Devo-lhe isso como compensação por ter sido tantas vezes privado dessas aventuras por sua babá, que o interrompia com o maldoso argumento de que precisava tirar seu cochilo da tarde.

---

<sup>5</sup> Walter Biggar Blaikie (1820-99) foi o editor-chefe da T. & A. Constable, uma editora com sede em Edimburgo, na Escócia. J. M. Berrie publicou alguns de seus livros pela companhia comandada por Blaikie.

Nº 4 dormia tanto nessa época que foi apenas um membro honorário do grupo. Balançava seu pezinho para dar boa sorte a vocês quando saíam empunhando arcos e flechas para caçar o jantar. Outros poderão examinar o livro em busca de algum vestígio de Nº 5, mas fracassarão. Eis sua folha de rosto, na qual constam seus números, e não seus nomes:

*Os meninos náufragos da ilha Black Lake*

*Um relato das terríveis aventuras dos três irmãos no verão de 1901*

*Fielmente descrito pelo Nº 3*

*Londres*

*Publicado por J. M. Barrie*

*Gloucester Road, 1901*

Há um longo prefácio escrito por Nº 3, no qual podemos averiguar a idade deles à época da publicação. “Nº 1 tinha oito anos e um mês de idade, Nº 2 estava perto de completar cinco e eu já havia passado dos quatro”. Sobre os dois irmãos mais velhos, embora eu os parabeneze por sua coragem, o editor se queixa por sempre quererem ser os atiradores e por levarem a munição de flechas na parte de dentro de suas camisas. O editor é notadamente modesto sobre si mesmo: “Prefiro não dizer nada sobre Nº 3 na esperança de que a história como é narrada mostre que era um garoto de ações, e não de palavras”. É uma virtude que ele suspeita não se manifestar devidamente em Nºs 1 e 2. Seu prefácio termina com uma exaltação: “Anuncio que esta obra foi compilada simplesmente como um registro, a partir do qual podemos reavivar nossas memórias. Agora, é publicada em homenagem a Nº 4. Se nossos exemplos ensinarem a ele sobre coragem e força, podemos considerar que nosso naufrágio não foi em vão”.

Um registro para reavivar suas memórias. Terá reavivado? É possível ouvir novamente, como alguém que nos chama à janela, com um assobio há muito esquecido (Robb assobiava debaixo da minha janela pela manhã, me chamando para irmos pescar)? O assobio parece não ter morrido



e ainda ecoa em alguns dos subtítulos de capítulos? — “Capítulo II, Nº 1 ensina a Wilkinson (seu mestre) uma dura lição — Fugimos para o mar”; “Capítulo III, Um furacão de dar medo — O naufrágio do Anna Pink — Enlouquecemos de fome — Sugestão para comermos Nº 3 — Terra à vista”. Assim eram dois dos dezesseis capítulos. Os dardos que vocês lançavam ainda riscam melodias pela névoa azul entre os pinheiros? Vocês suam para escalar o terrível Vale das Pedras Rolantes? Limpam o sangue de piratas de suas mãos, esfregando-as na Mãe Terra? Ainda sabem fazer fogo esfregando gravetos (como fizeram quando o senhor Seton-Thompson nos ensinou no Clube Reform, um lugar verdadeiramente estranho)? Foi o esforço em construir uma cabana que inspirou Peter a encontrar sua “casa subterrânea”? A garrafa e as canecas naquela cena vívida em “Última noite na ilha” sugeriam que vocês tinham se transformado de garotos perdidos em piratas — uma tendência que talvez também fosse notada em Peter. Ouçam uma vez mais o ruído da serra que roubamos, uma das invenções da qual o homem mais se orgulha. Quando ele criou a serra, a música produzida pela madeira era mais bela do que a dos pássaros.

As ilustrações (de página inteira) em *Os meninos náufragos* são fotografias que eu mesmo tirei. Na verdade, algumas delas eram eventos que criamos posteriormente, pois vocês estavam sempre dispersos e ocupados com outras coisas quando eu batia as fotos. Percebo que misturamos instruções com diversões. Talvez tivéssemos dado nossa palavra de honra para que fosse dessa forma. De outra forma, como poderíamos criar legendas do tipo: “É, sem dúvida...” — diz Nº 1, em um pinheiro com frutas estranhas recentemente amarradas nele — “um *Cocos nucifera*, pois basta observar seu tronco fino que dá suporte a uma coroa de folhas que cai de maneira tão graciosa. Nenhuma obra de arte poderia imitar isso”. “Na verdade” — continua Nº 1, debaixo da mesma árvore, em outra floresta, apoiado em sua fiel arma — “mesmo com os grandes perigos dessas aventuras, me alegraria

passar por privações ainda maiores se os maravilhosos estudos da natureza fossem a recompensa.” No entanto, ele logo volta às atividades práticas, “reconhecendo a manga (*Magnifera indica*) por suas folhas em forma de lança e frutas que se assemelham ao pepino”. N° 1 estava seguro sobre qual seria o melhor tipo de companheiro de viagem em um naufrágio, embora, se não me falha a memória, N° 2 — a quem tais observações pomposas eram dirigidas — algumas vezes reclamava que N° 3 não era alvo de nenhuma queixa parecida. Surpreendentemente, N° 3, mesmo sendo o autor, aparece em apenas algumas fotografias. Como devem se lembrar, isso ocorria em razão da dama mencionada anteriormente. Ela nos privava de nosso convívio para sua soneca do meio-dia, o melhor horário para as fotos. Com uma habilidade indigna de elogios, o fotógrafo às vezes incluía o nome de N° 3 em algum retrato da vida selvagem, mesmo sabendo que naquele momento estava esperneando no sofá na monotonia de sua casa. É por isso que em um retrato dos N°s 1 e 2 sentados do lado de fora da cabana, com caras de poucos amigos, está escrito falsamente que suas caras feias eram porque “seu irmão cantava e tocava um instrumento de povos selvagens. A música...” — sobre a qual N° 3, fora de visão, comenta (prevenindo N° 1) era “grosseira aos ouvidos civilizados, mas tais canções originárias das Arábias são cheias de imagens poéticas”. Talvez ele tivesse permissão para fazer esse comentário, ainda que de cara amarrada no sofá.

*Os meninos náufragos*, mesmo contendo dezesseis cabeçalhos de capítulos, não teve seu texto transcrito e impresso, o que pode resultar em queixas de possíveis compradores. Arrisco dizer, porém, que há maneiras muito piores do que essa para se escrever um livro. Esses cabeçalhos permitem prever muito do que será a peça Peter Pan, mas vários dos incidentes de nossos dias em Kensington Gardens não foram registrados no livro. Cito nossas explorações na Antártida, quando chegamos ao polo Sul antes de nosso amigo capitão Scott<sup>6</sup> e entalhamos nossas iniciais no poste para que ele as encontrasse depois. Era um estranho prenúncio do

que viria a acontecer. Em *Os meninos náufragos*, o capitão Hook já estava presente com o nome de capitão Swarthy. Pelas fotografias parece um homem negro. Não preciso dizer que conhecidos meus consideram esse personagem algo autobiográfico. Vocês lutaram muitas vezes contra ele (embora eu ache que nunca tenham conseguido ferir seu braço direito) antes de chegarem ao terrível capítulo (que pode ser lido na peça) intitulado “Atacaremos o navio pirata ao amanhecer — Uma embarcação corrupta — N° 1 acaba com eles — Uma carnificina de piratas — Resgate de Peter” (aliás, Peter sendo resgatado em vez de resgatar pessoas? Eu sei o que isso significa e vocês também, mas não vamos revelar todos os nossos segredos). A cena da carnificina se chama “O Lago Negro” (mais tarde, quando deixamos mulheres participarem, passou a se chamar “A Laguna das Sereias”). A morte do capitão pirata não foi pela boca do crocodilo, mesmo com crocodilos no local (enquanto N° 2 retirava os crocodilos do riacho, N° 1 caçava papagaios *Psittacidae* para o jantar). Acredito que o capitão tenha mergulhado para a morte a fim de escapar da competição desleal entre vocês, cada um querendo massacrá-lo com as próprias mãos. Em uma ocasião especial, como quando N° 3 deveria assumir essa terrível tarefa, com sua permissão, vocês mesmos se adiantaram na execução enquanto ele dormia. A única representação visual que temos no livro sobre o destino final do capitão Swarthy são duas imagens. A primeira se chama “Nós o amarramos”. N°s 1 e 2, tão valentes quanto Athos, o prendem a uma árvore com uma corda. A face do capitão se contorcia como se fosse uma máscara sorridente (o que de fato era) e suas roupas

---

<sup>6</sup> O oficial da Marinha britânica Robert Falcon Scott (1868-1912) foi o segundo homem a atingir o polo Sul. Em 1912, quando ele chegou ao destino tão desejado, descobriu que o polo Sul havia sido alcançado primeiro pelo explorador norueguês Roald Amundsen, o qual havia deixado a bandeira de seu país fincada no local. O diário de viagem de Robert Scott, encontrado ao lado de seu corpo congelado, em 1912, na Antártida, o tornou um herói no Reino Unido.

eram muito parecidas com as minhas, recheadas com folhas de samambaia. A outra cena, desse mesmo dia, é chamada de “Os abutres o comeram inteiro”. O título fala por si só.

O cachorro de *Os meninos náufragos* nunca foi chamado de Nana, embora é evidente que fora treinado para ser babá. Originalmente, seu dono era o capitão Swarthy (ou seria o capitão Marryat?). Em sua primeira fotografia, ele aparece magro, arredio e arqueado (como consegui obter esse efeito?), “patrulhando a ilha”, atrás de monstros, sem dar nenhum sinal do pilar doméstico que havia se tornado. Nós o atraímos para uma vida melhor. Há uma foto posterior, bastante comovente, e previsão clara do que seria o quarto das crianças Darlings, intitulada “Treinamos o cachorro para cuidar de nós enquanto dormimos”. Na foto, ele dorme em uma posição que demonstra claramente suas responsabilidades. De fato, qualquer problema causado por ele se deve ao fato de, depois de descobrir que estava na história, achar que o caminho mais seguro seria sempre imitar vocês. Muito ansioso em provar que tinha entendido o jogo, mostrou-se generoso e nunca quis se autoproclamar o assassino do capitão Swarthy. Não quero dizer com isso que era desprovido de iniciativa, pois foi ideia dele dar latidos de aviso, alguns minutos antes do meio-dia, para comunicar a Nº 3 que sua babá estava vindo pegá-lo (O desaparecimento de Nº 3). Além disso, ele se acostumou tanto a viver no mundo do faz de conta que, quando chegávamos à cabana de manhã, muitas vezes ele já estava lá esperando por nós, com uma expressão um tanto tola, é verdade, mas com um novo tipo de latido para nos confundir. Só depois percebíamos que ele exigia uma senha para nos deixar entrar. Estava sempre disposto a assumir novas funções, como colocar uma máscara e se transformar em tigre. Mesmo após uma intensa caçada, quando vocês, triunfantes, levavam a máscara de volta para casa, ele se juntava orgulhoso à procissão, sem nunca se queixar de que aquele troféu já havia sido dele. Ele assistiu à peça muito tempo depois, em um camarote do teatro, e, conforme as

cenar conhecidas se desenrolavam, ele se transformava no cachorro mais incomodado que eu já vi. Em uma das matinês, inclusive, permitimos que ele tomasse o lugar do ator que interpretava Nana. Não sei dizer se alguém da plateia chegou a perceber a diferença, embora ele tenha introduzido falas novas para o público — mas que eram nossas conhecidas. Talvez eu o esteja confundindo com seu sucessor nessas memórias, pois houve um sucessor: o fiel terra-nova cuja contribuição nos anos seguintes, por assim dizer, era voltar para a cabana com porcos-espinho para o jantar. Sua cabeça e sua pelagem foram copiados para o figurino de Nana da peça.

Tudo isso parece mesmo estar vindo da nossa ilha, não é? Até as pessoinhas de nossa peça, exceto pelo mais malandro dos personagens, a figura principal, que adentra a floresta cada vez mais fundo quando o perseguimos. Ele detesta ser seguido; é como se sempre escondesse algo suspeito. Mesmo quando ele morre, parece se reerguer e soprar as próprias cinzas.

Wendy ainda não havia aparecido, mas já tentava chegar desde que a fiel babá deu um toque feminino para a peça. Percebemos que seria divertido ter mais um elemento capaz de produzir mais confusão. Talvez por conta do tédio que a peça estava se tornando, algo apareceria em algum momento à nossa revelia. Talvez nem mesmo Peter a tivesse levado para a Terra do Nunca de livre e espontânea vontade, mas fingiu que foi assim porque ela simplesmente não daria sossego. Inclusive Tinker Bell chegou à nossa ilha antes de irmos embora. Foi na noite em que subimos para parte alta do bosque, com N° 4 no colo, para mostrar a ele como a trilha ficava à luz da lua. Nossas lanternas piscavam entre as folhas quando N° 4 notou um brilho e sacudiu alegremente seu pezinho na direção dele. Foi assim que Tink nasceu. Talvez outros momentos emotivos entre N° 4 e Tink tenham passado despercebidos a todos nós. Conforme fomos conhecendo melhor a fada, notamos que ela ia à cabana com frequência experimentar nosso jantar.

Um modo seguro, e às vezes frio, de lembrar do passado é abrir uma gaveta emperrada à força. Quando se procura por algo específico que não se encontra, eventualmente algo muito mais interessante pode cair do fundo da gaveta. Minhas leituras aleatórias ocorrem dessa mesma maneira. Incluí algumas folhas soltas do manuscrito de Peter que tenho. Mesmo essas, quando colocadas de volta na gaveta, desaparecem novamente. É como se as diabruras de Peter também espreitassem por ali. As páginas mostram o que eu extraí daqueles dias e o usei na peça. Na gaveta também encontro trechos das maravilhosas músicas do senhor Crook e outros materiais incompletos sobre Peter. Vejam o comentário de um menino a quem ofereci um lugar em meu camarote e imprudentemente perguntei, ao final, do que ele mais havia gostado. A resposta foi: “Acho que gostei mais de rasgar o livreto da peça e jogar os pedacinhos de papel na cabeça das pessoas”. São coisas assim que me fazem manter os pés no chão. Ainda guardo na gaveta uma cópia do meu livreto favorito da peça. No primeiro ou no segundo ano de Peter, N° 4 estava doente e não pôde assisti-la. Por isso, levamos a peça até seu quarto. Era uma casa no interior que recebeu uma comitiva de veículos quase tão festiva quanto um circo. Os papéis principais ficaram com as crianças mais jovens da companhia e N° 4, na época com cinco anos, assistiu solenemente de sua cama sem sorrir uma única vez. Foi minha primeira e única vez em um palco de verdade. O livreto dessa montagem mostra o quanto eu era menosprezado como ator, pois as letras do meu nome são menores do que as dos outros.

Pouco mencionei N°s 4 e 5 e já passa da hora de encerrar esta dedicatória. Eles tiveram um longo verão, mas em um piscar de olhos já haviam voltado para a escola. Parece que foi na segunda-feira que eu levei N° 5 para uma festa infantil e penteei seu cabelo na antessala. Na quinta, ele me fez aguardar em uma parede da estação de metrô e disse: “Vou comprar os bilhetes. Não saia daí até eu voltar ou você vai se perder”. N° 4 desceu dos meus ombros, onde ficava durante as pescarias. Enquanto eu estava

com as pernas na água até os joelhos, ele se tornou, ainda sendo um mero estudante, meu mais severo crítico literário. Descarto qualquer trabalho para o qual ele torce o nariz. Talvez por sua causa o mundo tenha perdido algumas obras-primas. Escrevi, por exemplo, uma pequena tragédia, que me agradou e fiz a besteira de falar com ele sobre o assunto. Franziu a testa e me disse que seria melhor que desse uma lida. Em seguida, me deu um tapinha nas costas como só ele e N° 1 sabiam fazer e disse: “Você sabe que não consegue escrever esse tipo de coisa”. E assim chegou ao fim a carreira de um escritor de tragédias. Algumas vezes, no entanto, N° 4 gostava do que eu escrevia. Fui ao céu quando ele me devolveu *Dear Brutus* com o seguinte comentário: “Nada mau”. No começo de nossa amizade, quando ele ainda tinha dez anos, quis lhe dar de presente o manuscrito de *Margaret Ogilvy*. “Ah, obrigado”, ele respondeu, e emendou quase imediatamente: “Mas você sabe que não tenho mais espaço na escrivaninha”. Insisti, dizendo que ele poderia descartar as piores partes, mas ele respondeu: “Já li o livro”. Eu não sabia disso, o que me deixou feliz, e respondi que às vezes as pessoas gostam de guardar esse tipo de coisa como recordação. Ele só disse: “Ah”. Comentei, rudemente, que ele não precisava ficar com o manuscrito se não quisesse. “Claro que eu quero, mas você sabe que a minha escrivaninha...” se esgueirou para fora do quarto e voltou cinco minutos depois, arrastando N° 5 e dizendo triunfante: “N° 5 vai ficar com ele”.

Quantas rejeições já tive da parte de todos vocês? As que mais magoaram foram quando, um a um, vocês deixavam de acreditar em fadas e me rebaixaram ao título de mentiroso. Meu maior triunfo e a melhor coisa da peça *Peter Pan* (embora não faça parte dela de fato) é que mesmo muito depois de N° 4 ter deixado de acreditar, consegui devolver sua fé por pelo menos dois minutos. Estávamos em um barco, a caminho de uma pescaria nas ilhas Hébridas, na Escócia (onde pegamos o *Mary Rose*). Mesmo sendo uma viagem de dias, ele manteve seu samburá nas costas o tempo todo, como se achasse que a pesca começaria de repente.

Só ficou triste pela ausência de Johnny Mackay, seu instrutor de pesca no verão anterior que o havia ensinado tudo o que vale a pena aprender (ou seja, sobre moscas). Johnny não pôde vir conosco porque teria de atravessar a Escócia duas vezes até nos alcançar. Quando o barco estava chegando perto de Kyle of Lochalsh, eu disse a N<sup>os</sup> 4 e 5 que aquele píer era famoso porque realizava desejos. Bastava pedir e teriam o que quisessem. N<sup>o</sup> 5 acreditou e na mesma hora disse que seu desejo era encontrar a si mesmo (e depois o vi andando pelo píer, procurando persistentemente entre as pessoas). Mas N<sup>o</sup> 4 achou aquilo uma grande bobagem da minha parte e não quis entrar na brincadeira.

- Quem você mais gostaria de quer ver, N<sup>o</sup> 4?
- Obviamente, eu queria ver Johnny Mackay.
- Bom, então deseje isso.
- Que bobagem.
- Só desejar não faz mal.

Ele fez seu pedido com desdém. Quando estávamos jogando as cordas no píer para amarrar o barco, ele avistou Johnny vagando por ali, carregado de apetrechos de pesca. Johnny Mackay é a pessoa menos parecida com uma fada que conheço, mas por dois minutos N<sup>o</sup> 4 foi transportado para outro mundo. Quando voltou a si, me deu um sorriso de cumplicidade, porém depois se esqueceu de mim por um mês para ficar só com Johnny. Como eu disse, nada disso faz parte da peça. Por essa razão, dedico a peça a vocês, mas guardo comigo aquele sorriso e alguns outros pequenos fragmentos de imortalidade que pude presenciar.





# SUMÁRIO

Peter atravessa	21
A sombra	33
Vamos logo, vamos logo!	45
O voo	63
A ilha se torna realidade	75
A casinha	89
A casa debaixo da terra	101
A Laguna das Sereias	111
A ave do Nunca	127
Lar, doce lar	133
A história de Wendy	141
As crianças são capturadas	153
Quem acredita em fadas?	161
O navio pirata	173
“Desta vez, é Hook ou eu”	183
A volta para casa	195
Quando Wendy cresceu	207
POSFÁCIO	
Peter Pan ou o menino que não queria crescer	221



*Sir James Matthew Barrie* nasceu em Kirriemuir, na Escócia, em 9 de maio de 1860. Seus traumas e perdas criaram um universo lúdico e lúgubre que até hoje influencia a literatura. Em seu mundo — pessoal e aortal —, as responsabilidades e as mazelas da realidade cotidiana não existem. Sem filhos, deixou sua obra máxima como herança para o Great Ormond Street, um hospital para crianças que até hoje recebe os royalties das edições inglesas de Peter & Wendy. Morreu em Londres, Inglaterra, em 19 de junho de 1937.





Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — fiquem ao alcance da comunidade de leitores de língua portuguesa.

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO  
NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

---

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO  
AOS BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.







# DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

*Que você faça o bem e não o mal.*

*Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.*

*Que você compartilhe livremente,*

*nunca tomando mais do que está dando.*

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.



# COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

## *1. Domínio Público*

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso de todos.

## *2. Tradução e Edição*

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita essas obras.

## *3. Clube do Livro para Leitores Extraordinários*

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

## *4. Domínio [ao] Público*

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.



Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias. Assim, fica mais fácil quebrar as barreiras linguísticas do Domínio Público.

---

SEJA EXTRAORDINÁRIO PARA  
200 MILHÕES DE LEITORES

---

VISITE  
[www.dominioaopublico.org.br](http://www.dominioaopublico.org.br)



Este livro é o modo como o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural agradece a sua taxa de associação ou doação.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

---

CONSULTE

[www.dominioaopublico.org.br/permissoes](http://www.dominioaopublico.org.br/permissoes)







---

*Editores*  
Renato Roschel  
S. Lobo

*Diretora de arte*  
Cyla Costa

*Revisores*  
Ana Barbosa  
Amanda Zampieri

---

domínio  
ao público | **mojo**<sup>org</sup>

*Presidente*  
Ricardo Giasseti

*Tesoureiro*  
Alexandre Storari

*Diretores*  
Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

*Conselho consultivo:*

Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira,  
Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller,  
Marcelo Gusmão Eid, Renato Roschel, S. Lobo.

*Agradecimentos:*

André Binhardi, Carola Gonzalez, Daniel Sasso,  
Elaine Rezende, Fernando Ribeiro, Jessica Ferrara,  
Michel D'Angelo, Olivia M. Giasseti, Raphael  
Ramos, Vinicius Aguiar, Vera Gomes Ferreira,  
Walter Pax.

---

*contato@mojo.org.br*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barrie, J. M., 1860-1937  
Peter Pan & Wendy / J. M. Barrie ; traduzido  
por Gabriel Naldi ; ilustrado por André Ducci. --  
1. ed. -- São Paulo : Mojo.org, 2018. --  
(Mundos Extraordinários ; 2)  
Título original: Peter & Wendy  
ISBN 978-85-455108-1-9  
1. Literatura infantojuvenil I. Ducci, André.  
II. Título. III. Série.  
18-21302 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
  2. Literatura juvenil 028.5
- Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427
-



*Este livro foi encontrado escondido no fundo de uma gaveta da mente dos filhos da senhora Darling ao organizar seus pensamentos enquanto dormiam. Ela nos pediu que esta edição tivesse cores especiais e um pouco de pó de fadas na tinta para que flutue enquanto os Leitores Extraordinários dormem e sonham com sua história. A Geográfica imprimiu este volume naquela que ficaria conhecida como “A Noite das Noites”, com capa dura, lettering feito à mão e miolo em papel Pólen 90g/m<sup>3</sup>, nas fontes Din Next LT Pro e Crimson Text. Outubro de 2018.*